



Coleção Sadao Omote 

UMA IDENTIDADE MIGRANTE



Série História da Educação Especial

EDESP-UFScar



Volume 10

Uma Identidade Migrante



Leonardo Santos Amâncio Cabral
Camila Mugnai Vieira

Uma Identidade Migrante

Volume 10

1ª Edição

São Carlos / SP

Editora De Castro

EDESP-UFSCar

2023

Copyright © 2023 de Leonardo Santos Amâncio Cabral e Camila Mugnai Vieira

Editora De Castro

Editor: Carlos Henrique C. Gonçalves

Conselho Editorial:

Alonso Bezerra de Carvalho – Unesp
Antenor Antonio Gonçalves Filho – Unesp
Bruna Pinotti Garcia Oliveira – UFG
Célia Regina Delácio Fernandes – UFGD
Cláudia Starling Bosco – UFMG / FaE
Felipe Ferreira Vander Velden – UFSCar
Fernando de Brito Alves – UENP
Flávio Leonel Abreu da Silveira – UFPA
Heloisa Helena Siqueira Correia – UNIR
Hugo Leonardo Pereira Rufino – IFTM
Jáima Pinheiro de Oliveira – UFMG / FAE
Jucelia Linhares Granemann – UFMS
Layanna Giordana Bernardo Lima – UFT
Lucas Farinelli Pantaleão – UFU
Luciana Salazar Sagado – UFSCar / LABEPPE
Luis Carlos Paschoarelli – Unesp / Faac
Luzia Sigoli Fernandes Costa – UFSCar
Marcia Machado de Lima – UNIR
Marcio Augusto Tamashiro – IFTO
Marcus Vinícius Xavier de Oliveira – UNIR
Mauro Machado Vieira – UFU
Osvaldo Copertino Duarte – UNIR
Zulma Viviana Lenarduzzi – UNER / Argentina

EDESP – Editora de Educação e Acessibilidade da UFSCar

Diretor: Nassim Chamel Elias

Editores Executivos

Adriana Garcia Gonçalves
Clarissa Bengtson
Douglas Pino
Rosimeire Maria Orlando

Conselho Editorial

Adriana Garcia Gonçalves – UFSCar
Carolina Severino Lopes da Costa – UFSCar
Clarissa Bengtson – UFSCar
Christianne Thatiana Ramos de Souza – UFPA
Cristina Broglia Feitosa de Lacerda – UFSCar
Cristina Cinto Araújo Pedroso – USP
Gerusa Ferreira Lourenço – UFSCar
Jacyene Melo de Oliveira Araújo – UFRN
Jáima Pinheiro de Oliveira – UFMG
Juliane Ap. De Paula Perez Campos – UFSCar
Marcia Duarte Galvani – UFSCar
Maria Josep Jarque – Universidad de Barcelona
Mariana Cristina Pedrino – UFSCar

Nassim Chamel Elias – UFSCar / Presidente
Otávio Santos Costa – UFMA
Rosimeire Maria Orlando – UFSCar
Valéria Peres Asnis – UFU
Vanessa Cristina Paulino – UFMS
Vanessa Regina de Oliveira Martins – UFSCar

UFSCar

Reitoria

Ana Beatriz de Oliveira

Vice-reitoria

Maria de Jesus Dutra dos Reis

Apoio

Esta publicação foi financiada com o apoio da:

- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – CAPES/PROEX n° do Processo: 23038.006212/2019-97.

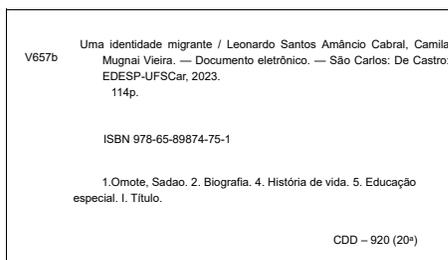
Projeto gráfico: Carlos Henrique C. Gonçalves

Capa: Francielle Cristina de Paula

Preparação e revisão de textos/normalizações (ABNT):

Paula Sayuri Yanagiwara

Revisão de japonês: Lucia Lyca Nakamura



Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Comunitária da UFSCar
Bibliotecário responsável: Aníto Martins - CRB/8 7180

DOI: 10.46383/isbn.978-65-89874-75-1

Todos os direitos desta edição foram reservados Leonardo Santos Amâncio Cabral e Camila Mugnai Vieira. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n° 9.610/1998).

Editora De Castro

contato@editoradecastro.com.br
editoradecastro.com.br



EDESP – Editora de Educação e
Acessibilidade da UFSCar

www.edesp.ufscar.br



AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs), por oferecer condições para a realização deste trabalho.



"Quem reconhece um sábio, pode tornar-se também um sábio"

Link Externo: Música >>

Sumário

Prefácio	11
Prólogo	14
1º Ato: “O Antes” – Imigração do Japão para o Brasil	23
2º Ato: O início da vida do Prof. Sadao Omote	31
Entreato <i>Kodomo jidai</i> : lembranças da infância	33
Entreato <i>Ganbare</i> : cresça, esforce-se, persista	36
3º Ato: “Alguma coisa acontece no meu coração...”	43
Entreato <i>Shozoku</i> : em busca do pertencimento	44
Entreato <i>Kikai wo sagashite</i> : desbravador	45
Entreato <i>Shigoto no kanōsei o sagutte</i> : Explorando possibilidades de trabalho	47
Sadao Datilógrafo	47
Sadao Correspondente comercial	47
Sadao Vendedor de bilhetes de loteria	48
Sadao Vendedor de kit educacional de química	48
Entreato <i>hanegoshi</i> : determinação e disciplina	49
Entreato <i>jitsuzon shugi to seishin-sei</i> : existencialismo e espiritualidade	51
Entreato <i>Shokugyō</i> : em busca de conhecer sua vocação	51
Entreato <i>Yokubō e Yūki</i> : desejos e coragem	52
4º Ato: Novas experiências e muitas transformações	54
Entreato <i>Bunka no chigai</i> : culturas e diferenças	55
Entreato <i>Hirogaru chiheisen</i> : ampliando horizonte	55
Entreato <i>Jiko ninshiki</i> : autoconhecimento	58

5º Ato: Uma visita a Pasárgada	60
Entreato <i>Eniguma</i>	64
6º Ato: <i>Daigaku Kyōju to shinri gakusha</i> – Professor Universitário e Psicólogo	67
Entreato <i>Shōgaisha muke no shien kikan</i> : Instituições para pessoas com deficiências	69
7º Ato: <i>Kazoku Daigaku seimei</i> – Família e vida acadêmica	75
Entreato <i>Oshieru</i> : Sadao e o ensino	79
Entreato <i>Kyōshi ikusei</i> : reflexões de Sadao sobre a formação de professores	80
Entreato <i>Chiiki mukeno gakujutsu katsudō</i> : Sadao e a extensão	81
Entreato <i>Kensaku</i> : Sadao e a pesquisa	83
Entreato <i>Sanji</i>	87
8º Ato: <i>Wabi Sabi</i> – Rupturas, imperfeições, transitoriedades, recomeços e/ou meras continuidades	90
Entreato <i>Kyōsei taishoku</i> : Aposentadoria compulsória	91
Entreato <i>Shakaiteki hakudatsu</i> : a privação social	92
Entreato <i>Hikkoshi</i> : A Mudança de Residência	92
Sobre as rupturas	95
9º Ato: <i>Yume wo jitsugen shite</i> : Materializando Sonhos	97
Entreato <i>Karera to tomoni yume o kanaeru</i> : “com eles, sonhos a realizar”	101
10º Ato: Epílogo	106
Biógrafos	115

Prefácio

Escrever o prefácio deste volume parecia-nos uma tarefa relativamente tranquila. Afinal, se trata de uma biografia do nosso pai, com quem passamos uma vida inteira. De fato, falar sobre “Sadao, o Pai” é muito fácil e prazeroso. Sentimos muito orgulho da educação que nos foi passada e, acima de tudo, dos valores que absorvemos pelo convívio com este grande homem. Como filhos, tivemos o afeto necessário para que nos sentíssemos crianças bem-acolhidas. Prova deste carinho são as lembranças que ficaram da época de criança.

Eu, Maíra, lembro-me das nossas férias, sempre muito bem-planejadas por nosso pai e aproveitadas por nossa família. Nos momentos de descanso, nossos momentos, nosso pai estava sempre rodeado de livros, papéis e caneta. Para ele o tempo é precioso, e o trabalho, prazeroso. Enquanto nos esperava sair da escola, tinha sempre um livro à mão. A partir do momento que nos encontrava, a atenção era sempre nossa, sempre disponível para nos ouvir e orientar.

Já eu, Hélio, me lembro de momentos quando tinha meus 3 ou 4 anos de idade e ia junto de meu pai para o trabalho. Lembro-me com detalhes da sua sala, com uma infinidade de estantes cheias de livros e pastas, uma mesa sempre cheia de papéis amontoados e duas cadeiras de madeira com estofados verdes que eram aproximadas de frente para que eu pudesse tomar minha mamadeira deitado. Quanta diversão aquela pequena sala me proporcionou.

Como esses momentos, ficaram inúmeros outros que hoje influenciam de forma positiva a relação que temos com nossos filhos.

Como seres humanos, tivemos, por um bom tempo, o privilégio do convívio diário que nos possibilitou ter em casa um exemplo a ser seguido. Sempre com uma tranquilidade de espírito, ensinou-nos muito mais com atitudes do que com palavras. Características como disciplina, esforço, compromisso, honestidade e respeito são alguns dos preceitos mais fortes que recebemos de nosso pai. Assim, talvez a tradução do maior ensinamento que nos foi passado por ele esteja naquele ditado popular que diz que “atitudes valem mais que mil palavras”. E isso fez toda a diferença para nos tornarmos as pessoas que somos hoje.

Não bastasse a educação, mais tarde viemos a saber que tínhamos em casa um “*popstar*”. Confessamos que ficamos surpresos na primeira vez que fomos a um congresso com ele e, ao final, várias pessoas pediam para tirar foto com nosso pai. Na vida adulta, convivemos com diálogo do tipo:

- Seu sobrenome é Omote? Você é parente do Professor Sadao Omote?
- Sim, sou filha/o dele.
- Não acredito!!! Seu pai é uma pessoa muito importante.

Por fim, tínhamos até alguns amigos mais próximos que se apropriavam desse sucesso, autointitulando-se “amiga/o dos filhos do Professor Sadao”.

Dizem que bons filhos devem conhecer a biografia de seus pais, e confessamos que, ao ler esta obra, pudemos viajar nas recordações de lugares onde passamos a infância e, surpreendentemente, conhecer com mais detalhes outros momentos da vida do “Sadao, o Ser humano”.

Inevitavelmente, fazemos associações da influência de sua história com o desenvolvimento de características de nosso pai, por exemplo, a incessante disciplina que tem em absolutamente tudo que faz. Aqueles que o conhecem sabem que esta é uma característica marcante dele e que foi construída pela necessidade de transpor grandes desafios à base de muito esforço.

Um dos sonhos do “Sadao, o Pai e Ser humano” é fazer uma viagem para o Japão junto de toda a família. Conhecendo um pouco mais da sua história, entendemos este sonho como um importante exercício de auto-conhecimento, para nós, inclusive. Lendo e conhecendo sua história nos sentimos filhos melhores e mais orgulhosos.

Por fim, agradecemos, em nome da família, aos professores Camila Mugnai Vieira e Leonardo Santos Amâncio Cabral por proporem esta justa homenagem a um homem que deixa tantos ensinamentos para tantas pessoas, e esperamos que esta obra sirva de inspiração para tantas outras. Agradecemos também o honroso convite para, na qualidade de filhos, escrever este Prefácio.

Maíra de Sena Gouvêa Omote

Hélio de Sena Gouvêa Omote

Julho/2023

Prólogo

Leonardo Cabral

Camila Mugnai

Após elementos importantes de toda uma vida do Prof. Sadao Omote terem sido apresentados e representados ao longo dos outros nove volumes precedentes a este, por meio de produções acadêmico-científicas e depoimentos, iniciamos o último volume que constitui a Coleção Sadao Omote com um *prólogo*.

Ora, prólogo? Que sentido teria esse elemento no Volume 10 se, na atmosfera teatral, um prólogo deveria preceder o “primeiro coro”, representado pelo Volume 1 desta coleção? Sua trajetória historiográfica na área da Educação Especial já não está representada principalmente por pesquisas que contribuíram e pavimentaram a construção da Abordagem Social da Deficiência no Brasil, além de investigações relacionadas a atitudes sociais, famílias de pessoas com deficiências, orientação educacional, formação de profissionais e métodos de pesquisa?

Recordemos aquilo que o Prof. Sadao Omote disse sobre a coleção no capítulo “Trajetória Autobiográfica”, presente em todos os volumes:

Não há nem norte cronológico nem um agrupamento temático rigorosamente definido pelo conteúdo de cada texto, uma vez que a produção bibliográfica de um autor não segue necessariamente uma lógica linear previamente definida, mas transcorre um pouco ao sabor das demandas e oportunidades (OMOTE, 2023, p. 14).

Poderíamos deixar essas questões à parte, sem elucidarmos esse aspecto aos leitores. Contudo, é importante mencionarmos que, após entrelaçarmos cuidadosamente a historiografia do Prof. Sadao Omote à sua produção acadêmica por meio desta coleção, compreendemos (aos poucos) que seu modo reservado de existir, somado a uma maneira respeitosa de relacionar-se com as pessoas, parecia “esconder” a intimidade de uma história de vida repleta de desafios, enfrentamentos e aprendizados.

A partir desta coleção é possível perceber que, até organizarmos o Volume 9, “Educação Especial: o Encontro com Godot”, tínhamos aces-

so ao sujeito professor, pesquisador e orientador, cujo caráter sempre demonstrou sua disposição e generosidade em não “apenas” compartilhar seus conhecimentos. Seu empenho profissional em apresentar desafios junto aos outros revelava-se de maneira paulatina e cuidadosa, valorizando e incentivando esforços individuais e coletivos, compreendendo seus respectivos tempos, ritmos e, eventualmente, dificuldades. Quem já teve a felicidade de conviver um pouco com o Prof. Sadao Omote, em qualquer ambiente que fosse, potencialmente pôde compreender seu caráter amigável em suas relações.

Contudo, isso não significava necessariamente um compartilhamento e/ou confiança de suas histórias mais íntimas, que seguramente poderiam ser fontes de muitos ensinamentos. Em sua estrutura, parece-nos haver um contorno fortemente construído que solidariamente demarca os espaços entre o que é público e o que é privado.

Talvez os leitores não compreendam, de imediato, a complexidade e a riqueza do exercício de se aproximar de uma história de vida totalmente perpassada e construída pela convivência com sujeitos diferentes entre si, que em algumas culturas eram desviantes e, a depender das concepções e contextos, estigmatizados.

Esses cenários pulsaram em sua subjetivação, potencializando uma genuína disposição para compreender sensivelmente a existência de si e dos outros. Isso pode ser percebido, em partes, nos volumes da Coleção Sadao Omote.

Ao longo dos últimos anos, alguns acontecimentos pessoais e profissionais de sua vida emergiam em diálogos constantes entre nós e o bibliografado. Em especial, destacamos um fato ocorrido em Toronto, no Canadá, em ocasião do XIX ISA *World Congress of Sociology*, promovido em 2018 pela *International Sociological Association*, quando o professor Sadao Omote apresentou sua comunicação intitulada *Itinerary of a Migrant Identity* (que compõe o Volume 9 desta coleção).

O texto tecia reflexões e relações entre sua vida pessoal e profissional, evidenciando elementos de sua história que o foram constituindo como sujeito pensante e sensível, tanto nas relações familiares e entre amigos quanto em sua prática docente, como orientador e pesquisador.

Na ocasião, os inesperados *feedbacks* de sociólogos, antropólogos e até mesmo de imigrantes em relação à sua apresentação foram muito interessantes. Alguns que leram o seu texto completo nos anais do evento começaram a sugerir que ele escrevesse sua autobiografia.

Parecia-lhe estranha, porém, a ideia de escrever um livro a respeito de si próprio. Como sempre, demasiado humilde, Sadao não se sentia confortável em “estar sob os holofotes”, algo que sempre evitou. Mas, a partir

daquela experiência, Sadao ficou intrigado sobre o possível impacto de sua história em outras pessoas.

Lendo a Autobiografia de Norberto Bobbio, o professor Sadao nos disse que passou a ver naquele tipo de texto a possibilidade de carregar alguma partilha significativa aos leitores. Então, como um bom observador e eterno aprendiz, Sadao captou a potencialidade que a experiência lhe possibilitava e transformou a ideia apresentada em um processo rico de elaboração de afetos e vivências pessoais, aproximação de gerações e aprofundamento de relações interpessoais de aprendizado mútuo.

Considerou que, talvez, não houvesse problema se outra pessoa escrevesse a seu respeito, até porque estava começando a sentir que compartilhar com colegas da área a relação entre a sua história de vida e a trajetória acadêmica percorrida seria parte dos seus compromissos sociais.

De maneira despreziosa e nada planejada, nascia naturalmente uma “coaproximação” entre Prof. Sadao Omote, Profa. Camila Mugnai e Prof. Leonardo Cabral, em momentos e situações distintas, que fundamentaram o fato de hoje sermos os seus biógrafos neste volume tão especial.

Inicialmente, o Prof. Sadao Omote fez um convite à Camila Mugnai¹ para que, juntos, elaborassem sua biografia. Naquela ocasião, Sadao já vinha compartilhando com colegas de seu Grupo de Pesquisa “Diferença, Desvio e Estigma” sua intenção para o início do movimento de redigir reminiscências e retomar sua história de alguma forma. Enquanto forte entusiasta, Camila estimulou Sadao a enfocar inclusive sobre mais aspectos afetivos, por vezes desconhecidos por pessoas que não conviviam cotidianamente com o professor.

Sentindo o gigantesco desafio e a honra de registrar e tornar pública uma história como a do professor Sadao, eles começaram as incontáveis reuniões para o compartilhamento de seus materiais e de suas memórias, bem como para o delineamento do formato que essa obra poderia ser. A cada encontro, novas lembranças vinham à tona, gerando outras reflexões e transformando a proposta.

Foi então que, em 2020, a pandemia da Covid-19 obrigou todos ao distanciamento social, e, com tantas perdas de vidas e receios, aquele momento gerou repercussões diversas na saúde física e mental de todos. Os encontros tornaram-se virtuais, mas não deixaram de acontecer.

¹ Conheci Sadao em 2004, quando ingressei no Mestrado na UFSCar e fiz disciplinas como aluna especial na Unesp/Marília. Nesses quase 20 anos, compartilhamos projetos e produções e tivemos muitas conversas e oportunidades para nos conhecermos mais intimamente, formando um laço de amizade, além da relação já respeitosa e produtiva entre orientador-orientanda. Na ocasião, eu era orientanda do pós-doutorado do Prof. Sadao Omote, psicóloga, vice-líder do Grupo de Pesquisa do CNPq “Diferença, Desvio e Estigma”, junto a ele, e docente da Faculdade de Medicina de Marília.

Em 16 de dezembro de 2020, professor Sadao foi aposentado compulsoriamente da Unesp/Marília, no dia em que completava 75 anos. Imaginando o impacto que esse acontecimento traria ao professor, ainda mais naquele contexto pandêmico, Camila organizou uma surpresa para a data: um vídeo ([link externo](#)) que contou com muitos depoimentos em homenagem ao professor, com colegas, ex-alunos e orientandos, de gerações diversas, relatando histórias junto ao professor e a importância dele em suas vidas. Foi emocionante e acalentador para um momento de muitas mudanças e incertezas.

Meses antes, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE) promoveu a série “Métodos de Pesquisa em Educação Especial”. Naquela ocasião, Leonardo Cabral preparou e leu um texto também em homenagem ao professor ([link externo](#) para o vídeo). Em razão disso, Camila convidou Leonardo a compor o referido vídeo de homenagem com seu depoimento, por sentir que, em pouco tempo de convívio com Sadao, ele tinha sido sensível para captar a essência do professor e transmiti-la em palavras. Além disso, ambos já estavam trabalhando juntos no Memorial da Educação Especial ([link externo](#)), para o qual resgatavam e compilavam textos acadêmicos de autoria do professor Sadao, publicados há muito tempo ou inéditos.

Foi assim que nasceu essa triangulação das relações entre Sadao, Camila e Leonardo para a construção desta biografia. Tudo foi fazendo mais sentido quando, mesmo após a sua aposentadoria compulsória, emergiam mais explicitamente a intenção e postura ética de Sadao em encontrar modos de organizar e difundir uma devolutiva à sociedade que, segundo ele, tanto investiu em sua formação pessoal e profissional:

Aos poucos, a coleção foi adquirindo uma significação especial. Sempre estudei em escola pública. Fiz praticamente toda a minha carreira profissional em universidade pública. Graças não exata e unicamente a serviços públicos (como estudante e como trabalhador), mas a todas as comunidades pelas quais passei, nas quais aprendi tudo isso que faz de mim quem sou. Portanto, tenho compromisso com essa sociedade, não exata e unicamente no sentido de dar retorno e deixar alguma contribuição, mas de integrar toda essa experiência acumulada à comunidade. É nesse sentido que a coleção parece ser um bom veículo (narração do Prof. Sadao aos autores).

Foi inestimável, então, o momento em que compreendemos que tínhamos uma abertura para que esse propósito pudesse ser organizado (como se não bastassem todas as suas contribuições para a ciência brasileira). Integrantes dos Grupos de Pesquisa “Diferença, Desvio e Estigma” (Unesp/Marília) e “Identidades, Deficiências, Educação e Acessibilidade” (GP-Idea/UFSCar) reuniram esforços até chegarmos ao Volume 10 desta coleção.

Uma ressalva, porém. Em seu jeito discreto e reservado, deparamo-nos com uma preocupação do Prof. Sadao: “acho interessante a ideia, Ca-

mila e Leonardo, mas eu não gostaria de, a essa altura da vida, ser compreendido como alguém que queira holofotes, o que é bastante comum na vida acadêmica”. Sinalizamos compreensão e pensamos em diversas maneiras para escrever sua biografia, respeitando sua intenção e preocupação.

Aos poucos, percebemos que ele foi se aproximando de sua própria história, resgatando documentos e memórias de sua infância, juventude e vida adulta, além de estabelecer diálogos com familiares e amigos como fontes genuínas de lembranças que constituem o presente volume.

Nessa caminhada, pudemos acompanhar o Prof. Sadao até o seu encontro com Godot. Naturalmente, enquanto pessoas que admiram alguém como ele, enganamo-nos ao compreendê-lo como um sujeito “formado” e/ou “completo”. Felizmente, sua potência nos transmite o fato de ele ser um sujeito inacabado e, portanto, “uma identidade migrante”. Parece-nos que ele faz, talvez despropositadamente (?), da sua vida uma arte.

Nós, Camila e Leonardo, compreendendo a beleza dos ensinamentos de sua vida, pedimos a ele a licença poética para percebê-lo como um protagonista de uma peça, em um tom biográfico e com elementos/vocábulo teatrais.

Afinal, biografia é uma das possíveis fotografias de um teatro da vida, cujo repertório pode ser constituído por um conjunto de peças, ora realizadas por um mesmo grupo de pessoas, ora com o mesmo estilo, ora na mesma época. Ainda, integra o repertório o conjunto de papéis que ele mesmo já interpretou em cenas de sua vida e que fazem parte (ou não) do seu modo atual de existir.

Percebe a complexidade de se escrever uma biografia, confiada a nós por uma pessoa que tanto estimamos? Imaginando a trajetória do Prof. Sadao Omote constituída como um conjunto de episódios significativamente importantes em seus momentos de vida, organizamos o volume em Atos, a partir de seus próprios “rel-Atos”.

Em todos os atos e entreatos que constituem o presente volume, representados por termos que dialogam com a filosofia japonesa², consideramos utilizar um gênero narrativo que trouxesse elementos que permitissem a descrição das encenações, como: dramaticidade, psicodramas, efeitos de destaque, ações cênicas com certa comicidade, contrapontos e entreatos. Quando possível, buscamos até mesmo um conjunto de movimentos, gestos e atitudes, acordado com as fisionomias, os tons e os silêncios, de modo a trazer aos leitores uma quase totalidade emanada dos

2 Como forma de valorizar suas origens e homenagear a cultura nipônica, buscamos termos no idioma japonês para comporem alguns dos títulos dos capítulos e subcapítulos, aqui denominados atos e entreatos. Pesquisamos expressões que representassem os sentidos que gostaríamos de empregar em trechos da biografia e compusemos a integração da língua brasileira com a japonesa, assim como professor Sadao compreende sua identidade nessa rica e complexa junção de culturas tão diversas. Agradecemos a Lucia Lyca Nakamura, e-mail: llycanakamura@gmail.com, pela revisão da língua japonesa.

momentos descritos, considerando-se intervalos, quadros, significados, significantes e intertextualidades.

Cumpramos destacar que, na proximidade com o realismo dos fatos a partir das memórias do Prof. Sadao, ainda que tenhamos valorizado a teatralidade³ do caráter simbolista, metafórico e poético, valendo-nos de momentos de suspense, tragédias e até mesmo de sublimação, buscamos evitar qualquer tipo de ficção, entrelaçada com aspectos grotescos ou burlescos como caricaturas, fantasias, absurdos e irreais.

Para trazer estrutura, ambientação, representação, estética e sentido às circunstâncias e manobras das narrativas das cenas de cada Ato, foi necessário reunir elementos para projetar, arquitetar, construir, assoalhar e decorar os cenários dos contextos.

Tudo ocorre nos limites do espaço cênico, e, nesse espaço imaginativo com fatos reais, convidamos os leitores a terem a liberdade de considerarem, ou não, o que possivelmente pode estar acontecendo nos bastidores desses cenários, onde atores, equipes e cenografia se movimentam.

Nesse processo, luzes, sombras e *blackouts* ambientam toda a história de vida do Prof. Sadao Omote. Esse plano de iluminação, porém, é um roteiro que dependerá do envolvimento entre leitores e narrativas. Digamos que os leitores têm autonomia para serem os luminotécnicos em ação.

Nesse plano cenográfico, para o entendimento da ação dramática, foi desafiador traduzir a marcação das cenas narradas pelo biografado, considerando o conjunto de movimentos, posturas e localização de cada personagem e suas relações com os elementos constituintes do cenário em tela⁴.

Assim, trabalhamos em conjunto com o Prof. Sadao nessa dramaturgia, atuando todos os três como diretores, encenadores, cenógrafos e coreógrafos de um espetáculo. Nessa caminhada, a princípio, pareceu-nos não ter havido diferentes “ensaios” e que os caminhos puderam ser representados estritamente por uma experiência de trocas para o planejamento e execução do que nos propusemos.

Todavia, quando consideramos o cuidadoso, metódico e sistemático trabalho de diálogos, registros, organização, diagramação, criação de artes

3 Podemos fazer referência ao *kabuki*, uma forma de espetáculo artístico baseada no teatro popular. Cada ideograma da palavra “kabuki” (ka, bu e ki) significa, respectivamente, canto, dança e habilidade, ou seja, “a arte de cantar e dançar”. Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/japao/kabuki.htm>. Além dessa, podemos fazer referência ao *Nô*, drama lírico japonês (mimicado, cantado e dançado, com coros e instrumentos), executado no teatro, com guarda-roupa e máscaras, sem cenário. Compreende seções de prosa (*kotoba*) e de poesia (*uta*). Inspira-se geralmente em lendas e contos antigos do Japão, onde os seus atores são o *shitô* e o *waki*, o segundo é uma espécie de duplo do primeiro. Fonte: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-18284/teatro-noh/>.

4 A biografia foi organizada, de certo modo, cronologicamente no relato dos acontecimentos, processo visto como interessante por Sadao, que pôde visitar eventos inclusive de sua infância, lembrando-se de eventos que até então pareciam esquecidos. Há certas idas e vindas em alguns momentos, conforme os eventos remetem uns aos outros ou merecem comentários de destaque por dinâmicas marcantes que se repetem em diferentes acontecimentos ao longo do tempo.

audiovisuais, preocupação com acessibilidade, dentre outros inúmeros aspectos que constituem esta obra, arriscamo-nos a dizer que fizemos diferentes ensaios e leituras⁵, ajustando temas, tempos-ritmos, tramas, unidades de lugar e de tempo, até que este volume viesse a público.

Por vezes, também, mesmo mergulhados enquanto biógrafos à parte do Prof. Sadao Omote, sentíamo-nos como se estivéssemos nos bastidores, no papel de contrarregras, guiões e cortineiros: colocando em cena os elementos cênicos e os efeitos especiais pensados pelo biografado, cuidando da limpeza, dos reparos e das luzes, dando os sinais para início e final do espetáculo, para a execução das tarefas dos demais técnicos e para a entrada dos atores em cena.

Uma de nossas preocupações, porém, foi com o limite da poética e com a fidedignidade dos fatos. Aos poucos, fomos compreendendo que o gênero literário poderia prever canovas⁶ e permitir mutações, mesmo que parcialmente, de um cenário no desenrolar de uma cena, ou no final de um quadro, ou de um ato. Isso porque foi necessário organizar uma longa trajetória de vida em algumas unidades de ação impressas em pouco mais de uma centena de páginas. Por mais que sejamos os autores, o Prof. Sadao é o dramaturgo desta biografia, na qual ele também é o protagonista, mas não só.

Encontramos aí outro desafio: o de distanciarmo-nos um pouco de nossa admiração por ele, para não o colocar em um pedestal e, assim, desumanizá-lo. Tomamos cuidado, portanto, de não incorreremos equivocadamente nos extremismos representados pelo teatro grego, por exemplo: o *Deo ex machina*; o ditirambo; o épico; o êxodo; a fatalidade; a catástrofe; a *catharsis*; o herói; o monstro sagrado; o páthos; e o *star system*.

Sadao destacou repetidamente o quanto essa experiência o levou a dar diferentes sentidos a algumas vivências. Entendeu que a reação a um fato não precisa ser apenas proativa ou reativa. A resposta reativa pode ser passiva ou ativa. Reagir passivamente significa sucumbir; reagir ativamente significa dar sentido às coisas, entender o porquê das coisas, entender a sua própria participação no evento, buscar alternativas de saída para a si-

5 Ensaio: Treino metódico e sistemático feito com atores e técnicos, sob a orientação de um diretor teatral, visando a encenação de um espetáculo. Ensaio à italiana: sem movimentação, no qual só o texto é dito o mais rapidamente possível. Intervêm todos os atores. Ensaio Corrido: sem interrupções, com a movimentação das personagens/atores toda estabelecida, e ajustados os elementos da direção; serve para cronometrar o tempo do espetáculo e imprimir-lhe o ritmo desejado. Ensaio de leitura ou à mesa: serve para todos os participantes se conectarem com o texto que vai ser dramatizado. Ensaio geral: normalmente é o último ensaio antes da estreia do espetáculo, em que é estabelecido o ritmo geral. Esse ensaio é basicamente um espetáculo experimental, com todos os elementos em funcionamento, momento em que são regulados e definidos todos os efeitos de luz e som, permitindo um balanço antecipado do espetáculo. Fonte: Teatro em Escala ([link externo](#)).

6 O canova é o resumo (o roteiro) de uma peça, para as improvisações dos atores, em particular na *Commedia dell'arte*. Os comediantes usam os roteiros (ou canovacci) para resumir a intriga, fixar os jogos de cena, os efeitos especiais ou os lazzi.

tuação, buscar tirar proveito da experiência. Esta é uma das características mais marcantes da personalidade do biografado.

Assim, pode ser interessante notar o quão difícil foi para nós percebermos que, em algumas vezes, ele também precisou ser coadjuvante e até mesmo figurante de sua própria história, demonstrando a convivência solidária entre suas identidades a depender de cada contexto em que vive. E isso não reduz em nada a sua potência de existir. Pelo contrário.

Nesse palco, portanto, para além dos elementos narrativos, cenográficos e de direção, o Prof. Sadao nos traz um elenco muito diversificado de atores e atrizes que contracenam entre si, com seus respectivos personagens e papéis, além de figurantes e técnicos que participam da montagem de seu próprio espetáculo.

Cuidadosamente, foi possível acessar algumas características desses atores e atrizes que permitiram a distinção entre suas individualidades e originalidades, seja com base em seus respectivos traços físicos, psicológicos e/ou morais, valendo-se ou não de adereços, figurinos e indumentárias. Os papéis desses personagens, então, são performados ao longo dos atos, compondo a história como um todo.

No processo biográfico, fomos nos sentindo autorizados por Sadao a compartilhar olhares sobre esse caminho, com algumas interpretações singulares, mas não definitivas. Ao longo dessa caminhada, pudemos explorar emoções e nos aprofundarmos no que possivelmente há de mais essencial na vida humana: as relações interpessoais na diversidade e seus afetos. Assim, compreendemos que, mais do que realizar uma historiografia, fomos atravessados por uma história que leva a reflexões e a transformações.

Em um misto de tarefa árdua e prazerosa, buscamos organizar as recordações que o Prof. Sadao resgata para nós. Nesse exercício, certas vezes buscamos priorizar uma organização cronológica dos fatos e, outras vezes, percebemos que seria mais compreensível se relacionássemos tais lembranças a fatos atuais de sua vida.

Então, convidamos os leitores a atravessarem a quarta parede que separa o palco da plateia e, assim, a mergulharem e se integrarem nessa história de vida. Lançando mão do *happening*, vivencie as cinestésias das cenas, suas sonoplastias, cheiros e cores eventualmente ilusórios, os subtextos.

Será que você encontraria identificação e verossimilhança nas ações, personagens e lugares aqui biografados? Seria essa biografia uma estreia? Qual epílogo você imagina para uma identidade migrante que encontra Godot?



1º Ato: “O Antes” – Imigração do Japão para o Brasil

Assim como em peças de teatro, tivemos a intenção de apresentar o Primeiro Ato da biografia do Prof. Sadao Omote com base nas memórias por ele aprendidas e aprendidas, ao longo de seus atuais 77 anos de vida, por meio das narrativas de seus familiares que vieram ao Brasil antes mesmo de ele nascer.

As memórias de seus familiares ajudam-nos a remontar algumas cenas marcantes que envolveram aqueles que compuseram um dos primeiros momentos históricos da imigração japonesa no Brasil em tempos que precederam a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945).

As lembranças resgatam vivências de famílias que passavam alguns dias em um alojamento em Kobe, cidade na baía de Osaka, no centro do Japão, preparando-se para a longa jornada rumo a um “paraíso distante”. Dentre essas famílias, estava a do Sr. Masao (1907-1987), pai do Prof. Sadao Omote, cuja decisão de estar ali foi construída aos poucos, durante alguns anos, ponderando possibilidades.

Considerando a situação de profunda recessão econômica do Japão e as conseqüentes precárias condições de vida, o Sr. Masao cogitou garantir a possibilidade de enriquecimento no Brasil para que, após alguns anos,



Figura 1 Selo postal impresso no Brasil em homenagem aos 80 anos da imigração japonesa. Fonte: Rodrigues (1988).

retornasse ao Japão com recursos suficientes para iniciar alguma atividade que proporcionasse um pouco mais de segurança e conforto para sua família.

Após refletir bastante e dialogar com seus familiares, o Sr. Masao decidiu emigrar para o Brasil junto à sua esposa, Sadako (1914-1986), e ao seu filho primogênito, Akira (1934-2017), à época um bebê de seis meses. Naquela aventura, aderiu a eles a parte paterna da família estendida do Prof. Sadao Omote: Utaji (avô), Wasa (avó), Sadanobu (tio), Tiyoe (tia) e Miyoko (tia).

Juntos, então, foram todos se alojar em Kobe com a finalidade de se prepararem com um pouco mais de “ferramentas de sobrevivência” no trajeto e, também, no Brasil. Assim, durante algumas semanas o Sr. Masao e familiares submeteram-se a procedimentos de avaliação médica⁷, além de se envolverem em atividades para aprender elementos básicos da língua portuguesa e para a obtenção de algumas informações sobre o Brasil.

Em certo momento, naquele alojamento, o Sr. Masao ouvira uma palestra na qual um agente da companhia colonizadora fizera uma apresentação sobre as maravilhas do Brasil, destacando a fartura de oportunidades de trabalho e a perspectiva de enriquecimento, desde que a família toda trabalhasse arduamente e com afinco. Por outro lado, ele também evidenciara os desafios que a mudança para o Brasil representaria em relação às diferenças entre os idiomas, os hábitos, os alimentos, o clima, além do receio de contrair doenças completamente desconhecidas e temidas, como a malária.

Passadas algumas semanas de preparação no alojamento em Kobe, o Sr. Masao e todos os seus familiares foram aprovados pela agência japonesa de emigração. Um pequeno momento de alívio, pois se certificaram que seguiriam juntos nessa aventura.

Até que, finalmente, chegou a véspera da viagem para o Brasil. O navio estava pronto para deixar Kobe na manhã seguinte, carregando cerca de 200 famílias e todos os pertences que puderam levar. Demoraria um pouco menos de dois meses de Kobe, no Japão, a Santos, no Brasil.

Mais tarde, no Brasil, o Sr. Masao contava a seus filhos que “aquela noite de 1935 foi especialmente difícil para dormir”. Segundo ele, além de quente, a sala estava apertada, cheia de pessoas. Algumas crianças choravam, outras dormiam, outras ainda brincavam como se estivessem em um *playground* de algum parque de diversões. Como se não bastasse, o som do ronco de algumas pessoas ecoava nos ouvidos do Sr. Masao.

Esse era o cenário que atravessava o Sr. Masao, em quem pulsavam sentimentos como insegurança, angústia e ansiedade em relação à

7 Naquele período, sobretudo em situação de concentração no alojamento de Kobe, havia o risco de alguém da família não ser aprovado no exame médico, principalmente devido ao aumento no número de casos de tracoma (doença inflamatória ocular – conjuntivite – causada pela bactéria *Chlamydia trachomatis* que ocorre em áreas de maior concentração de pobreza, com deficientes condições de saneamento básico e acesso à água).

iminente viagem ao mundo e ao futuro que, para toda uma família, eram completamente desconhecidos. Ele não conseguia relaxar para dormir e se perguntava, com o coração apertado: “o que estaria esperando por ele e por sua família do outro lado do mundo?”. Ainda que fosse remota, a possibilidade de ser uma viagem sem retorno era tão assustadora quanto a de entrar em um perigoso buraco escuro e sem saída.

O medo era tanto que, para resgatar sua coragem de deixar suas raízes em busca de uma vida melhor e mais promissora em um lugar tão distante, o Sr. Masao tentou se concentrar no que aquele agente da companhia colonizadora de imigração havia dito: “O Brasil é um verdadeiro paraíso. Lá, o dinheiro cresce literalmente nas árvores! Você não terá que se preocupar um dia sequer”. Ouvir isso foi o mesmo que acender um fogo e aquecer corações em meio a uma grave situação de crise e de falta de esperança, mesmo para quem coloca o menor simbolismo nesses assuntos.

Enfim, com o coração um pouco mais sereno, acompanhado de uma noite mal dormida, o dia da partida finalmente chegou. Naquele dia, muitos parentes e amigos de imigrantes estavam no porto de Kobe para desejar-lhes boa sorte nesta aventura inimaginável. Embora não falado, todos sabiam em seus corações que aquele podia ser um adeus para sempre. Parecia a última vez que eles iriam se ver.

O navio⁸, então, começara a partir. De um lado, muitos dos passageiros seguravam fitas de papel enquanto, em terra firme, parentes/amigos ali presentes seguravam a extremidade oposta das respectivas fitas. À medida que o navio se distanciava, as fitas esticavam-se até serem rompidas. Esse foi o símbolo da despedida entre aqueles que permaneceriam no Japão e aqueles que iriam para o Brasil.

⁸ O navio não era exatamente de passageiros, mas um cargueiro adaptado, com espaços reservados para cada grande família. Inclusive, algumas das pessoas que viajavam levavam quase todos os seus pertences.



Figura 2 Tradição japonesa relacionada a despedidas entre tripulação (no navio) e público (no cais).

Fonte: Cytrynowicz e Cytrynowicz (2017).



Figura 3 Desembarque das primeiras famílias japonesas no Porto de Santos.

Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.

Na travessia, os dias pareciam intermináveis. Enquanto isso, entre brincadeiras e choros das crianças no navio, os adultos lavavam os espaços e roupas⁹ de suas respectivas famílias, além de assistirem a palestras para o aprendizado do português elementar e de algumas coisas sobre o Brasil.

Paralelamente, as famílias conversavam apreensivas sobre seus futuros, demonstrando inclusive dúvidas sobre a decisão, ora entendida como ousada, ora como imprudente. Mas não havia a alternativa de desistir e retornar ao Japão.

Em pouco menos de dois meses, o navio finalmente chegou ao porto de Santos, no Brasil. Naquele momento, as famílias desciam do navio, amontoavam-se no píer junto às suas bagagens e aguardavam um cronograma de imigração para orientar os procedimentos a serem seguidos na viagem, agora terrestre, até seu destino final.

Enquanto isso, os imigrantes recém-chegados tinham os primeiros contatos com o novo mundo e começaram a perceber que muito do que era corriqueiro aos brasileiros, como imagens, cheiros e sons, aos imigrantes japoneses parecia peculiar ou até excêntrico.

⁹ As refeições eram fornecidas pela equipe do navio.

Reconheciam que haviam desembarcado em uma terra distante do Japão, não apenas geograficamente, como também histórica, étnico-racial e culturalmente. Alguns ficaram tão maravilhados ou assustados com o que viram que, muitos anos depois, ainda se lembravam de alguns detalhes e puderam contá-los aos filhos e netos. Seriam tempos de muitas descobertas nesta nova terra que, com o tempo, passariam a chamar de lar.



Figura 4 Trem trazendo os japoneses.
Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.

A família Omote, especificamente, aguardou por várias horas no cais de Santos até embarcar em um trem que iria para o interior do estado de São Paulo, a pouco mais de 700 km de Santos, onde hoje está o município de Pereira Barreto¹⁰.

Na então terra inóspita, toda a família do Sr. Masao tentava adaptar-se à nova realidade, dedicando-se de sol a sol à plantação de algodão e, também, a Akira (1934-2017), um bebê de poucos meses. As condições de subsistência eram muito precárias e primitivas.

Em casa não havia energia elétrica nem fogão a gás ou a carvão. Apenas a lenha recolhida no mato. Na lavoura, a não ser por algumas poucas ferramentas básicas como a enxada, não havia equipamentos adequados. Assim, tudo dependia das próprias mãos de todos, que tinham, como combustível emocional, a esperança de um dia retornar a sua terra natal em condições melhores.

Contudo, essa esperança foi soterrada logo no início de dezembro de 1941, quando um vizinho do Sr. Masao retornou de uma cidade próxima com a notícia de que a frota naval japonesa havia atacado Pearl Harbor, declarando guerra aos Estados Unidos da América (EUA). Após o ataque, o comandante da frota japonesa teria dito: “Agora acordamos o gigante adormecido”. Não obstante, o Japão não estava nem um pouco preparado

¹⁰ Pereira Barreto foi fundada, oficialmente, em 11 de agosto de 1928, com o nome de Novo Oriente, quando Mitsusada Umetani, responsável pela Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda (Bratac), adquiriu parte das terras (50 mil alqueires) do povoado de Itapura a fim de receber imigrantes japoneses que vieram para o Brasil trabalhar na lavoura (Fonte: Prefeitura da Estância Turística de Pereira Barreto) ([link externo](#)).



para atacar Pearl Harbor. Toda a ideia de entrar em guerra com os Estados Unidos não passava de suicídio, no entendimento do Sr. Masao.

A notícia de que o Eixo, do qual o Japão fazia parte, havia iniciado a Segunda Guerra Mundial em 1939¹¹ era a notícia que o pai do Prof. Sadao Omote queria nunca ter ouvido. O Sr. Masao estava apavorado. Ele sabia que as repercussões do que estava prestes a acontecer poderiam ser globalmente desastrosas.

Mesmo que o Japão tivesse um histórico envolvimento em muitas guerras, nunca foi tão trágico aderir a uma guerra como naquele momento. A situação econômica japonesa piorou devido aos enormes gastos com a guerra e comprometeu intensamente a vida de toda a população japonesa. Os milhares de jovens recrutados estavam na iminência da morte. Como se não bastasse, a história de um dos maiores desastres provocados pelos homens estava começando.

Em 6 de agosto de 1945, a primeira bomba atômica foi detonada sobre a cidade de Hiroshima, matando imediatamente mais de 140.000 pessoas. Quando parecia que o pesadelo já havia se estabilizado, ele se intensificou. Em 9 de agosto de 1945, outra bomba atômica foi lançada sobre a cidade de Nagasaki, matando mais de 40.000 pessoas, imediatamente. Poucos dias depois, em 14 de agosto, aconteceu a rendição japonesa, oficializada em 2 de setembro de 1945.



Figura 5 Hiroshima e Nagasaki: como foi o “inferno” no qual morreram milhares por causa das bombas atômicas.

Fonte: U. S. National Archives and Records Administration ([link externo](#)).

11 Os três principais parceiros da aliança do Eixo foram a Alemanha, a Itália e o Japão. Esses três países reconheceram a dominação alemã e italiana na Europa continental, bem como a dominação japonesa na Ásia Oriental. Outros cinco Estados europeus uniram-se ao Eixo durante a Segunda Guerra Mundial: a Hungria, a Romênia, a Bulgária, a Eslováquia e a Croácia. As potências do Eixo eram opostas às potências Aliadas (liderados pela Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética). O declínio e a queda do Eixo tiveram início no ano de 1943 (Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. *Introduction to the Holocaust. Holocaust Encyclopedia*) ([link externo](#)).



Figura 6 Escombros de um antigo teatro em Hiroshima.
Fonte: Associated Press (1945).

Enquanto no Japão a população sobrevivia em um cenário completamente devastado, com condições de extrema precariedade, a família do Sr. Masao, assim como tantas outras, enfrentava um contexto cheio de dificuldades, com altos níveis de incerteza. Sem domínio da língua portuguesa, junto a situações de discriminação baseadas na derrota na Segunda Guerra Mundial, o horizonte de concretização do esperado enriquecimento no território brasileiro tornava-se cada vez mais distante.

Há de se considerar, contudo, que muitas coisas interessantes aconteceram com essa família no Brasil. Ao longo de 11 anos, Sadanobu, o irmão do Sr. Masao, bem como suas irmãs Tiyoe e Miyoko haviam se casado com imigrantes japoneses¹². Enquanto isso, depois do primogênito nascido no Japão, Akira, vieram mais dois meninos, Noriyasu (1937) e Masatoshi (1939), e duas meninas, Kazue (1942) e Tiekko (1944).

¹² O irmão continuou morando e trabalhando na mesma propriedade. Após o casamento, a irmã Tiyoe mudou-se para Suzano, uma pequena cidade próxima a São Paulo, e Miyoko, para a cidade de São Paulo.



2º Ato: O início da vida do Prof. Sadao Omote

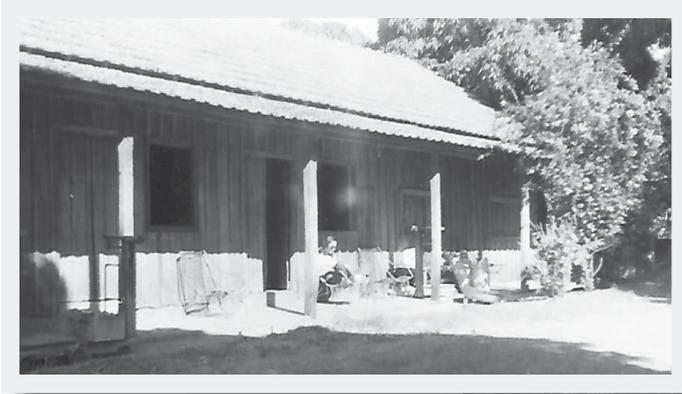


Figura 7 Casa onde Prof. Sadao Omote passou sua infância e parte da adolescência.

Fonte: acervo pessoal de Sadao Omote.



Durante a Segunda Guerra Mundial, os imigrantes japoneses e seus descendentes sofreram várias restrições, como proibição para fazer reuniões ou conversar em língua japonesa em espaços públicos, além de detenções para averiguação de suspeitas e denúncias.

Em vários municípios no interior do estado de São Paulo, incluindo Pereira Barreto¹³, a notícia da rendição japonesa no fim da Segunda Guerra Mundial dividiu a comunidade japonesa em dois grandes grupos antagôni-

¹³ Antigamente, Pereira Barreto era conhecida como Novo Oriente, mesmo com significativa presença das culturas portuguesa, italiana, árabe e indígena.



cos: os *kachigumi* e os *makegumi*. Enquanto estes aceitavam a rendição japonesa, aqueles não apenas acreditavam que a derrota do Japão seria uma mentira articulada pelos Aliados (Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos), como também defendiam, com convicção, que o seu país havia ganhado a guerra. Essa cisão na comunidade gerou um inesperado conflito civil¹⁴, e, frequentemente, houve a necessidade de intervenção policial, com prisões, pelos assassinatos praticados principalmente por membros *kachigumi* contra os líderes *makegumi*.

Foi naquele contexto que uma das famílias *makegumi* cresceu um pouco mais. No dia 16 de dezembro de 1945, cerca de quatro meses após as explosões das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki e a rendição japonesa, nasceu o sexto filho do Sr. Masao e da Sra. Sadako: Sadao Omote.

Particularmente para essa família, portanto, é fato que aquele ano não seria marcado apenas por um clima social repleto de conflitos, medos, tristezas e incertezas. Havia a potência de ela se perceber com novas perspectivas, tanto por aquelas pessoas que já a compunham, pelas recém-chegadas, quanto por aquelas que ainda estariam por vir.

O retrato daquele cenário parece-nos trazer pistas do que pode ter sido o terreno em que nasceriam as primeiras marcas existentes na trajetória de vida do Prof. Sadao Omote e nos modos de ele perceber, sentir e vivenciar as diferenças, os desvios, os estigmas e, também, o pertencimento de si e dos outros no mundo.

Em casa, a configuração familiar em que ele nasceu e cresceu foi atravessada por relações de muita união e respeito uns com os outros. Praticamente na mesma medida, marcava presença um funcionamento de incontestável obediência à autoridade do pai e de escuta aos ensinamentos da mãe.

Entre os irmãos, a hierarquia de papéis era culturalmente muito bem-definida: os mais novos deveriam obedecer aos mais velhos, enquanto estes deveriam cuidar e proteger aqueles.



Figura 8 Fotografia de Sadao Omote quando ainda era bebê.

Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.

¹⁴ Esse conflito persistiu por muitos anos e foi relatado em livros e teses em várias partes do estado de São Paulo.

Entreato *Kodomo jidai*: lembranças da infância

Ainda que tenha nascido em um sítio¹⁵ onze anos depois de seu irmão mais velho, Sadao recorda que chegou a partilhar de momentos familiares tanto com esse quanto com seus outros dois irmãos e suas duas irmãs e, mais tarde, com três irmãs e um irmãos mais novos.

De todas essas relações familiares, algumas memórias remotas são resgatadas pelo Prof. Sadao. Talvez sua lembrança mais longínqua seja a de quando ele tinha pouco mais de três anos de idade.

Quando o seu irmão Masatoshi tinha ido a Pereira Barreto visitar a família durante o seu período de férias escolares, a sua irmã Helena nascia na própria casa da família, assim como havia acontecido com todos os demais filhos. Ele nos conta:

Enquanto minha mãe estava dando à luz em casa, Masatoshi, Kazue e Tiekio levaram a mim e a minha irmã Satie (que tinha apenas 2 anos de idade) para brincarmos juntos às margens de um riacho perto da casa. Em outra lembrança, recordo-me que pequenas travessuras eram inevitáveis. Lembro-me de que havia em casa um conjunto de equipamentos utilizados para o treino de salto com vara (não sei explicar de quem era aquilo). Então, comecei a balançar as estacas de apoio até a barra de bambu cair com toda a força sobre o meu nariz. Assustado com o sangramento e com muito medo de um possível castigo, pedi ao meu irmão Masatoshi não contar ao nosso pai (narração do Prof. Sadao aos autores).

Essa nova configuração familiar ajudou o Sr. Masao e a Sra. Sadako a sustentarem a certeza de que retornar ao Japão estaria fora de cogitação. Daí, a partir de Helena, os três últimos filhos ganharam nomes brasileiros, Emília e Paulo. Pouco depois do nascimento de Helena, a família preparava-se para mudar para outra casa, dentro do mesmo sítio. Sadao conta-nos que, quando parte da casa já estava desmontada para a mudança, Masao o levava para visitar o lugar para onde se mudariam e lembra:

Não havia um caminho aberto para chegar até a casa nova. O trajeto era a própria roça, e, por causa da preparação para o plantio, o terreno era muito afogado. Vocês podem imaginar o quanto era difícil para uma criança andar ali com suas pernas ainda pequenas? Para mim, parecia um deserto sem fim. No retorno, andando entre os materiais de demolição, eu encontrei uma pedra azul. De tão bonita e diferente, a peguei, pensei em como seria seu sabor e a coloquei na boca. Meu irmão notou. Disse para eu não fazer aquilo. Poderia ser veneno. Ao percebê-lo preocupado, pedi a ele que não contasse aos meus pais. Mas, dessa vez, Masatoshi contou. Nada aconteceu comigo, exceto o aviso para não colocar nada estranho na boca (narração do Prof. Sadao aos autores).

¹⁵ Aquela era a segunda e definitiva propriedade da família.

Essa mudança, com três anos e pouco, favoreceu a organização das lembranças da infância de Sadao em dois períodos distintos:

Da primeira casa, lembro-me relativamente de poucas coisas. Algumas lembranças mais vívidas são o nascimento da Helena, 3 anos e meio mais nova; a prática de atletismo pelo tio Sadanobu e Akira; algumas brincadeiras com Masatoshi, Kazue e Tiekio; a preparação da mudança para a nova casa. Não me lembro, porém, de brincadeiras com Satie e, tampouco, com Akira. Sobre esse irmão, talvez não me recordo muito devido à diferença de idade ou mesmo pelo fato de eu ter medo dele. Noriyasu e Masatoshi já estavam morando em São Paulo, fazendo o curso ginásial (narração do Prof. Sadao aos autores).

Assim, com os irmãos Akira, Noriyasu e Masatoshi, especificamente, os momentos de lazer não foram suficientes para fortalecer as relações entre eles, ao longo de sua infância, mesmo vivendo juntos. Isso porque, para além da diferença de idade entre eles e Sadao, quando aqueles concluíram os seus respectivos cursos primários, foram imediatamente enviados para a casa da tia Tiyoe, em São Paulo, onde passaram a morar para fazerem o curso ginásial¹⁶. Com a morte da Sra. Tiyoe, foram enviados à casa de sua outra tia, a Sra. Miyoko.

Com as irmãs Kazue e Tiekio, por sua vez, Sadao pôde estabelecer uma forte relação, inclusive por terem mais oportunidades de se envolverem não apenas nas vivências corriqueiras do lar, mas também em momentos educacionais e de lazer. Ele resgata lembranças:

Não me recordo muito bem da primeira casa, mas sei que a nova casa para a qual nos mudamos era bem maior e mais confortável, embora fosse de chão de terra batida e sem forro no teto. Apenas os quartos tinham o assoalho de tábua. Havia uma cozinha grande, que era também o local de todas as refeições, com o fogão de lenha aceso durante o dia inteiro e começo da noite. A cozinha era um lugar particularmente agradável, pois a família passava algumas horas durante o dia, permanecendo cerca de duas horas sentada à mesa à noite, após o jantar, conversando ou ouvindo o pai ler livro para todos os filhos. Convém lembrar que eram tempos em que não havia nem mesmo TV¹⁷. Até rádio era um recurso muito limitado. O jornal que meu pai assinava chegava a Pereira Barreto com alguns dias de atraso e ao sítio com atraso muito maior, pois dependia de alguém ir à cidade e trazer para casa os exemplares acumulados. Sempre que isso acontecia, o pai passava

¹⁶ Até 1975, no Brasil, o ginásio constituía o estágio educacional que se seguia ao ensino primário e que antecedia o curso colegial. Corresponhia aos quatro anos finais do atual Ensino Fundamental (por muitos chamado de Fundamental II).

¹⁷ Os meios de comunicação eram o correio e duas estações de rádio, uma de Pereira Barreto e outra de Andradina, uma cidade vizinha. Nessas duas estações, havia um programa diário em japonês com uma hora de duração. Quando as condições climáticas favoreciam, era possível também sintonizar alguma estação de rádio da cidade de São Paulo, que mantinha programa em japonês. O correio era o único meio possível de troca de mensagens com quem morava em São Paulo ou outra cidade. A troca de mensagens demorava muito, pois levava cerca de uma semana até o destino, a sua recepção dependia de o destinatário ir até o correio ocasionalmente para verificar se havia alguma correspondência, a resposta dependia de alguém levar a correspondência até o correio, mais uma semana para retornar à cidade de origem, onde finalmente dependia de alguém ir até o correio para verificar a correspondência.

vários dias só lendo jornais nas horas livres. As revistas japonesas, publicadas pelo Ministério da Educação do Japão, que o pai assinava para cada um dos filhos, do Jardim de Infância ao terceiro ano Colegial, chegavam às nossas mãos com alguns meses de atraso. Eram os meios possíveis de acesso às informações, uma situação possivelmente inimaginável para as novas gerações, que podem ter acesso às informações até mesmo antes da sua divulgação pelos noticiários de TV ou jornais diários impressos (narração do Prof. Sadao aos autores).

Além das vivências com as irmãs mais velhas, Sadao pôde acompanhar o nascimento e o crescimento de seus quatro irmãos mais novos: Sattie (1947), Helena (1949), Emília (1952) e Paulo (1955)¹⁸.

Lembro-me muito claramente do nascimento da Emília e do Paulo. A Emília, quando muito pequena, torceu a perna na grade do berço e teve problema sério na virilha. Todos os dias, no final da tarde, meu pai aplicava uma injeção para tratar desse problema. Bastava meu pai pegar a caixa de primeiros socorros e começar a preparar a injeção que a Emília começava a chorar. Eu ouvia silenciosamente o choro de Emília e sofria com a dor de minha irmãzinha. Um dia, ouvi meu pai comentar com a minha mãe que talvez precisasse amputar a sua perna, dada a gravidade do problema persistente. Chorei solitária e silenciosamente, torcendo para que isso não acontecesse. Naquela ocasião, apareceu em Pereira Barreto uma pessoa que fazia acupuntura, técnica sobre a qual meu pai já havia lido. Levou Emília à cidade. Foi a única aplicação, pois essa pessoa já estava partindo com destino a outra cidade. O quadro da Emília foi melhorando progressivamente até a recuperação total (narração do Prof. Sadao aos autores).

Apesar de vivências esporádicas com seus irmãos, os reencontros pareciam sempre muito intensos e significativos para Sadao. Aos poucos, as relações entre ele e outras crianças da comunidade se estendiam.

Na casa nova, agora a apenas 200 metros da casa de seu tio Sadanobu e de sua tia Wasako, aproximou-se de seus primos, especialmente do mais velho deles, Tadashi, que era apenas um mês mais novo que Sadao. Com ele, foi possível passar alguns anos brincando muito, até que, quando tinham 7 anos de idade, a família de seu tio junto de sua avó Wasa decidiram se mudar para longe¹⁹.

Sobre aquela ocasião, lembra: “Na despedida da família, uma festa foi realizada com os vizinhos. Essa foi a primeira vez que tomei guaraná. Eu sabia que aquele refresco só poderia ser tomado em ocasiões muito especiais, pois para nós era um luxo! O sabor ficou indelevelmente marcado na minha mente”.

Tempos depois dessa marcante separação familiar, Sadao lembra:

18 Assim, em cerca de 20 anos (1934 a 1955), os pais do Prof. Sadao Omote tiveram 10 filhos, sendo um nascido no Japão e os demais em terras brasileiras.

19 Mais tarde, Sadao descobrira que haviam se mudado para Mogi das Cruzes para plantar verduras e vendê-las em São Paulo. Era a independência que o tio estava adquirindo, mesmo que um pouco tardiamente. Seu avô Utaji, por sua vez, passava um ano morando com a família de Sadao e um ano em Mogi das Cruzes.



Em uma das primeiras vezes que minha avó veio visitar a família em Pereira Barreto, ela trouxe de presente para mim uma pequena bola de plástico com algumas pedras dentro. Fazia barulho de chocalho. Brinquei com a bola até ela cair e quebrar. Aquele foi um dos dois únicos brinquedos que tive em toda a minha infância. O segundo era um avião. Marcou-me mais o fato de tê-lo comprado com o dinheiro que o meu pai me deu quando fez uma viagem a Araçatuba ao lado de minhas duas irmãs mais velhas (narração do Prof. Sadao aos autores).



Figura 9 Prof. Sadao sentado à esquerda da foto, na segunda fila, com alguns de seus primos e irmãos.
Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.

Essas lembranças remontam a seus primeiros sete anos de vida. Com elas, estavam também as memórias sobre seus deveres, que, antes de ingressar no curso primário, se limitavam a cuidar das galinhas e porcos, além de auxiliar na limpeza da casa.

Entreato *Ganbare*: cresça, esforce-se, persista

Assim como acontecia com muitas outras crianças daquela região (e não com todas elas), uma vez matriculado no curso primário do “Grupo Escolar Patrimônio São José”, desde os 7 anos de idade, Sadao passou a dividir o seu dia entre estudos e serviços na roça. Ele acordava cedo todos os dias para alguma atividade, inclusive aos finais de semana, mesmo quando não tinha aula.

A escola ficava a cerca de 2,5 km da casa, percorridos a pé na ida e na volta. Era uma casa grande com parede de madeira e telhado sem laje. Havia cinco salas de aula, sendo duas destinadas ao primeiro ano. Havia também uma sala para Secretaria e outra para Diretoria. A casa tinha, em toda a sua extensão, assoalho de madeira, o que era uma grande novidade. As moradias de um modo geral eram de piso de terra batida (narração do Prof. Sadao aos autores).

Na escola, as aulas eram ministradas em língua portuguesa. Porém, a despeito das lições em português, ele e seus amigos falavam em japonês praticamente o tempo todo. Os professores não se opunham nem os obrigavam a falar português. Então, Sadao dependia muito pouco do idioma falado no Brasil, e, para além de ser difícil, parecia não haver necessidade de falar português em um contexto em que os familiares e amigos se comunicavam predominantemente em japonês.

Contudo, Sadao sabia de algumas crianças da cidade que não vivenciavam rotinas similares à sua. Seria pelo fato de não serem japoneses? Ele começava a relativizar sua diferença em relação às referências brasileiras.

Inclusive, ele resgata uma lembrança interessante em relação às ambivalências de sua “dupla nacionalidade” que, por muitos anos, marcaram a vida de Sadao:

Certa vez perguntei ao meu pai o porquê de apenas as minhas duas irmãs mais novas e o irmão caçula terem nomes brasileiros. Foi então que ele me explicou que esse fato marca o momento em que ele e minha mãe tiveram mais certeza de que permaneceriam definitivamente no Brasil. A partir daquela decisão, os nomes dos próximos filhos seriam brasileiros. Helena foi a primeira filha a nascer após essa decisão. Depois vieram Emília e, por fim, Paulo (narração do Prof. Sadao aos autores).

Outro fato marcante foi quando, em certo dia, um padre visitara sua escola falando sobre a necessidade de todos serem batizados, e, para isso, precisariam frequentar diariamente a Escola Dominical após as aulas regulares. E Sadao, ainda criança, se perguntava: “seria esse o caminho para se tornar ou se sentir brasileiro? Ao invés de ir para a roça, eu deveria ir para a Escola Dominical?”

Sadao parecia ter fantasiado uma oportunidade para o seu pertencimento em uma sociedade ocidentalizada. Contudo, o Sr. Masao e a Sra. Sadako logo enfatizaram que aquele caminho “seria bobagem”. Entendiam e ensinavam que somente mediante um bom percurso educacional os descendentes de japoneses poderiam mostrar o seu valor no Brasil. Faziam questão de que todos os filhos frequentassem a escola e se dedicassem aos estudos, sem se esquecerem da importância de se empenharem para a sua subsistência. Mas a rotina para sustentar esse lema não era nada fácil, sobretudo em períodos de intensa colheita de algodão.

Nesses períodos, eu ia à roça para apanhar algodão de manhã cedo antes de ir para a escola. O sino da escola tocava 15 minutos antes de a aula começar. Dava para ouvi-lo da roça. Chegando lá, permanecia ali por todo o período da manhã. Assim que terminavam as aulas, eu saía da escola e ia direto para a roça. Lá eu almoçava alguma comida que minha mãe havia levado e continuava trabalhando com a lavoura²⁰ até escurecer. Ao chegar em casa, de noite, eu tomava banho e jantava. Muitas foram as vezes que, quando eu sentava para fazer minha tarefa de casa, eu adormecia. Então, meu pai me acordava para tomar banho frio, despertar e continuar a lição de casa para a aula do dia seguinte (narração do Prof. Sadao aos autores).

Sadao sempre foi de poucas palavras. Costumava falar muito pouco com seus familiares e amigos, especialmente fora de casa. Preferia a com-

²⁰ Em determinado momento, o Sr. Masao decidiu criar galinhas poedeiras. Além de recolher, limpar e classificar seus ovos, Sadao deveria: oferecer-lhes água várias vezes ao dia; colher e picotar folhas verdes e macias para misturar em sua ração; e recolher o esterco para espalhá-lo na horta ou ensacá-lo para venda.



panhia dos livros. Quando não estava na escola, estava na roça, em seu trabalho cotidiano geralmente muito solitário²¹:

De muitas maneiras, cresci quase como um selvagem, com pouco contato social fora da minha casa. Frequentemente eu me sentava no chão, em meio à plantação, pensando em muitas coisas sobre mim mesmo, sobre o mundo e sobre aquele meu estilo de vida em um ambiente que não me apresentava perspectivas futuras (narração do Prof. Sadao aos autores).

Aquelas vivências deixaram marcas em Sadao, tanto no corpo, com o sol e cansaço, quanto na alma. O esforço diário para ter acesso aos recursos necessários para viver também lhe ensinou, desde muito cedo, a dedicação ao trabalho e a valorização das oportunidades e do que se conquistava.

Todavia, Sadao ainda era uma criança. Assim, por mais que naqueles tempos os dias passassem muito devagar, ele aguardava o ano todo a sua data preferida: o Ano Novo! Era o momento preferido para ele, pois aquele era o único feriado em que toda a família parava de trabalhar em grande parte de suas frentes; as crianças visitavam amigos do bairro ou os traziam para casa; e durante três dias inteiros eles tinham boas comidas²² e vestiam roupas bonitas.

Passadas as festividades, a conhecida rotina batia à porta. O desempenho acadêmico de Sadao não estava muito a seu favor, nos moldes avaliativos determinados pela sua escola, conforme demonstra seu boletim escolar.

Analisando o documento, é possível notar que, ao lado de uma excelente avaliação referente ao seu comportamento (primeira coluna) e frequência

(terceira coluna), constavam preocupantes notas de avaliação referentes aos seus conhecimentos (na segunda coluna, identificados por “Aplicação”), cuja média total (5,8) foi elevada para 7,0 quando considerados no cálculo todos os quesitos. Interessante é destacar que, naquela época, era hábito o professor ministrar aulas de reforço no segundo semestre aos alunos que corriam risco de reprovação no final do

MESES		Comportamento	Aplicação	Frequência	ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL	RESIDÊNCIA
Fevereiro	10	5	12	0	Masao Omote	rua escola
Março	10	5	24	0	Masao Omote	rua 200 - pg.
Abril	10	5	22	2	Masao Omote	rua 200 - pg.
Mai	10	4	24	0	Masao Omote	rua 200 - pg.
Junho	8	5	25	2	Masao Omote	rua 200 - pg.
Agosto	8	4	25	0	Masao Omote	rua 200 - pg.
Setembro	8	6	24	0	Masao Omote	rua 200 - pg.
Outubro	10	5	24	0	Masao Omote	rua 200 - pg.
Novembro	10	7	23	0		
Dezembro	10	7	11	0		

Professor *Arfonso Marques de Sadao*
 provado com a média *sete* no corrente ano letivo, tem o direito de matricular-se no _____ ano, do curso primário, mediante a apresentação deste boletim.
 de _____ de _____ de 1950
 (Assinatura da autoridade que produziu este boletim)

Figura 10 Boletim Escolar de Sadao Omote, referente ao quarto ano do Curso Primário. Fonte: acervo pessoal de Sadao Omote.

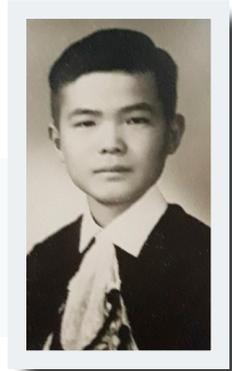
21 Exceto no período da colheita de algodão e arroz, quando toda a família estava reunida para a mesma atividade.

22 A mãe de Sadao fazia comidas japonesas doces e salgadas, tais como mochi, yokan e mandyuu.

ano. Assim, apesar de muitos serviços na roça, Sadao foi liberado para participar das aulas de reforço todos os dias no período da tarde. Não fosse isso, Sadao não teria sido aprovado.

Como o intervalo entre a aula regular na parte da manhã e a do reforço à tarde era curto, eu permanecia direto na escola. Geralmente, eu levava algum lanche de casa. Ocasionalmente, a minha mãe me dava duas moedas de Cr\$ 1,00 (um cruzeiro) para comprar um sanduíche de mortadela, num pedaço de pão amanhecido, e um guaraná de garrafinha pequena (cerca de 200 ml e conhecido por “caçulinha”). Eram dias de muita alegria (narração do Prof. Sadao aos autores).

Figura 11 Fotografia de Sadao Omote aos 10 anos de idade. Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



É interessante demarcarmos esses fatos para elucidarmos uma mensagem silenciosa que, talvez, pode passar despercebida por algumas pessoas: considerando a rotina diária de Sadao, não seria arriscado avaliá-lo exclusivamente pelo seu desempenho acadêmico e desconsiderar a determinante de que ele sempre se mostrou sujeito do seu comprometimento no movimento de inserir-se socialmente? Afinal, ele nos conta:

Com cerca de 10 anos de idade, eu iniciava uma atividade que parecia própria de adultos, o que me deixava um tanto orgulhoso: a aragem da terra, seja para preparar o solo para o plantio, seja para cuidar da plantação já em crescimento. Embora fosse uma atividade cansativa, pois caminhava o dia inteiro segurando e direcionando o arado puxado por um cavalo, eu gostava desse trabalho, especialmente em função da interação que mantinha com o cavalo. Conversava com o cavalo, parecia estar em perfeita sintonia com ele (narração do Prof. Sadao aos autores).

Falando em sintonia com animais, acrescenta ainda dois episódios que parecem caracterizar bem o seu perfil.

Eu passava praticamente todos os dias no curral, no final do dia para começo da noite, quando os bezerros separados das mães estavam recolhidos. Passava um tempo interagindo com os bezerros, tocando e fazendo carinho neles. Eu tinha particular facilidade para entrar em sintonia com os animais, conquistando-lhes confiança. Havia uma mula, chamada Peruana, que era, como quase todos os muares, muito geniosa e não deixava ninguém pegar no pasto nem montar nela sem a sela. Mas comigo era diferente. Deixava pegar em qualquer lugar no pasto e deixava montar nela sem a sela (narração do Prof. Sadao aos autores).

Foi naquele mesmo período de inquietações familiares em relação ao seu desempenho acadêmico que começou a se esboçar o futuro gosto

por viagens. Aos 11 anos de idade, em 1957, realizou a sua primeira viagem para fora de seu município. E nos conta:

Foram três dias de passeio em Araçatuba, a 130 km de Pereira Barreto. Meu pai me levou juntamente de minhas irmãs Kazue e Tieko. Na realidade, foi um dia de ida e um dia de retorno, tendo um único dia para passear em Araçatuba. Saímos do sítio de manhã para ir a Pereira Barreto a bordo de um ônibus precário, que chamavam de “jardineira”. Daí um outro ônibus até a estação de Lussanvira. A distância de 130 km até Araçatuba era percorrida por um trem rebocado pela locomotiva a vapor, a popular “Maria Fumaça”, numa viagem de pouco mais de cinco horas, chegando ao destino já à noite. A “Maria Fumaça” liberava uma densa fumaça branca, da queima de lenha para alimentar a caldeira. Ao anoitecer, a nuvem branca, feito uma mágica, transformou-se em rastro de fagulhas deixado pela locomotiva. Era um espetáculo absolutamente inédito para mim (narração do Prof. Sadao aos autores).

Enquanto seus irmãos tinham ido para São Paulo naquela mesma idade, Sadao percebera que sua família decidiria que ele teria outro destino. Dado o seu rendimento escolar, mesmo com todo o esforço, ele permaneceria em Pereira Barreto por mais alguns anos, trabalhando na roça²³.

Dos 14 aos 16 anos, comecei a participar de outra responsabilidade: a ordenha das vacas. Eu acordava às duas da manhã todos os dias para que, junto de Akira e um empregado, tirássemos à mão cerca de 300 litros de leite antes do nascer do sol²⁴. Naquela oportunidade, dentro da política de diversificação das atividades, a família havia construído um pequeno laticínio, produzindo manteiga e queijo, que eram distribuídos semanalmente em alguns pontos comerciais na cidade de Pereira Barreto. Akira era designado para todas as semanas levar esses produtos à cidade, transportando-os numa charrete puxada a cavalo. Ocasionalmente, quando Akira tinha outro compromisso, eu fazia essa viagem à cidade. Entregava manteiga e queijo em alguns pontos de venda, fazia algumas compras e daí retornava ao sítio. Eram momentos de muita alegria e realização (narração do Prof. Sadao aos autores).

Naquele período, permanecendo em casa após a conclusão do curso primário, ele e as irmãs trocavam algumas palavras em português, mas percebeu mais tarde que a maneira como falavam era “fragmentada”, com frases incompletas, fonemas trocados e erros gramaticais crassos. Sadao aprendeu a ler e a escrever, mas naquele contexto a pronúncia do português ainda era um desafio enorme para ele.

Naquela época, Sr. Masao já estava preocupado com a futura independência econômica de Sadao. Seguindo a tradição, dois caminhos eram possíveis para ele: 1) receber parte da subdivisão da propriedade da família

²³ Quando Sadao concluiu o primário, havia o curso ginásial em Pereira Barreto, mas era só para alguns privilegiados.

²⁴ Depois desse horário as vacas começavam a ficar irrequietas, indicando a hora de começar a pastar. Não respeitar isso era motivo de queda na produção de leite.

ou 2) receber uma nova propriedade. A primeira alternativa era inconcebível. Dividir a propriedade teria certo sentido de retrocesso, considerando que décadas antes os que vieram de longe e a primeira geração nascida no Brasil trabalharam duro para finalmente constituir uma propriedade de dimensão razoável. Assim, a segunda possibilidade era o caminho adequado. Todavia, não havia recursos financeiros para a sua consecução.

Até seus 15 anos de idade, não havia possibilidades para Sadao no horizonte da família. Foi quando seu irmão Noriyasu retornou a Pereira Barreto durante suas férias escolares e conversou com o pai sobre o futuro de Sadao. Embora Sadao não tivesse ideia do que haviam falado na conversa, ele entendeu que algo em sua vida mudaria para sempre.

Eles haviam decidido, em questão de minutos, que Sadao deveria se mudar para São Paulo com a finalidade de se preparar para o exame de admissão da Escola de Especialistas da Aeronáutica e se tornar um sargento da Força Aérea Brasileira.

Antes de partir, em 1962 e aos 16 anos, um turbilhão de sentimentos tomava conta de Sadao, como medo, ansiedade e, ao mesmo tempo, um desejo incontornável de conhecer o novo e desconhecido mundo, mas já cheio de imaginários construídos a partir do que ouvia de viajantes e colegas: “Ouvi dizer que existem grandes monstros brancos que vagam pela cidade à noite e roubam tudo de você”; “meu primo disse que os prédios são tão grandes que alguns até tocam o céu e, durante o Natal, brilham com uma luz cintilante”.

Embora ainda muito jovem, Sadao sentia que a viagem entre Pereira Barreto e São Paulo seria só de ida, sem possibilidade de retorno. Para sempre. De certo modo, parecia que ele experimentava um pouco dos sentimentos do pai ao deixar sua terra natal rumo ao desconhecido, quando vieram do Japão para o Brasil para começar uma nova vida²⁵.

25 Em uma dimensão menor, obviamente, pois ainda era jovem, tinha apoio e continuava no mesmo país.



3º Ato: “Alguma coisa acontece no meu coração...”



Figura 12 Edifício Copan, localizado no centro da cidade de São Paulo.
Fonte: Anzola (2008).

No dia 16 de dezembro de 1961, Sadao completara 16 anos de idade. Em duas semanas, na manhã de 2 de janeiro de 1962, Sadao deixara a segurança da única vida que conheceu, carregando apenas uma pequena mala. Acompanhado de sua irmã Kazue, que já morava em São Paulo, partira rumo à nova fase de sua vida:

Aquela viagem à terra desconhecida foi inesquecivelmente longa. Para percorrer os 18 km de estrada de terra entre o sítio e a cidade de Pereira Barreto, demoramos cerca de duas horas de charrete. Em seguida, usamos outras quatro horas para percorrer os 135 km até Araçatuba a bordo de um ônibus. Finalmente, gastamos cerca de oito horas para os últimos 530 km até chegar em São Paulo. Depois do que nos

pareceu uma viagem ao redor do mundo, finalmente chegamos ao nosso destino, que veio na forma de um almoço muito acolhedor na casa da tia Miyoko, que eu sequer conhecia (narração do Prof. Sadao aos autores).

A casa da tia Miyoko não era muito grande nem luxuosa, mas confortavelmente decorada. Após o almoço, ela levou Sadao para onde ele passaria os próximos três anos de vida: a pensão em que seu irmão Noriyasu já morava²⁶.

A rotina muito diferente da que ele tinha na roça, junto às várias novidades, se impuseram como desafios. O cardápio disponível na cidade grande era muito diferente da comida com que estava acostumado, e sentia especialmente uma enorme falta de frutas e verduras. A cartografia de pertencimento era muito mais complexa para ele. Quando saía para a rua, por exemplo, Sadao costumava perder-se pelo bairro, pois os quarteirões não eram nem quadrados nem retangulares regularmente.

Naquele período, notava-se que a duradoura discriminação que os japoneses sofreram no Brasil no período pós-guerra se desvanecia paulatinamente até a construção de uma imagem positiva do Japão, especialmente com a sua recuperação econômica, cujo ensaio se iniciou na década de 1960²⁷. Contudo, aquele contexto não impediu que Sadao enfrentasse constantes situações de discriminação negativa (hoje conhecidas como *bullying*).

Isso parece ter contribuído para que ele desenvolvesse procedimentos que pareciam decorrer do mecanismo psicológico conhecido por *splitting*, com divisão e polarização de crenças acerca de diferentes aspectos da realidade social vivenciada. A busca por possíveis soluções de cisão dessa natureza pode ter contribuído decisivamente para a trajetória percorrida durante toda a sua vida.

Assim, embora tudo parecesse estranho a princípio, Sadao viu-se procurando rapidamente se adaptar, diligentemente, em relação ao contexto e ao cotidiano completamente estranhos do que ele vivera até ali. Assim, a mudança para São Paulo representou toda uma metamorfose no estilo de vida de Sadao. Suas aventuras para o enfrentamento dos inúmeros desafios estariam apenas começando.

Entreato *Shozoku*: em busca do pertencimento

Quando Sadao percebeu que não viveria mais no conforto do lar que sempre conhecera, sentiu intuitivamente que, para construir o seu pertencimento em São Paulo, um importante caminho seria não falar mais japonês²⁸.

²⁶ Casa compartilhada pela família proprietária, constituída pelo casal e dois filhos pequenos, e mais dois hóspedes.

²⁷ A notável recuperação era referida por “milagre econômico japonês”.

²⁸ O único momento em que ele falava japonês, a partir de então, era quando visitava sua tia em São Paulo e quando voltava para a casa dos pais uma ou duas vezes por ano, nas férias.

Para ele, essa seria a única forma de aprender a falar português. Essa decisão revelava a determinação que lhe seria característica por toda a vida.

Para ajudar nesse desafio, logo nos primeiros dias em São Paulo, seu irmão Noriyasu matriculou Sadao em um curso de português ofertado por uma escola de idiomas:

No primeiro dia, a secretária da escola me levou para uma turma onde a aula já havia começado. Lembro que o professor dizia algumas coisas que eu não entendia. Percebendo isso, o professor me levou para a secretaria, e, depois de ter falado algo com um membro da equipe, fui levado para outra sala de aula. Somente mais tarde descobri que eu estava participando de aulas de português para estrangeiros, mesmo eu sendo brasileiro há 16 anos! (narração do Prof. Sadao aos autores).

Além de parar de falar japonês e estudar português para estrangeiros, Sadao começou a ler, várias horas por dia, livros em português. Por não entender quase nada de seus conteúdos, vivia acompanhado de um dicionário monolíngue da língua portuguesa e, obsessivamente, anotava em um caderno todas as palavras e seus significados. Como se não bastasse, ele reescrevia palavras e frases copiadas desses livros, às vezes mudando algumas palavras para ampliar o seu repertório.

Sem sombra de dúvidas, Sadao é um interessante exemplo de alguém que se entregou à imersão completa no aprendizado da língua portuguesa. Ao longo de alguns anos, essa postura revelaria a dedicação e a disciplina que Sadao apresentaria ao longo de toda sua vida acadêmica e profissional.

Entreato *Kikai wo sagashite*: desbravador

Durante todo o primeiro ano em São Paulo, Sadao frequentou um curso preparatório com vistas a realizar o exame de ingresso na Escola de Especialistas da Aeronáutica, conforme planos do pai e do irmão. Até que é chegado o aguardado momento, e, sobre seu desempenho, Sadao nos relata: “Não foi surpresa que, após os esforços nos estudos, eu tenha me saído muito bem nos exames de admissão em Língua Portuguesa e em Matemática. Contudo, fui reprovado no exame psicotécnico. Isso me frustrou bastante, naquele momento. Mas eu só compreenderia esse fato anos mais tarde...”

Diante daquela reprovação, Sadao precisou redesenhar seu caminho, aproveitando as oportunidades que São Paulo lhe oferecia. Decidiu, então, preparar-se para obter o certificado do curso ginásial por intermédio da modalidade conhecida por “curso de madureza”. Naquela modalidade, uma pessoa jovem ou adulta que não tivesse concluído o curso ginásial teria a oportunidade de prestar exames em cinco disciplinas específicas, realizados duas vezes por ano em um colégio estadual credenciado.

No primeiro momento, após um semestre frequentando um curso preparatório, Sadao teve um bom desempenho, sendo aprovado em Português,

Matemática, Ciências e Geografia. Porém, faltava realizar o exame para a disciplina de História, que ocorreria apenas no semestre seguinte.

Nesse intervalo, Sadao voltou a Pereira Barreto para contar a grande novidade à família. Contudo, em vista da dificuldade financeira em mantê-lo em São Paulo, o Sr. Masao decidiu que ele ficaria no sítio ajudando nos muitos afazeres de plantações e criação de animais e, nos tempos livres, estudaria História até o momento em que fosse realizar a respectiva prova. Adicionalmente, Sadao também seria uma importante mão de obra nas muitas atividades do sítio.

No pensamento de Sadao, porém, não havia mais a menor possibilidade de retorno à vida rural. Não conseguindo demover o seu pai da decisão tomada, escreveu uma carta para Noriyasu, que prontamente viajou a Pereira Barreto para conversar com o Sr. Masao:

Naquele encontro, meu irmão enfatizou ao meu pai o quão importante era eu retornar a São Paulo, destacando que aquele período que eu atravessava naquela grande cidade possibilitaria grandes transformações essenciais para eu me tornar bem-sucedido na vida. Foi somente assim que, felizmente, meu pai pôde compreender a situação e concordou com o meu retorno a São Paulo para continuar no curso preparatório e realizar o exame de História. Não o decepcionei. Fui bem-sucedido e, ao final de um ano de dedicação, obtive o certificado de curso de madureza ginásial. Sou muito grato ao irmão Noriyasu pela intervenção que me garantiu dar continuidade a uma nova vida que se esboçava (narração do Prof. Sadao aos autores).

Aos 17 anos, com o certificado de curso ginásial em mãos e dando continuidade às expectativas do pai e do irmão com uma carreira militar, Sadao tentou ingressar na Academia do Barro Branco, cujo requisito era o curso ginásial concluído, que formava oficiais da Força Pública (atual Polícia Militar) e que conferia grau equivalente ao curso colegial. Contudo, novamente, foi reprovado no exame psicotécnico. Dessa vez, sequer fizera os demais exames. E nos diz: “Somente mais tarde, eu compreenderia que não tinha absolutamente nenhuma vocação para seguir a carreira militar e não só: que aquelas reprovações seriam decisivas para a minha carreira futura”.

Tendo completado 18 anos²⁹, em dezembro de 1963, Sadao desiste definitivamente da ideia de seguir a carreira militar e inicia o ano de 1964 com novas perspectivas:

²⁹ Após a mudança para São Paulo, ocorriam duas viagens anuais ao sítio em Pereira Barreto, por ocasião das férias escolares. Quando começou a trabalhar, ao completar 18 anos, essas viagens ficaram mais raras, somente quando era possível conciliar as férias escolares com as férias trabalhistas.

Resolvi trabalhar para não mais depender da mesada enviada pelo meu pai todos os meses e continuar em São Paulo³⁰. Enquanto isso, preparei-me para prestar o exame de seleção para ingressar no curso científico, em 1964, pois eu não tinha idade mínima (19 anos) para fazer o curso de madureza colegial. Fui aprovado sem nenhuma dificuldade em especial e passei a frequentar o curso no período noturno³¹, já que eu trabalhava ao longo de todo o dia no banco (narração do Prof. Sadao aos autores).

Entreato *Shigoto no kanōsei o sagutte*: Explorando possibilidades de trabalho

Sadao Datilógrafo

O trabalho de datilógrafo no banco era basicamente copiar cartas comerciais padronizadas. Essas cartas referiam-se principalmente a cobrança de contas, envio de faturas, notificação de cobrança legal etc. Seis meses depois, ainda em 1964, Sadao sentia que apenas copiar cartas prontas estava limitando seu desenvolvimento. Decidiu, então, procurar outra posição que demandasse algo mais que ser um exímio datilógrafo.

Já havia identificado um cargo relativamente comum em grandes empresas, o de correspondente comercial, cuja função era redigir cartas comerciais, uma vez que havia uma ampla diversidade de assuntos a serem tratados e os modelos padronizados eram insuficientes. Ele achava que esse trabalho lhe daria a melhor oportunidade de treinar a escrita. Sadao comprou livro de cartas comerciais e memorizou uma boa quantidade de cartas referentes a assuntos mais comuns, então começou a se submeter ao processo de seleção em algumas empresas. Ele foi aprovado e contratado em uma grande empresa, no ramo da siderúrgica, onde atuou entre 1964 e 1966.

Sadao Correspondente comercial

O início no novo emprego, em 1964, foi extremamente estressante. Quase todas as cartas que ele escrevia eram devolvidas por seu chefe com muitas correções. Durante os primeiros meses, o novo trabalho foi especialmente difícil e estressante. Outra característica marcante de Sadao destacou-se nesse emprego: mostrou-se persistente e resiliente, não desistiu diante dos fracassos. Depois de alguns meses, Sadao tornou-se um especialista em escrever cartas comerciais. Ele ficou especialmente agradecido ao seu chefe por sua paciência e pelo ensino. Seu chefe poderia

30 Logo no início do ano de 1964 Sadao fez curso de datilografia e prestou concurso num banco, tendo sido aprovado e contratado imediatamente para receber o salário mínimo bancário, que era um pouco mais que o salário mínimo nacional.

31 Curiosamente Sadao ingressou no curso científico ofertado pelo mesmo colégio estadual onde, no ano anterior, havia feito os exames de madureza ginasial.

tê-lo demitido por incompetência, mas investiu em seu aprendizado e deu-lhe mais oportunidades.

O jovem Sadao era extremamente tímido, o que lhe impedia de realizar muitas coisas até então. Um dos maiores obstáculos era iniciar e manter relações sociais. Muitas pessoas diante dessas dificuldades acabam por se isolar ainda mais, evitar ou fugir de situações que exijam interações com outras pessoas. Sadao, ao contrário, é movido por desafios desde a tenra idade. Percebendo suas limitações nessa esfera de habilidades sociais e comunicativas e prevendo o quanto elas o prejudicariam em qualquer profissão que exercesse no futuro e também em sua vida pessoal, ele decidiu que tinha que trabalhar essas questões o mais rapidamente possível.

Em 1966, Sadao decidiu deixar seu emprego como correspondente comercial para tentar algo que não seria nada fácil. Disciplinado, economizou dinheiro suficiente para viver por alguns meses sem renda adicional e buscar um novo emprego. Este teria que envolver algum tipo de atividade na qual ele seria obrigado a trabalhar no relacionamento com pessoas desconhecidas.

Sadao Vendedor de bilhetes de loteria

Sadao decidiu trabalhar como vendedor de porta em porta. Ele começou a vender um tipo de loteria, na qual o comprador pagava mensalmente para participar todos os meses do sorteio, com chance de ganhar prêmios. Em algumas semanas de trabalho, ele conseguiu vender alguns poucos jogos e então decidiu procurar um produto que fosse mais vendável. Encontrou oportunidade para vender plano de saúde. Depois de algumas semanas de trabalho, ele havia vendido apenas um plano. Apesar do aparente fracasso, ele nunca perdeu a esperança e buscou outra oportunidade mais interessante.

Sadao Vendedor de kit educacional de química

Seu novo trabalho era vender kit de química para estudantes do curso colegial, para fazerem experimentos em casa. Embora tivesse um pouco mais de familiaridade com o produto que estava vendendo, comparativamente aos anteriores, em algumas semanas havia vendido apenas alguns kits. Naquela ocasião, já havia gastado toda a sua economia e, portanto, não podia mais se dar ao luxo de fazer esse tipo de trabalho, que pouco lhe rendia.

Definitivamente desisti de me tornar vendedor ou exercer qualquer ocupação que dependia diretamente de contatos interpessoais. Assim, voltei à função de correspondente comercial, desta feita numa grande empresa no setor de confecções no período de 1966 a 1967. Durante os dois anos seguintes, eu ficava o dia inteiro no trabalho. Fazia hora extra aos sábados pela manhã e, no período de férias es-

colares do científico, eu conseguia trabalhar à noite. Naquele local de trabalho, havia uma senhora que fornecia almoço todos os dias úteis. Então, eu almoçava no próprio ambiente de trabalho e, antes de voltar ao serviço, eu aproveitava o tempo livre para estudar diferentes assuntos que considerava importantes para fazer o vestibular (narração do Prof. Sadao aos autores).

Sadao tinha em mente pedir demissão tão logo se encerrassem as aulas do último ano do curso científico, no início de dezembro, para matricular-se em um curso preparatório intensivo para vestibular e dedicar-se integralmente aos estudos para se submeter ao exame vestibular no começo de fevereiro. Para tanto, fez horas extras, sempre que possível, e economizou dinheiro para alguns meses. Foram dois meses de estudo intensivo, cerca de 15 horas diárias, sete dias por semana³².

Entreato *hanegoshi*: determinação e disciplina

Naquele novo ciclo, ao receber seu primeiro salário, Sadao imediatamente se matriculou em uma academia de judô para a prática dessa arte marcial. Esse era um antigo sonho acalentado desde a infância, quando lia, em revistas japonesas, a biografia e as conquistas de grandes judocas.

Como trabalhava o dia inteiro e estudava durante as noites, Sadao treinava menos tempo que seus colegas da academia de judô, somente aos sábados à tarde. Ocasionalmente, treinava também aos domingos de manhã e, durante o período de férias escolares, treinava durante algumas noites, após o expediente de trabalho. Sadao encontrava, nesses momentos, além de prazer e lazer, espaço para dar vazão ao estresse de seu cotidiano.

Com pouco tempo disponível para o treino, ele se convenceu de que precisava se dedicar mais aos sábados e com estratégias disciplinares. Decidiu, então, treinar 100 *katas*³³ de alguns golpes mais importantes.

Havia um golpe relativamente difícil e que Sadao apreciava particularmente. Chamava-se *hanegoshi*. Então, pegou dez cartões e, em cinco deles, escreveu o nome de cinco golpes diferentes e, nos cinco restantes, escreveu *hanegoshi*. Esses dez cartões foram colocados dentro de um envelope, que ele chamava de “envelope de disciplina”, e toda semana sorteava um cartão. Como *hanegoshi* estava escrito em cinco dos dez cartões, havia probabilidade de, em metade das vezes, o cartão com o nome desse golpe ser sorteado. Assim, aos sábados, ao final da sessão de treino, praticava 100 *katas* do golpe que havia sido sorteado. Em uma ocasião, foi a uma área

³² Nos períodos de férias escolares, chegou a fazer um curso intensivo de alemão e inglês durante um mês. Ele sabia que precisava dedicar mais do que as duas horas que tinha para estudar todos os dias, mas precisava do emprego para sobreviver. Tornar-se um estudante em período integral ainda não era uma opção, mas não seria um empecilho.

³³ Execução do movimento de um golpe sem derrubar o oponente no chão.



desabitada, próxima a São Paulo, para treinar diferentes golpes. Na fotografia, Sadao está aplicando o *hanegoshi*.

Passados meses, Sadao passou a executar esse golpe com muita eficiência e chegou a ser conhecido entre os colegas da academia como “o rei do *hanegoshi*”.



Figura 13 Prof. Sadao Omote aplicando o golpe *hanegoshi* em seu colega de academia de judô.
Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



Figura 14 Prof. Sadao Omote no pódio, em competições de judô de 1966 e 1967.

Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



Inclusive, Sadao resolveu usar dessa estratégia também para aprimorar outras habilidades. Confeccionou outro “envelope de disciplina”, também com dez cartões, e em cada cartão escreveu uma ação a ser executada durante a semana.

Cada ação se referia a alguma das dificuldades que estava determinado a superar. Tais dificuldades relacionam-se ao que hoje poderia ser referido como ação fora da zona de conforto. Sorteava um cartão por semana e obrigava-se a executar durante a semana a ação indicada no cartão. Eram ações como “contar uma piada a alguém”, “iniciar uma conversa com o chefe no local de trabalho”, “elogiar uma garota” etc³⁴.

34 Parecia estar praticando técnicas comportamentais consigo mesmo, ainda antes de fazer o curso de Psicologia.

Entreato *jitsuzon shugi to seishin-sei*: existencialismo e espiritualidade

A família de Sadao não praticava nenhuma religião em particular, mesmo que sua formação tenha sido budista, assim como a maioria das famílias japonesas na época. O Sr. Masao, particularmente, era uma pessoa de muita espiritualidade, sem, entretanto, praticar rituais ou frequentar templos³⁵.

Assim, enquanto Sadao morava com a família em Pereira Barreto, em seus primeiros 16 anos de vida, aprendeu a buscar respostas às suas dúvidas existenciais tendo como referência o Sr. Masao, uma pessoa de muitas leituras e que, nos cuidados com animais e plantas, tinha um modo de ação o qual Sadao viria a identificar, mais tarde, como pequenos experimentos em busca de procedimentos que produzissem melhor resultado.

Ao reconhecer sua subjetividade estruturada naquele contexto, Sadao aproveitava seu tempo livre em São Paulo para assistir a palestras, em geral sobre espiritualidade, oferecidas por diferentes entidades religiosas ou espirituais. Passava também muito tempo lendo livros sobre artes marciais, ioga, religião e outros assuntos relacionados à filosofia. Chegou a assinar revistas publicadas pela Igreja Adventista e pelas Testemunhas de Jeová. Todas essas experiências representavam a busca de Sadao para descobrir seu próprio lugar de pertencimento no espaço social.

Contudo, as explicações obtidas nas leituras e palestras lhe pareciam um tanto fantasiosas. Possivelmente, o contato com a realidade concreta no cotidiano de vida no campo, em Pereira Barreto, somado ao modo de vida um tanto experimental, seja no cultivo de plantas, seja nos cuidados com os animais, tendo por base as evidências em termos de resultados obtidos, contribuiu para que, a despeito da persistente busca para as dúvidas existenciais, Sadao nunca tivesse conseguido seguir nenhuma orientação espiritual.

Entreato *Shokugyō*: em busca de conhecer sua vocação

Paralelamente a esses empregos e atividades, uma vez matriculado no curso científico³⁶, Sadao deveria ter um projeto para realizar algum curso na Educação Superior. Particularmente naquele colégio, o científico estava dividido em duas turmas: a de Medicina e a de Engenharia.

Desde o início, Sadao tinha vaga ideia de estudar Medicina, para talvez se dedicar à Psiquiatria ou à Neurologia. Contudo, após a primeira

35 Isso acontecera somente mais tarde, quando, já com idade avançada, chegou a se envolver seriamente em duas religiões, praticando ritos diariamente enquanto as suas condições de saúde lhe permitiam.

36 Como era habitual na oportunidade, havia duas modalidades de trajetórias possíveis que seu colégio apresentava: o científico e o clássico. Seus currículos eram ligeiramente diferenciados entre si em função da carreira universitária que o jovem estudante tinha intenção de seguir. Tudo isso deixava bem clara a terminalidade que o curso colegial deveria ter.

aula de Filosofia, ele pensou ter descoberto o que estudaria na faculdade. Seria um filósofo?

Durante aquele ano, dentre os vários livros e textos que Sadao leu, o livro “Psicopatologia da Vida Cotidiana”, de Sigmund Freud, tocou profundamente seu íntimo³⁷:

Compreendi que muitas ocorrências do cotidiano, que me pareciam erradas, tinham explicação à medida em que os mecanismos inconscientes fossem compreendidos. Nesse sentido, muitos dos fatos que eu entendia como algo anormal, tais como esquecimentos e atos falhos, passaram a ser entendidos por mim como plenamente funcionais do ponto de vista psicológico. Assim, de imediato a leitura me sugeriu a ideia de que há possibilidade de uma pessoa ser dona de si própria e trilhar caminho adequado, ainda que sofra de problemas existenciais. Ali percebi que a Psicologia parecia poder mostrar esse caminho. Naquele momento, eu estava completamente certo sobre o que estudar na faculdade: cursaria Psicologia (narrção do Prof. Sadao aos autores)³⁸.

Seus desejos e suas escolhas já começavam a destoar tanto dos planos familiares quanto do resto de seus colegas de classe. Quase todos, especialmente os mais estudiosos, pretendiam cursar Medicina ou Engenharia, enquanto ele compreendeu sua pretensão de ingressar em um curso de Psicologia, em universidade pública.

Entreato *Yokubō* e *Yūki*: desejos e coragem

O Prof. Sadao sabia que não seria fácil ingressar no curso de Psicologia da Universidade de São Paulo, pois havia 620 candidatos para apenas 30 vagas. Ainda assim, ele enfrentara o desafio em fevereiro de 1968, após dois meses de cursinho intensivo e estudos em casa até tarde da noite. Terminados os exames de seleção, Sadao voltou ao sítio da família, em Pereira Barreto, com a intenção de descansar um pouco a cabeça.

O seu irmão Noriyasu havia se comprometido a verificar o resultado da seleção, quando fosse afixada a lista dos aprovados. Então, passados alguns dias, Sadao recebeu seu telegrama, parabenizando-o pela aprovação, em 10º lugar, no vestibular para o curso de Psicologia. Imediatamente retornou a São Paulo para as necessárias providências para essa nova fase de vida.

37 Para quem estava lendo um livro de Psicologia pela primeira vez, Sadao considerou que sua leitura fluiu bem.

38 Sadao relembra que seus colegas permaneciam sem compreender aquela sua decisão.



4º Ato: Novas experiências e muitas transformações



Figura 15 Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde funcionava parte do curso de Psicologia.

Fonte: adaptada de USP (2023) ([link externo](#)).

Ser admitido no curso de Psicologia da Universidade de São Paulo, em março de 1968, representou um grande marco na vida de Sadao. Foi um período para experimentar novos desafios e um estilo de vida que aguçaram e estimularam a percepção de suas diferenças em relação aos colegas, obrigando-o a novas buscas para integrar-se à vida universitária com novos valores e novos referenciais. Assim, estava iniciando a terceira fase da sua vida, com princípios e valores que seriam responsáveis por grandes transformações em si próprio.

Entreato *Bunka no chigai*: culturas e diferenças

De um lado, vindo do interior, Sadao teve que aprender sobre o estilo de vida urbana de seus colegas de classe, cujos perfis socioeconômicos e culturais eram muito diferentes daqueles colegas que outrora tivera no período de trabalho em escritório e de estudo em curso científico.

A maioria dos colegas da faculdade havia nascido e crescido em São Paulo ou em cidades grandes similares. Alguns deles até haviam viajado para o exterior e conheciam culturas diferentes. Pertenciam a famílias de classe média ou alta, cujos pais eram profissionais com formação superior. Sadao entrou em um mundo muito estranho para ele e, frequentemente, fazia referência de si como sendo um estudante culturalmente carente. Ali se fundamentava, também, a compreensão de Sadao sobre as dificuldades escolares crônicas apresentadas por crianças pertencentes a famílias pouco providas de condições socioeconômicas.

Naquela época, as pessoas que não faziam parte da cultura dominante e vivenciavam desvantagens situacionais eram chamadas de “privadas culturalmente”. No curso de Psicologia, então, o conceito de “privação cultural”³⁹ parecia ser bastante apropriado para descrever a sensação que ele experimentava participando daquele círculo universitário.

De outro lado, muitos de seus novos colegas estavam curiosos sobre o estilo de vida que Sadao tinha em casa. Embora alguns deles conhecessem a vida no exterior, o conceito de uma vida estritamente rural era uma novidade para eles. Alguns até expressaram um pouco de inveja pela experiência incomum que Sadao havia vivido.

Parece ter sido bastante estranho, aos olhos daqueles acadêmicos, que alguém que havia passado seus primeiros 16 anos de vida no campo estivesse agora frequentando uma universidade⁴⁰. Toda essa situação o fez sentir como se ele fosse de outro planeta. Isso possivelmente ocorreu devido a divergências ou mesmo contradições entre a vida anterior e a vida universitária.

Entreato *Hirogaru chiheisen*: ampliando horizonte

O ambiente universitário, com discussões e experiências tão ricas na vida cotidiana, somado à compreensão gradual dos processos psicológicos, por meio de importantes disciplinas como Psicologia Social, Psicologia da Personalidade, Desenvolvimento Humano, Psicologia Diferencial, Psi-

39 Deve-se esclarecer que esse conceito foi abandonado, porque os estudiosos da área entenderam que não se tratava de uma “falta de cultura”, mas que eram apenas “outras culturas” que não a predominante.

40 Naquela oportunidade, década de 1960, ainda não havia a rede de instituições universitárias privadas, que se expandiram na década seguinte. Assim, frequentar um curso superior não fazia parte do projeto de vida da maioria dos jovens.



ciologia do Excepcional e Psicanálise, deram base para Sadao entender os mecanismos de lida com conflitos.

Assim, embora Sadao estivesse confiante no enfrentamento de novos desafios, surgiram novos questionamentos em um mundo totalmente novo, que

provou esconder seus próprios tesouros. Descobriria, já no primeiro ano do curso de Psicologia, que um caminho possível em busca das respostas seria a pesquisa científica.

Isso contribuiu, também, para o surgimento de outras preocupações, as quais resultaram principalmente da expansão do horizonte de Sadao, que lhe permitiu outra percepção e compreensão da realidade ao seu redor.

Graças aos estudos e ao convívio com colegas com uma experiência tão diferente e rica, Sadao tornou-se capaz de localizar-se dentro de novas dimensões sociais, valendo-se de novos ingredientes ideológicos para a compreensão da realidade social. Obviamente, esse movimento exigia uma série de revisões, tanto sobre o mundo ao seu redor quanto principalmente sobre si mesmo, agora inserido nesse mundo mais amplo.

Isso sem contar os conflitos intergeracionais⁴¹ que, na década de 1960, se



Figura 16 Movimentos estudantis na década de 1960.

Fonte: adaptada de O Movimento... (2015) ([link externo](#)) e de UNE (2019) ([link externo](#)).

41 Conflitos intergeracionais são fenômenos sociais que geralmente ocorrem em civilizações modernas com o questionamento feito pela juventude acerca de velhos padrões e valores.

intensificaram enormemente em alguns países, inclusive no Brasil. As manifestações ocorriam principalmente no ambiente universitário, questionando o regime autoritário que o Brasil estava enfrentando desde 1964 e que só terminaria em 1985.

Sadao participou intensamente de movimentos sociais de estudantes universitários, acreditando que estava contribuindo para mudar o mundo. Em seu primeiro ano de faculdade, enfrentara greves e paralisações de estudantes exigindo revisão e mudanças em algumas disciplinas e na estrutura geral do curso de Psicologia⁴².

Nos anos seguintes, grandes mudanças estruturais foram feitas na Universidade de São Paulo, tornando todo o funcionamento da instituição universitária mais transparente e democrático, transformando a estrutura vitalícia de cátedra em estrutura de departamentos, com o chefe, subchefe e o conselho departamental eleitos por seus pares, inclusive com a representação discente nesse colegiado. Os eleitos tinham um período de mandato definido, o que permitia renovação constante⁴³. Apesar dos intensos conflitos em várias esferas da sociedade brasileira, pode-se considerar um período histórico que permitiu um grande amadurecimento para a nação brasileira.

Sadao sempre se considerou um privilegiado por ter vivido a sua juventude durante esse período. Do ponto de vista psicológico, tempos difíceis favorecem a busca de alternativas e privilegiam a maturidade das pessoas. Então, ele teve a oportunidade de alcançar um nível de compreensão do mundo e da realidade social que, de outra maneira, não teria alcançado.

A participação constante em debates políticos ampliou e complexificou o seu quadro de referência para a análise da realidade social. Como resultado natural, surgiram novas preocupações sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre seu lugar no mundo.

O que Sadao não conseguiu, mesmo com toda essa rica experiência e forte demanda no ambiente universitário, foram a adesão ao linguajar marxista, considerado o correto na análise daquela realidade social, e a incorporação e uso dessa linguagem, que lhe parecia um tanto estranha sendo usada por aqueles colegas com suas experiências de vida burguesa com ações incongruentes com o que se pregava.

Talvez por isso se fortaleceu a sua convicção de que a fala não é suficiente, por mais eloquente que possa ser. Ao invés disso, defendia as ações efetivas, ainda que em silêncio, como uma expressão inequívoca da

42 O mesmo aconteceu em vários outros cursos da Universidade de São Paulo. De um modo geral, todo esse movimento estudantil, em termos de reivindicações internas à universidade, visava construir um ambiente mais democrático.

43 Basicamente a estrutura departamental não sofreu grandes transformações até os dias de hoje. Na visão de Sadao, houve expressivas mudanças nas funções exercidas pelos departamentos, com o progressivo deslocamento do foco de atenção das questões acadêmicas para questões administrativas.

ideologia de cada pessoa. Costumava responder a algumas críticas, dizendo que “o comportamento verbal é falacioso”.

Entreato *Jiko ninshiki*: autoconhecimento

Em duas oportunidades, Sadao participou de uma atividade de grupo conhecida como grupo T (grupo de treinamento de sensibilidade ou *T group/sensitivity training group*, como era referido), uma técnica de grupo em que os participantes aprendem sobre si mesmos e os processos grupais por meio da interação entre si, com vistas a aguçar a sensibilidade para perceber o outro. Cada um dos grupos dos quais ele participou durou 20 horas, com cerca de 10 participantes.

A participação no grupo T pode ter contribuído para aumentar ainda mais a necessidade de autoconhecimento por parte de Sadao. Certamente, também contribuiu para aguçar seu senso de empatia. Esses foram ganhos que podem ter trazido novas preocupações. Em sua busca para responder a tantas perguntas existenciais, ele gradualmente configurou um enigma que exigia decifração urgente.

Em sua persistente e teimosa necessidade de decifrar definitivamente o que ele pensava ser o enigma da sua vida, ele finalmente começou a compreender que encontraria respostas mais definitivas às suas indagações persistentes em uma “pasárgada” representada, paradoxalmente, pelas inúmeras contradições provocativas presentes no árido sertão do Ceará: “não sei bem por que o sertão do Ceará, talvez porque conheci alguns cearenses que estavam fazendo o mestrado em Psicologia e com os quais conversava muito e me dava bem. Entre outras coisas, admirava o orgulho que eles demonstravam em relação ao seu estado”.

Então, decidiu viajar para esse “país encantado” em busca de respostas para suas perguntas. Não haveria de ser uma viagem fácil, sem dinheiro suficiente no bolso para as três refeições diárias e transporte confortável.

Antes de Vitória, a última parada do ônibus foi em Guarapari, que, naquela ocasião, estava se tornando um importante destino turístico. Ele havia lido muitas coisas sobre as praias dali, principalmente sobre a areia monazítica e suas propriedades medicinais. Talvez seu interesse especial nessa praia estivesse de alguma forma ligado à sua busca por uma “cura” para seus males espirituais.

Sadao, então, desceu do ônibus e observou que a praia estava muito próxima. Então, começou a caminhar em direção a ela e ficou a contemplar a beleza da imagem à sua frente. Depois de algum tempo, quando Sadao voltou

à estação, o ônibus já havia partido rumo a Vitória. A única bagagem, uma pequena maleta com poucos pertences, havia ficado no ônibus. Mas Sadao não ficou muito preocupado com o que aconteceu, talvez ele tivesse entendido que uma jornada dessa natureza implicaria sacrifícios com os quais ele estava preparado para lidar.

Sadao foi informado por um funcionário da empresa de ônibus de que dali a uma hora chegaria outro ônibus da companhia com destino a Vitória. Caso tivesse algum assento vago, o motorista poderia levá-lo até Vitória. Voltou de novo à praia para contemplar a beleza por mais algum tempo, até que chegasse a hora prevista para a vinda daquele ônibus.

Quando finalmente o ônibus chegou, o próprio funcionário da agência tomou a iniciativa de verificar se havia algum assento disponível. Felizmente, o ônibus não estava lotado, e o motorista permitiu que Sadao concluísse a sua viagem a Vitória.

Chegando na estação rodoviária de Vitória, procurou pela agência de ônibus para verificar o que teria acontecido com a sua maleta. O funcionário que o atendeu trouxe a maleta, informando que, após o desembarque de todos os passageiros, ficou sobrando essa pequena bagagem, a qual foi mantida na agência à espera do seu dono.



Figura 18 Ônibus capixaba da década de 1970.
Fonte: Trindade (2020) ([link externo](#)).

Nesse ínterim, conheceu um rapaz, aparentando ter um pouco mais de idade que Sadao, que havia chegado a Vitória para fins turísticos. Da estação rodoviária, foram direto à Vila Velha para visitar o convento da Penha, um importante ponto turístico pela sua localização, no topo de um morro com cerca de 150 metros de altura, de onde se pode ter uma linda vista da cidade de Vila Velha e suas praias.

Esse rapaz também orientou Sadao a buscar abrigo no quartel da Polícia Militar do estado do Espírito Santo. Já começando a anoitecer, pegou ônibus urbano em direção a esse quartel. Chegando lá e explicando o motivo da visita ao guarda-sentinela, na entrada do quartel, foi conduzido até o oficial do dia. Este, após ouvir pacientemente a história de Sadao, chamou um soldado para levá-lo até o ginásio de esportes do quartel, onde haveria acomodação. Havia vários quartos dentro do ginásio, e foi acomodado num deles. Evidentemente, o banheiro com chuveiro de água fria era coletivo. A janela do quarto não tinha vidro, de onde entrava brisa, mas era extremamente quente e estava infestado de pernilongos.

Após se acomodar e tomar banho, Sadao saiu em direção a um quarto de onde se ouviam vozes. Era um pequeno grupo de soldados, que também ficavam alojados nos quartos desse ginásio. Sadao conversou demoradamente com esses soldados, muito interessados na história dele. Passou dois dias ali.

Sadao seguiu viagem rumo a Salvador, passando por várias cidades pequenas do nordeste de Minas Gerais e do sudeste da Bahia. O ônibus em que estava viajando era muito precário, e, no caminho, numa estrada de terra, o seu motor parou de funcionar. Os poucos passageiros esperaram por várias horas até que o motorista retornasse com um mecânico para fazer o reparo possível.

Chegando a Salvador, procurou pelo alojamento de estudantes universitários, seguindo de ônibus urbano ao destino indicado por um estudante universitário de Fortaleza que conheceu na estação rodoviária de Salvador. Não tendo conseguido localizar o alojamento, voltou ao centro da cidade, já tarde da noite, bateu na porta de um pensionato, onde passou a noite. No dia seguinte, visitou alguns pontos de seu interesse e curiosidade: Lagoa de Abaeté, Praia de Itapuã, Mercado Modelo (que estava desativado na oportunidade em consequência de um incêndio), Elevador Lacerda...

Na viagem a Recife, conheceu dois irmãos, jovens fazendeiros de cacau em Ilhéus, em viagem de passeio. Em Recife, passeou com esses irmãos nos pontos principais da cidade e dos arredores: Centro Histórico de Olinda, Praia de Boa Viagem, entre outros lugares. Passou duas noites em um cubículo no qual cabia uma única cama pequena, próximo à estação rodoviária, com parede de placa de Eucatex de meia altura, banheiro coletivo sujo e com chuveiro de água fria.

Na sequência, rumo a Natal, conheceu uma família constituída pelo casal e uma filha já adulta, que se sentou ao seu lado no ônibus. Do outro lado do corredor, sentaram-se os pais. O pai procurava puxar conversa com Sadao. Num dado momento, levantou-se para pegar alguma coisa no bagageiro, e aí, com surpresa, Sadao viu que ele portava um revólver na cintura, debaixo da camisa. Sadao sentiu como se o pai o estivesse intimidando para proteger a filha. Em breve passagem por Natal, visitou o Forte dos Reis Magos, entre outros pontos de interesse, como havia planejado ainda em São Paulo.

De Natal, viajou a noite inteira para chegar a Fortaleza pela manhã. Conforme sugerira o estudante que conhecera em Salvador, seguiu direto para a residência universitária da Universidade Federal do Ceará, conhecida como CEU (Clube dos Estudantes Universitários).

Foi acomodado num apartamento com dois outros estudantes. Divertiu-se bastante. Alguns dias depois, aquele estudante, que também morava no CEU, apareceu e procurou Sadao para ver se precisava de alguma ajuda. Saiu com esse estudante algumas vezes. Fez refeição. Ele só jantava numa casa que servia sopão, a sua única refeição do dia. Sadao também fez o mesmo a maior parte do tempo em que permaneceu em Fortaleza.

Durante esse período, ele visitou a família de uma estudante do Ceará que conheceu na Universidade de São Paulo e com quem manteve amizade durante 1968 e 1969. Essa colega foi para São Paulo estudar e fazer mestrado em Psicologia na Universidade de São Paulo. Eles frequentemente conversavam, e, quando Sadao lhe disse que pretendia ir ao Ceará, ela lhe deu o endereço dos pais e insistiu para ele visitá-los quando estivesse em Fortaleza. Um dia, ele recebeu a visita de um irmão dessa colega, que o convidou para passar alguns dias em um seminário de padres, na Serra do Pacoti, não muito longe de Fortaleza. Sadao passou alguns dias lá: “Foram dias maravilhosos e completamente diferentes do resto do período dessa longa jornada: tive acesso a banho quente, muitas verduras nas refeições e muitas conversas sobre os mais variados assuntos. Um luxo comparado aos dias anteriores da viagem!”

Em outra ocasião, esse irmão da amiga de Sadao convidou-o a passar um dia na fazenda de um amigo, para conhecer o ambiente árido do interior. Saíram de manhã cedo e caminharam algumas horas por um trecho de estrada vicinal precária e um longo trecho no meio do pasto, pela fazenda e pelo bairro. Chegaram à fazenda próximo ao horário de almoço. Tomaram banho num riacho, passearam e conversaram muito com os anfitriões. Retornaram a Fortaleza à noite, já completamente escuro. Acrescenta-se que não havia nenhum meio de transporte. O único meio de locomoção eram as suas próprias pernas.



Entreato Enigma

Contando aos colegas do quarto a razão da ida a Fortaleza, em busca de “Pasárgada”, eles sugeriram ir a Orós, dando inclusive indicação de um estudante da UFC e morador do CEU que estava em Orós com a sua família, passando férias escolares, e que poderia receber Sadao na casa de sua família. Sadao seguiu a Orós, a cerca de 350 km de Fortaleza, onde fica o açude de Orós, construído pelo Dnocs (Departamento Nacional de Obras contra as Secas), o maior do estado na época da sua construção.

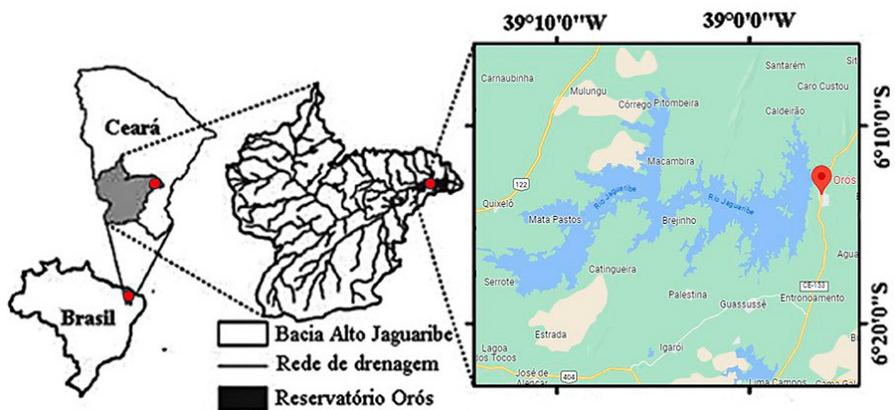


Figura 19 Mapas em escala de aproximação, do maior ao menor território, em que são representadas as relações entre o Brasil e, sucessivamente, o estado do Ceará, a região onde está localizado o município de Orós (Bacia Alto Jaguaribe) e, por fim, a localização mais precisa desse município no entorno do Reservatório de Orós.

Fonte: adaptada de Araújo et al. (2020).

Chegando a Orós, havia muita gente esperando pelo ônibus, que era um acontecimento aguardado pela pequena comunidade. As pessoas da cidadezinha esperavam saber quem estava voltando ou visitando a pequena comunidade. Perguntando a uma pessoa onde ficava a casa daquele estudante, um grupo de meninos levou Sadao até a residência de uma pessoa. Porém, o nome do aluno que Sadao procurava era muito comum naquela região, e, então, ele foi levado à casa de outra pessoa com o mesmo nome. Era um homem idoso que, compreendendo a situação, recomendou às crianças, curiosas e prestativas em relação ao “forasteiro”, que levassem Sadao à Casa de Hóspedes do Dnocs. Chegando ali, havia apenas um funcionário, que lhe ofereceu um quarto para dormir e um jantar.

No dia seguinte, quando Sadao saiu pela cidade e foi passear nas proximidades, muita gente saiu de casa para conhecê-lo. Até parecia que ele era

algum artista famoso. Depois soube que era o segundo “japonês” a aparecer em Orós em toda a história da cidade. A primeira vez foi um engenheiro que havia feito visita para avaliar as condições da represa de Orós.

No segundo dia, no início da manhã, Sadao foi procurado por um grupo de rapazes que o convidou para fazer “esqui aquático” na represa de Orós. Sadao agradeceu o convite⁴⁴ e expressou seu interesse em conhecer a vida sertaneja. Os rapazes conversaram um pouco e decidiram levá-lo para uma fazenda, na qual ele poderia passar alguns dias. Ele foi levado de caminhonete para a fazenda. A pequena família, composta do casal e um menino, o recebeu com muito carinho. Ele ficou por uma semana, conhecendo o cotidiano do sertão. Nesse período, teve muitos problemas gastrointestinais devido ao consumo de água não tratada. Ele pediu à dona de casa que fervesse a água, mas ela não entendeu o motivo.

Uma noite, Sadao foi convidado a visitar uma família vizinha para ser apresentado. As pessoas não conseguiam entender por que um estudante universitário de São Paulo havia aparecido naquele local, querendo conhecer o estilo de vida no interior. Houve também a visita de algumas pessoas da vizinhança, aparentemente para encontrá-lo.

Mais uma vez, Sadao sentiu-se como se fosse de outro planeta. No final da breve temporada nessa fazenda, o proprietário disponibilizou um cavalo para ir à cidade e retornar a Fortaleza. O garoto da família anfitriã o acompanhou para trazer de volta o cavalo.

Talvez a maior lição que Sadao aprendeu durante esses dias foi perceber que, apesar das condições de vida tão distintas das que ele conhecia, as pessoas do interior viviam essencialmente da mesma maneira, com obrigações relacionadas à rotina diária e com suas próprias dúvidas e certezas. A experiência vivida durante esses dias foi tão extraordinária que Sadao retornou a Fortaleza com a certeza de que o único destino poderia ser Orós.

Naquele período em que passou viajando a maior parte no Ceará, por cerca de dois meses, Sadao não encontrou muitas pistas que o ajudariam a decifrar “o enigma da vida”. Outros destinos viriam futuramente, alguns deles ainda com o mesmo intuito. Estariam as respostas nas “viagens” do cotidiano? Ou surgiriam apenas mais e mais perguntas?

Em fins de fevereiro, ao retornar a São Paulo, Sadao encontrou uma mensagem de um amigo para entrar em contato com ele urgentemente. Ele perguntou se Sadao estaria interessado em ser assistente na disciplina que ministrava no curso de Psicologia numa faculdade privada que estava sendo constituída, com o curso de Psicologia iniciado no ano anterior, em Mogi das Cruzes. Iniciava-se, assim, uma fase muito significativa de sua vida, que marcaria toda a sua trajetória até os dias atuais.

44 Na realidade, Sadao não sabia nadar naquela época.



6º Ato: *Daigaku Kyōju to shinri gakusha* – Professor Universitário e Psicólogo

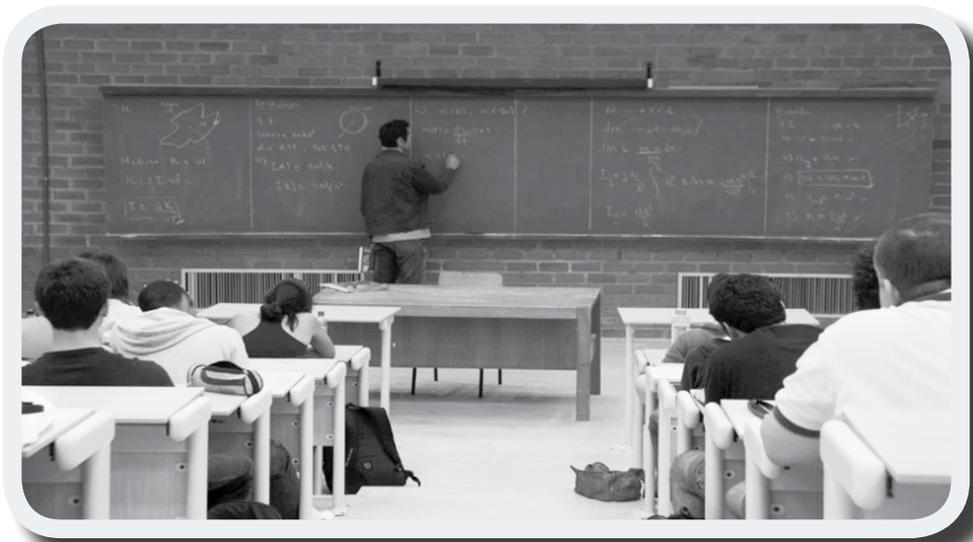


Figura 20 Professor Universitário em sala de aula, escrevendo com giz branco em uma lousa verde escura.

Fonte: adaptada de Fábio (2018).

A apenas 65 km de São Paulo, na cidade de Mogi das Cruzes-SP, Sadao iniciou suas atividades de docência na Organização Mogiana de Educação e Cultura (Omecc) em 1970, quando estava começando a expansão da rede particular de ensino universitário. Naquela instituição, o curso de Psicologia havia iniciado em 1969.

Naquela configuração, Sadao começou ministrando as disciplinas de Psicologia Geral e Psicologia Experimental I, para as turmas do primeiro ano, e a de Psicologia Experimental II, para as do segundo ano, sendo duas turmas para cada ano: uma vespertina e uma noturna.

Sobre esse cenário, cumpre uma contextualização interessante: nas décadas de 1960 e de 1970 ocorrera, em alguns cursos de Psicologia do Brasil, uma experiência interessante de ensino individualizado,

conhecido como Curso Programado Individualizado, cujo princípio consideraria o ritmo individual de cada estudante no processo de avaliação e avanço nas lições previstas.

Especificamente no curso de Psicologia da Omec, as turmas eram de 100 alunos. Para que a individualização fosse possível, era necessária uma equipe de quatro professores e cada um deles deveria responsabilizar-se pela aprendizagem de 25 alunos.

Ocorre que, no primeiro ano de contratação, 400 estudantes estavam sob a responsabilidade da equipe, sendo 200 do primeiro ano e 200 do segundo ano. No primeiro e segundo anos, eram previstos exercícios de laboratório devidamente organizados, com instruções a serem seguidas por estudantes em atividades individuais.

Como a disciplina continuava no terceiro ano com sólidas atividades de laboratório, a partir de 1971 a equipe de professores passou a ter a responsabilidade sobre 600 estudantes, incluindo o terceiro ano na disciplina de Psicologia Experimental III. Nesse nível do curso, os estudantes organizavam-se em grupos de cinco pessoas e, no decorrer do ano, realizavam uma pesquisa original, preferencialmente experimental, desde a elaboração do projeto até o relatório final⁴⁵.

Outra característica da estratégia didática da equipe era o uso de monitores em grande quantidade. A monitoria era concebida não apenas como recurso de ensino, mas também como atividade de formação para os próprios monitores. Naturalmente, isso demandava da equipe muito trabalho durante o período de férias escolares para a capacitação desses monitores. Muitos desses monitores, após a sua graduação, buscaram a continuidade da sua formação em algum programa de pós-graduação stricto sensu, ainda muito raro na época, acabando por tornarem-se professores universitários (narração do Prof. Sadao aos autores).

Foi naquela instituição que, segundo ele, ao longo de quatro anos, começara um dos períodos mais estimulantes e transformadores de sua vida: “Este é início da ‘resposta’ que encontrei no retorno de Orós”.

Apesar das tentativas e esforços feitos desde que ele se mudou para São Paulo, Sadao ainda tinha muita dificuldade para falar em público. Além disso, ele tinha consciência de sua dificuldade em se convencer de que conhecia o assunto suficientemente bem para ensinar outras pessoas e, por essa insegurança, dedicou-se a incontáveis horas de estudo para poder ministrar aulas com a responsabilidade ética de estar, de fato, ensinando algo com propriedade.

45 Muitos grupos construíam os “equipamentos”, desde labirintos em T ou Y até engenhocas simples que suas mentes criativas concebiam, para a realização de experimentos, quase sempre com ratos brancos.

Foram aqueles os anos decisivos que fundamentaram seu sentimento e necessidade de buscar mais independência para continuar a enfrentar esses desafios sozinho. Decidiu, então, desligar-se da equipe e procurar ser professor em outra faculdade, sozinho. Sadao permanecera na Omec até 1974.

Nos anos seguintes, durante quatro anos e meio, ministrou aulas em algumas faculdades⁴⁶, sempre em cursos de Psicologia, nas disciplinas de Psicologia Social e Psicologia do Excepcional. Como único professor responsável por tais disciplinas, precisava planejar e executar sozinho todas as decisões e atividades relacionadas a essas disciplinas. Foi uma experiência que lhe permitiu alcançar maior segurança e confiança na sua própria capacidade de fazer a sua carreira solo na docência na Educação Superior.

Entreato *Shōgaisha muke no shien kikan*: Instituições para pessoas com deficiências

Paralelamente à sua atuação na Educação Superior, Sadao iniciou no começo de 1974 outra atividade que, à primeira vista, estaria dissociada dos rumos que estavam se esboçando, mas que ampliaria sua perspectiva de trabalho intelectual: começara a trabalhar em uma instituição para crianças e adolescentes “deficientes mentais severos e profundos”⁴⁷. Contratado como psicólogo, sua função era a de planejar e organizar atividades que contribuíssem para promover maior independência em crianças e jovens atendidos por essa instituição, especialmente em hábitos de higiene.

Ao longo dos quatro anos e meio ali, Sadao teve contato diário com crianças e jovens com grave deficiência intelectual e com suas famílias, o que lhe apresentou muitos novos desafios. Ficara evidente para ele a distância entre a teoria a que tivera acesso até então em sua educação universitária e a prática na realidade com a qual ele passou a ter contato diário.

Seguramente, o maior desafio foi com relação à razão principal da sua contratação: “tirar fralda” de meninos e meninas em torno de 10 a 15 anos, incontinentes, que haviam “resistido” a todas as tentativas anteriores de torná-los independentes.

Sadao elaborou um plano detalhado de treinamento com base em técnicas de condicionamento operante. Seguindo o procedimento habitual, ao iniciar o programa de treino de *toilette*, algum adulto da família, quase sempre a própria mãe, passou a ser treinado e supervisionado em reuniões semanais para dar continuidade ao treino em casa⁴⁸.

46 Naquele período, ministrou aulas em quatro faculdades particulares, tendo encontrado as melhores oportunidades de amadurecimento e independência nas Faculdades São Marcos.

47 Assim eram referidas as pessoas com deficiência intelectual com grave comprometimento e severas limitações mesmo nas atividades corriqueiras da vida cotidiana.

48 A instituição funcionava em regime de semi-internato. Os meninos e meninas permaneciam na instituição durante o dia e em casa à noite e nos finais de semana.

De um modo geral, os participantes (mães e um único pai) estavam muito interessados e animados com a possibilidade de finalmente “tirar fralda” de seus filhos e ficavam entusiasmados com os pequenos avanços que eram verificados. Até aí Sadao se sentia completamente seguro, com senso de competência e de domínio da situação.

Entretanto, um fato inesperado ocorreu. Uma das mães comparecia todas as semanas à instituição no horário da reunião, porém permanecia do lado de fora até o término da sessão de uma hora e meia. Após a reunião, essa mãe procurava Sadao para conversar, e, como ele estava interessado em garantir a continuidade do treino em casa, atendia individualmente essa mãe, passando-lhe orientações e mostrando alguns pequenos progressos do filho dela de 14 anos. Antes mesmo de concluir a sua fala, era constantemente interrompido por essa mãe, que verbalizava coisas como: “estou muito velha e não consigo mais cuidar do A”, “dói aqui e acolá, ninguém me ajuda em casa” etc.

Buscava, então, encontrar respostas para muitas de suas perguntas relacionadas a essa situação na biblioteca da faculdade. Muitos livros e periódicos, até então completamente desconhecidos para ele, começaram a abrir seu horizonte de conhecimento sobre deficiências.

Paulatinamente, com escuta ativa e estudos, foi compreendendo que o sofrimento de uma mãe de criança com deficiência mental severa ou profunda não se limitava aos cuidados que precisa dispensar em praticamente todas as situações da vida diária. Mais do que essas dificuldades, o drama dessa mãe pode decorrer da significação psicossocial que tem para ela o fato de ter dado à luz uma criança com tal incapacidade. Não é difícil imaginar a complicada situação vivida por ela em 1960, quando assuntos dessa natureza eram um grande tabu.

Nos contatos que mantinha semanal e individualmente com essa mãe, Sadao percebeu que a família estava cindida em dois subgrupos: um constituído pelo pai e pelo casal de filhos, mais velhos e sem nenhum problema de desenvolvimento, e outro constituído pela mãe e o filho deficiente mental. Esses dois subgrupos familiares pareciam subsistir no cotidiano de modo relativamente independente um do outro.

Sozinha e talvez até culpabilizada pelo nascimento dessa criança com deficiência intelectual, essa mãe parece ter construído, ao logo dos 14 anos de enfrentamento da difícil situação, um modo de relação com esse filho que a fazia se sentir uma “boa mãe”, pois ele dependia dos seus cuidados para praticamente todas as atividades da vida diária. Se tal hipótese for plausível, é compreensível que a mãe não tivesse nenhuma disposição para colaborar em atividades que propunham tornar o filho deficiente um pouco mais independente, o que poderia ser interpretado como uma ameaça contra o senso de competência materna tão arduamente construído.

Essa compreensão levou Sadao a mudar radicalmente a abordagem em relação a essa mãe, no sentido de compreender e buscar formas de atendimento às necessidades dela que não entrassem em choque com o trabalho que estava sendo realizado com o filho deficiente. É um processo complexo, mas para ele estava bastante claro que não poderia deixar que o filho dela continuasse tão dependente para preservar a situação difícil para a mãe nem poderia desdenhar dela tendo por objetivo único a independência do filho.

Começara a ficar mais evidente para ele que as dificuldades ou impedimentos das pessoas com deficiência para realizar diferentes atividades não podiam ser atribuídos apenas às patologias de que eram portadores. Compreendera que os ambientes sociais desses sujeitos, ao oferecer ou não diferentes oportunidades e demandas às pessoas com deficiência, teriam um papel crítico sobre as características comportamentais e psicológicas dessas pessoas, a depender das expectativas sociais derivadas do estigma que elas carregavam.

Na ocasião, em 1974, Sadao estudava para obter o título de mestre, na Universidade de São Paulo. Então, o desafio que essa mãe colocou foi decisivo para que Sadao abandonasse o projeto que estava desenvolvendo na oportunidade, para a dissertação de mestrado, e idealizasse outro estudo no qual buscaria, a partir dos depoimentos das mães de crianças e jovens com deficiência mental, evidências com base nas quais fosse possível construir um quadro de referência inicial para a compreensão dos dramas vivenciados por essas mães.

No decorrer das entrevistas realizadas com 52 mães em quatro instituições para pessoas com deficiência intelectual e no contato com outras mães durante as atividades de orientação, realizadas nas instituições nas quais havia sido contratado, Sadao foi identificando a importância dos contextos mais amplos para a compreensão das mais variadas reações apresentadas por mães de deficientes mentais.

Muitas manifestações das mães pareciam estar estreitamente relacionadas ao significado atribuído à deficiência intelectual e ao lugar social reservado às pessoas com deficiência intelectual e a suas famílias, em particular às mães.

No início de 1978, Sadao recebeu o recado de uma professora da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Marília, para procurá-la na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em São Paulo, onde ela fazia o seu mestrado em Educação. Imediatamente, Sadao entrou em contato com ela e agendou um encontro nas dependências da PUC.

A professora, Wanda Ciccone Paschoalick, era uma pessoa muito entusiasmada com a Educação Especial. O encontro com essa simpática e entusiasmada professora foi extremamente agradável. Ela lhe contou que, na

recém-criada Unesp, estava sendo implantada a Habilitação em Educação Especial no seu curso de Pedagogia e que estava tentando compor equipe de professores com experiência na área e com novas ideias a respeito das deficiências e do atendimento a essa população. Ela ficou muito interessada na maneira de Sadao analisar a questão das deficiências e ficou de propor o seu nome para a contratação pela Unesp. Sadao ficou entusiasmado!

Contratado pela Unesp, Sadao se mudou para Marília com sua família, constituída pela filha de um ano e três meses e esposa, grávida de seis meses do filho, que veio a nascer naquela cidade. Iniciou suas atividades em julho de 1978, atuando na Unesp e desenvolvendo sua pesquisa, Sadao defendera sua dissertação de mestrado em 1980, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A mudança de São Paulo para Marília permitiu a Sadao visitar os pais e dois irmãos, que ainda permaneciam residindo no sítio, em Pereira Barreto, com mais frequência, já que a distância havia se reduzido para menos de metade em relação aos tempos em que residia em São Paulo.

Por ocasião da defesa da dissertação de mestrado, ocorrida em 1980, os pais viajaram a São Paulo para assistir à sessão pública de defesa. Era, para eles, um evento inimaginável. Ver os filhos estudando em uma universidade era o máximo que poderiam almejar, residindo em um sítio de médio porte com atividades agropecuárias familiares. Mais inimaginável ainda era ver Sadao no caminho para tornar-se doutor, uma vez que para eles as únicas informações sobre esse nível de formação eram de algumas poucas figuras notáveis de pesquisadores cuja biografia haviam lido.

A dissertação foi intitulada *Reações de Mães de Deficientes Mentais ao Reconhecimento da Condição dos Filhos Afetados: um estudo psicológico*. O desenvolvimento de sua pesquisa foi orientado pelo Professor Doutor Walter Hugo de Andrade Cunha, um grande intelectual, que estimulou Sadao a buscar, com sensibilidade e criatividade, compreender o drama psicossocial pouco visível de muitas famílias de deficientes mentais.

A compreensão de que o entorno social tinha um papel importante tanto para a construção do perfil de pessoas com deficiência quanto para o sofrimento das famílias levou Sadao a idealizar a sua pesquisa de doutorado antes mesmo de concluir o seu mestrado, envolvendo fatores de contextos que dariam alguma significação específica para as deficiências. Em vista da amplitude e complexidade do que chamava de entorno social, Sadao decidiu investigar, entre 1980 e 1984, os estereótipos sociais a respeito de pessoas com diferentes deficiências⁴⁹. Sadao nos traz uma observação sobre aquele período:

49 A pesquisa conduzida com 63 estudantes de Pedagogia que faziam Habilitação em Educação Especial e outros 63 estudantes de Pedagogia que faziam outras habilitações resultou na tese de doutorado intitulada *Estereótipos de Estudantes Universitários em Relação a Diferentes Categorias de Pessoas Deficientes*, defendida em 1984,

Na oportunidade em que os dados foram coletados (no início da década de 1980), a Educação Especial era vista por educadores, de um modo geral, como uma área muito específica, reservada apenas para os especialistas da área. Daí, parecia plausível supor que entre estudantes que haviam feito opção pela formação em Educação Especial e os que haviam feito opção por outras habilitações (ou os que haviam “fugido” da Educação Especial?) pudesse haver diferenças nos conhecimentos (estereótipos sociais) a respeito das pessoas com deficiência (narração do Prof. Sadao aos autores).

No seu entendimento, os estereótipos sociais poderiam ser tratados como conhecimentos simplificados, muitas vezes um tanto distorcidos e principalmente supergeneralizados, com base nos quais as pessoas comuns compreendiam e tratavam as pessoas deficientes.

Foi assim que o fato de lidar quase exclusivamente com a questão da deficiência demarcou o início decisivo de uma trajetória que acompanharia Sadao até os dias atuais, não mais apenas em relação a deficiências, mas a grupos minoritários de um modo geral.



7º Ato: *Kazoku Daigaku seimei* – Família e vida acadêmica

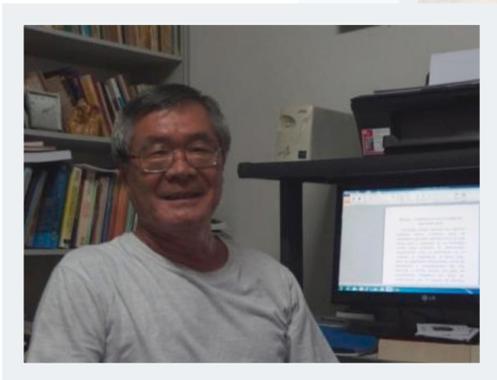


Figura 21 Aniversário de 15 anos de Máira (superior esquerda); passeio a cavalo com Hélio, em Poços de Caldas (superior direita); professor Sadao Omote em sua sala de estudos e pesquisa.

Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



Figura 22 Prof. Sadao e Sra. Deíse no cartório, em ocasião de registro oficial de seu casamento civil.
Fonte: acervo do Prof. Sadao Omote.

Sadao casou-se em 1974 com a primeira e única namorada que teve, chamada Deíse. O casamento foi apenas no cartório de registro civil, com uma pequena recepção aos parentes mais próximos na residência dos pais dela.

Tempos depois, em 1977, numa tarde em que Sadao estava ministrando aula numa faculdade, foi avisado por uma funcionária que havia uma ligação telefônica na Secretaria. Era a sua sogra avisando que Deíse estava indo para a maternidade, conforme recomendação da médica, pois estava começando algumas contrações. No quarto da maternidade, aguardaram até o último momento, pois era intenção ter parto normal. Mas, em um exame, a médica sugeriu que fizesse parto cesáreo, pois o bebê começaria a entrar em sofrimento. Tão logo Deíse foi encaminhada para o centro cirúrgico, Sadao, acompanhado de seus sogros, foi a uma sala de espera para aguardar a notícia.

Na Maternidade de São Paulo, na cidade de São Paulo, onde nasceu Maíra, havia uma sala de espera com duas lâmpadas, uma rosa e outra azul, e uma delas acendia a depender do sexo do recém-nascido. Sadao ficou todo o tempo olhando direto para a lâmpada cor de rosa, pois “sabia” que seria menina (na oportunidade não era prática viável identificar o sexo do bebê antes do nascimento). Sadao e Deíse tinham tanta certeza que só haviam pensado num único nome feminino. Não demorou muito e a luz cor de rosa se acendeu. Pouco tempo depois, como havia sido informado, apareceu na janela de vidro uma enfermeira com Maíra no colo para apresentá-la ao pai e avós. Sadao foi tomado por um sentimento diferente, desconhecido até então.

O nascimento de Maíra foi acompanhado de um sentimento completamente estranho até então. Ser pai um dia era algo pretendido, mas a emoção era inimaginável.

No retorno para casa, ecoavam no seu ouvido as letras de uma canção de Roberto Carlos: “nasceu Maria, quando a folia...”; substituindo Maria por Maíra, ecoava “nasceu Maíra...”. Desnecessário dizer que o nascimento de Maíra representou o início de uma nova fase com algumas transformações radicais na vida diária.

Seis meses depois, Deíse estava grávida de Hélio. Também sabiam que seria menino, razão pela qual haviam pensado num único nome masculino.

Desde o nascimento de Maíra, acalentava a ideia de mudarem-se para alguma cidade de médio porte do interior de São Paulo para construir uma vida familiar tranquila. Em 1978, Sadao mudara-se para Marília junto à sua esposa, grávida de 6 meses, sua pequena filha, que tinha apenas 1 ano e 3 meses de vida, e duas vira-latas, Kelly Cristina e Careta, mãe e filha. Três meses após a mudança para Marília, nascia Hélio, concebido paulistano e nascido mariliense. Embora já tivesse experiência de ser pai, a emoção não foi menor. Agora, Sadao e Deíse estavam sozinhos numa cidade ainda desconhecida para criar duas crianças pequenas.

A vida em família, em Marília, transcorria com absoluta calma, apesar de duas crianças pequenas a requererem muitos cuidados. Em São Paulo, dava aulas em três instituições universitárias privadas e trabalhava como psicólogo em uma instituição para deficientes mentais severos e profundos, o que demandava dispendiar diariamente cerca de duas horas no trânsito, e, em alguns dias da semana, não havia tempo para voltar à casa para almoçar e/ou jantar.

Em julho daquele ano, iniciara suas atividades na Unesp-Marília. Sadao ministrava apenas seis horas-aula semanais, durante alguns anos iniciais, além de o deslocamento da residência até o campus universitário requerer no máximo 20 minutos. Assim, fazia as três refeições diárias em casa, além de dispor de um tempo quase infundável de descanso após o almoço. Passava diariamente cerca de oito horas na faculdade, onde lhe havia sido reservada uma sala de trabalho, inclusive com uma máquina de datilografia, equipamento muito almejado na época, quando muitos professores escreviam à mão e depois solicitavam à secretária do departamento que datilografasse.

Nesse regime de trabalho, sempre que houvesse alguma demanda em casa por parte das crianças, era possível ausentar-se do local de trabalho, desde que não houvesse compromisso de aula ou de reunião. Sempre que isso ocorria, compensava indo trabalhar na faculdade à noite ou no sábado, quando a Deíse estava em casa. Nessa época, a Deíse trabalhava em consultório particular e como voluntária, na área da Psicologia, em um serviço público de saúde.

Tudo isso era possível, não só pela flexibilidade no horário de trabalho, mas também porque, naquela oportunidade, estava redigindo a sua dissertação de mestrado, o que dispensava a necessidade de local fixo para trabalhar. Além da máquina de datilografia na sua sala na Unesp, mantinha uma máquina portátil em casa, o que lhe permitia trabalhar na elaboração da dissertação tanto na Unesp quanto em casa.

Desde então, sua longa rota em termos de integração do trabalho profissional na trajetória da vida pessoal se estabelecia. Sua contratação pela Unesp representou uma inflexão total na sua trajetória de vida. Acima

de tudo, significou a conquista de um benefício quase utópico com que sonhava enquanto ministrava aulas em faculdades particulares e recebia remuneração por hora-aula em São Paulo: receber salário para estudar e pesquisar, além de ministrar aulas.

Além disso, representou a ele uma importante oportunidade de avançar nos estudos em nível de pós-graduação, uma vez que uma parte significativa dos compromissos contratuais correspondia ao estudo e à pesquisa. Sadao sempre sonhou em receber um salário para estudar. E agora isso estava acontecendo⁵⁰.

Adicionalmente, houve ganhos secundários expressivos na sua vida. Sair de São Paulo para fugir do trânsito complicado que lhe fazia perder cerca de duas horas diárias nos deslocamentos de um lugar para outro era um grande alívio. Viu também com muita alegria a possibilidade de criar os filhos em uma cidade de médio porte no interior do estado de São Paulo.

Nos primeiros anos na Unesp, em função da natureza da demanda de trabalho, que estava apenas começando, as 40 horas de atividades contratuais incluíam muitas leituras e discussões com os colegas sobre os mais variados temas relacionados à Educação Especial. Começou também a escrever um pouco mais sistematicamente e com o propósito mais instrumental que consumatório, como ocorria nos textos que produzia nos tempos em que trabalhou em instituição para deficientes mentais em São Paulo.

Sadao concluiu o mestrado e iniciou o doutorado, também em Psicologia na Universidade de São Paulo. Embora não tivesse prazo, concluiu-o rapidamente⁵¹. A obtenção do título de doutor significou a abertura de muitas portas novas, o que favoreceu tanto novos compromissos intra e extramuros quanto a consolidação da carreira de professor universitário. Na Unesp, a equipe de professores contratados para a implementação da Habilitação em Educação Especial não constituía um departamento, por não atender ao critério então vigente de ter, pelo menos, três professores com doutorado. Naquele cenário, então, o coletivo de professores da área de Educação Especial funcionava como Coordenação de Educação Especial, sem direito a voto nos colegiados locais. A conquista do título de doutor por Sadao somou-se à titulação de outros dois colegas doutores, atenden-

50 Enquanto morava e trabalhava em São Paulo, ele já havia iniciado seu mestrado em Psicologia na Universidade de São Paulo, mas, devido ao pouco tempo disponível, o estudo avançava em um ritmo muito lento. Naquela época, não havia prazo para a conclusão do estudo de mestrado, como atualmente é o caso, o que lhe permitiu dispendir 8 anos e meio para a conclusão do mestrado. Ele não poderia ter como objetivo uma situação mais privilegiada do que a oferecida pela Unesp.

51 No dia da defesa da tese de doutorado, a mãe estava internada num hospital em São Paulo após cirurgia com suspeita de câncer nos pulmões, e conseqüentemente os pais não puderam assistir à sessão de defesa da tese. Poucos anos depois, a mãe veio a falecer após acidente vascular cerebral. Um ano depois, foi a vez do pai, que já vinha sofrendo de longa data de esclerose lateral amiotrófica.

do aos critérios para a institucionalização do Departamento de Educação Especial (DEE) na Unesp de Marília, em 1985.

Sadao nunca gostou de atividades administrativas na universidade, mas muitas delas eram restritas a professores com o título de doutor. Assim, ele acabou ocupando vários cargos nos colegiados após seu doutorado, até então não imaginados. Esses compromissos incluíam a avaliação de solicitações enviadas a agências de fomento à pesquisa, incluindo apoio à pesquisa, bolsa de estudos, organização de congressos, participação nos colegiados, exercício dos cargos de chefia, dentre outros. Também incluía outras atividades que Sadao apreciava especialmente: participação no conselho editorial de revistas para avaliar e recomendar ou não, com quaisquer sugestões de mudanças, artigos submetidos a revistas científicas; e avaliação de trabalhos submetidos a congressos científicos. Certamente, havia outros compromissos que ele não apreciava: avaliação de relatórios anuais ou trienais de colegas do departamento; e participação em comitês do departamento, faculdade e universidade.

Entreato *Oshieru*: Sadao e o ensino

A experiência prévia deu a Sadao o repertório para ministrar aulas de Orientação Social e Vocacional do Retardado Mental⁵². No início, a Habilitação em Educação Especial era oferecida em duas áreas: deficiência mental e deficiência visual⁵³. Ao tomar conhecimento dos currículos propostos para essa habilitação, Sadao notou imediatamente duas tendências bastante comuns no tratamento de questões relacionadas às pessoas com deficiência na época: concepção de deficiência centrada nas pessoas com deficiência e quase total distinção entre as diferentes deficiências.

Então, durante a primeira reunião da equipe de professores responsáveis pela implantação da Habilitação em Educação Especial, Sadao propôs uma nova disciplina, que chamou de *Divergências Sociais*. Essa disciplina foi proposta para as duas áreas de deficiência⁵⁴, lidando com

52 Esse rótulo ainda era relativamente comum. A equipe de professores de diferentes cidades (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte) mudou esse rótulo para "deficiente mental", considerado menos ofensivo.

53 O projeto para a criação da Habilitação em Educação Especial havia planejado a implementação das áreas de deficiência mental e deficiência visual em 1977 e deficiência auditiva e deficiência física nos anos seguintes. Mas a implementação da área de deficiência auditiva só ocorreu em 1982, e a de deficiência física em 1984.

54 A disciplina proposta era comum a duas áreas de deficiência – deficiência mental e deficiência visual –, tradicionalmente vistas como muito distintas uma da outra. Nos currículos originais, havia uma única disciplina comum a diferentes áreas da deficiência, a de Fundamentos da Educação Especial, que tratava de questões gerais de Educação Especial, aplicáveis a todas as deficiências. Dizia respeito, por exemplo, à legislação brasileira sobre educação especializada e às diferentes modalidades de ensino especializado oferecidas nas escolas brasileiras, como classes especiais, salas de recursos e ensino itinerante. Quando as áreas de deficiência auditiva e deficiência física foram implementadas, essa disciplina também foi ministrada aos estudantes dessas áreas.

conteúdo relacionado à construção social de desvios em geral e à dinâmica social de tratamento desses desvios e respectivos estigmas.

Nessa abordagem, as deficiências foram tratadas como categorias de desvio social. Consequentemente, a análise central das deficiências enfatizou a construção social do desvio e o tratamento dado aos desviantes, além dos efeitos de patologias incapacitantes e suas consequências deletérias. Aquele tipo de raciocínio era tão novo para os alunos que eles tinham dificuldade em entender por que, para se tornarem professores de Educação Especial, estavam estudando assuntos relacionados a doenças mentais, presidiários, prostitutas, drogaditos e alcoolistas, e minorias sociais em geral.

Assim, uma visão relativamente incomum das deficiências para a época foi introduzida entre estudantes e professores. As deficiências e os aspectos sociais e comportamentais das pessoas com deficiência não foram analisados apenas com base nas peculiaridades de cada um, com ênfase na patologia associada a cada deficiência. Em vez disso, o ambiente social que oferece oportunidades e demandas às pessoas com deficiência tornou-se uma parte importante da análise do fenômeno.

Entreato *Kyōshi ikusei*: reflexões de Sadao sobre a formação de professores

A Habilitação em Educação Especial foi oferecida até 2010, quando alterações na legislação, ocorridas em 2006, acabaram por extinguir a modalidade de habilitações nos cursos de Pedagogia. A extinção da Habilitação em Educação Especial representou, na avaliação de Sadao, um retrocesso enorme na formação de professores especializados.

Até aquele período, 32 turmas de professores especializados tinham sido formadas nessa modalidade. Naquele modelo, o professor era formado para atuar em uma área específica de deficiência, com matriz curricular constituída por cerca de 1.200 horas-aula, sendo 300 horas de estágio supervisionado e cerca de 1/3 das disciplinas comuns às quatro áreas, o que lhes permitia compreender tanto a especificidade de cada categoria de deficiência quanto os problemas comuns a todas as áreas de comprometimento.

Com a extinção da Habilitação em Educação Especial, a formação de professores especializados passou a ser realizada na forma de cursos de especialização para pedagogos. Esse modelo de formação docente “especializada” apresenta dois problemas que requerem um debate em busca de um novo patamar de formação de professores especializados: (1) redução na carga horária total e (2) ampla generalização que parece ignorar especificidades de cada deficiência.

Apesar da redução drástica na carga horária, a diversidade temática é mantida, contrariando, de certa forma, o espírito de um curso de especiali-

zação. Em vez de aprofundamento em algum assunto delimitado, é abordada uma ampla variedade de assuntos, com redução no estágio supervisionado, se é que há. Assim, em vez de especialização em algum assunto delimitado, os cursos podem assumir a característica de uma graduação aligeirada.

A Habilitação em Educação Especial, voltada para cada área de deficiência, tratava tanto das especificidades quanto de problemas comuns a estudantes com necessidades educacionais especiais determinadas por diferentes deficiências. Os cursos de formação de professores “especializados” em Educação Especial, além de implicarem redução drástica na carga horária total, ampliaram o alvo da especialização. A “especialização” é conquistada em relação a todas as áreas de deficiência e mais outros dois grupos de estudantes com necessidades especiais: aqueles que apresentam Transtornos Globais do Desenvolvimento e aqueles com Altas Habilidades/Superdotação. Assim, reforça ainda mais a impressão de formação aligeirada.

Essas mudanças ocorridas na formação de professor especializado em Educação Especial talvez sejam reflexo de um entendimento um tanto equivocado da Educação Inclusiva. Sadao recorda que, no início dos debates sobre a inclusão no Brasil, no final do século passado e no início deste, havia tendência a não se falar em Educação Especial, aparentemente com o entendimento de que com a inclusão não haveria mais necessidade de atendimento diferenciado a estudantes com deficiência.

Aliás, estes foram incluídos inicialmente na ampla categoria de estudantes com necessidades educacionais especiais. Sadao sempre defendeu que, para a construção da Educação Inclusiva, os recursos da Educação Especial se tornavam ainda mais importantes. Havia críticas em relação aos recursos de Educação Especial, atribuindo-lhes responsabilidade pela discriminação e segregação. Em alguns textos, Sadao apontou que nenhum recurso é intrinsecamente segregativo, é o seu uso equivocado que segrega os usuários.

Entreato *Chiiki mukeno gakujutsu katsudō*: Sadao e a extensão

No mesmo ano em que Sadao foi contratado, o Departamento de Psicologia da Educação da Unesp criou o Centro de Orientação Educacional (COE), cujo objetivo era orientar professores e pais de alunos do Ensino Fundamental em questões relacionadas à sua educação.

Com a chegada de professores que eram profissionais experientes nas áreas de deficiência mental ou deficiência visual, o COE⁵⁵ ampliou a área de

55 Naquele cenário, o COE ainda estava basicamente realizando atividades de assistência a pessoas com deficiência, com a participação ocasional de alguns estagiários. Duas importantes mudanças ocorreram e foram decisivas para a transformação efetiva do COE em uma Unidade Auxiliar para cumprir o papel de apoiar atividades de ensino, pesquisa e extensão da unidade universitária à qual está vinculada: 1) o nome foi alterado para Centro de Estudos da Educação e da Saúde (CeEs), com a incorporação da Clínica de Fonoaudiologia, em 1999; e 2) a área de saúde

atuação, incluindo a Educação Especial. O Centro cresceu progressivamente e se tornou uma referência importante não apenas na cidade de Marília, mas em toda a região. Entre 1991 e 1992, Sadao foi designado vice-supervisor em exercício por nove meses e, de 1992 a 2000, ele exerceu, com a ajuda de toda a sua equipe, dois mandatos de quatro anos com o cargo de supervisor (coordenador geral). De 2000 a 2004, exerceu um mandato de vice-supervisor. Naquele período, assumindo um caráter mais acadêmico, foi iniciada a publicação de uma revista intitulada Revista de Extensão e Pesquisa em Educação e Saúde, cujo objetivo principal era divulgar os projetos que estavam sendo desenvolvidos pela Unidade Auxiliar. Porém, com o fim do mandato de Sadao, a publicação da revista não teve mais continuidade.

Além disso, cumpre destacar que Sadao participou da Comissão que elaborou o projeto de criação dos cursos de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional em fins de 1983⁵⁶. Fez parte também da Comissão que elaborou o projeto do Programa de Pós-Graduação em Educação em 1984⁵⁷

Por “fim”, desde o seu início (1985), o DEE teve forte vocação extensionista e, coerentemente com essa orientação, Sadao e outros colegas idealizaram a Jornada de Educação Especial (JEE) em 1993, com o propósito de estreitar a relação com os serviços educacionais da área, sobretudo junto à rede pública de ensino e com atividades na programação voltadas a temas de interesse predominantemente dos professores da Educação Básica.

A JEE foi realizada bianualmente. Especialmente a partir da 7ª edição, o foco foi direcionado para temas de interesse dos pesquisadores, tendo havido uma grande mudança nos trabalhos apresentados, sendo uma parte expressiva relatos de pesquisa. A JEE teve descontinuidade em 2019, quando deveria ter ocorrido a 15ª edição.

foi ampliada, pois, nessa ocasião, o curso de Fonoaudiologia, implantado em 1990, já realizava parte dos estágios na clínica que estava sendo construída. Assim, o Ceas reuniu o antigo COE e a Clínica de Fonoaudiologia em um único serviço. Além disso, houve um projeto para a criação dos cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Esses cursos (criados efetivamente em 2003) exigiram muitas atividades de estágio na área da saúde. Anos mais tarde, o Ceas passou a contar com prédio próprio dentro do campus universitário, projetado e construído para atender a atividades de suporte aos cursos de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e aos estudantes de Pedagogia que realizavam Aprofundamento em Educação Especial. Outra mudança decisiva ocorreu com a reestruturação da Unidade Auxiliar com um novo regulamento (1993/1994), que previu a criação de três coordenações, a saber: Coordenação de Ensino, Coordenação de Pesquisa e Coordenação de Extensão. Cada coordenação tinha uma pessoa responsável para agilizar e organizar as atividades de sua área de competência, com incentivo e captação de projetos em conjunto com os professores da Unidade Universitária.

56 O pedido foi encaminhado à Reitoria no início de 1984. Teve tramitação demorada nos órgãos da Reitoria. Só em 1990 foi criado o curso de Fonoaudiologia. Embora o projeto tivesse previsto o desenvolvimento integrado dos três cursos, os de Fisioterapia e de Terapia Ocupacional só vieram a ser criados em 2003. Na falta de contratação de professores, Sadao exerceu a vice-coordenação do curso de Fonoaudiologia de 1990 a 1992 e a Coordenação do Curso de Terapia Ocupacional de 2005 a 2006. Ministrou várias disciplinas nos cursos de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

57 Criado em 1988 em nível de mestrado. O doutorado foi criado em 1993. Sadao exerceu dois mandatos de vice-coordenador no período de implantação e consolidação do Programa. Após a aposentadoria compulsória ocorrida em dezembro de 2020, continua vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na qualidade de Professor Voluntário.

Entendendo que nenhum fato ocorre ao acaso, tentei compreender a tendência que parece ter assumido a Educação Especial a partir do momento em que a atenção dos educadores e pesquisadores se voltou à proposta de Educação Inclusiva. A Habilitação em Educação Especial (HEE) do Curso de Pedagogia da Unesp de Marília havia chegado a um excelente patamar de formação de professores especializados no ensino de estudantes com deficiência. Alguns pontos devem ser destacados: (1) a HEE era específica por área de comprometimento (deficiência intelectual, visual, auditiva e física) com 300 horas de estágio supervisionado, requerendo a ampliação de novas áreas; (2) da carga horária de 1.200 horas para cada área, cerca de 1/3 era comum a todas as áreas para possibilitar o estudo tanto de especificidades quanto de problemas comuns a todas as áreas; (3) o estágio supervisionado era de regência efetiva com 300 horas de duração; (4) como habilitação do curso de Pedagogia, os estudos iniciais se referiam à Educação de um modo geral, evitando assim a descontextualização da Educação Especial. Nesse cenário, em 2006, a modalidade de habilitações de cursos de Pedagogia foi extinta em decorrência da legislação federal. Consequentemente, a HEE também sofreu descontinuidade, tendo formado a última turma em 2010. Na nova modalidade, a formação de professor especializado passou a ser por meio de cursos de especialização com pouca carga horária e muitas vezes sem prática efetiva de estágio supervisionado. Na sequência, a Jornada de Educação Especial (JEE), já tradicional evento organizado pelo Departamento de Educação Especial (DEE), foi cancelada em 2020. No mesmo ano, o DEE também foi extinto, juntando-se a outro departamento. Do novo departamento foi excluído o nome Educação Especial. Gostaria de estar equivocado, mas tudo isso parece ter caminhado em direção à culminância do processo de construção da Educação Inclusiva e à extinção da Educação Especial. Em vários momentos, manifestei a minha opinião de que, com a Educação Inclusiva, os recursos da Educação Especial são altamente necessários. A inclusão escolar não é simplesmente o estudante com deficiência estar junto de seus pares sem problema em especial, ocupando o mesmo espaço da classe. Na verdade, trata-se de oferecer educação de qualidade para todos os estudantes, fazendo uso de todos os recursos disponíveis e construindo novos recursos para atender a novas demandas (narração de Sadao Omote aos autores).

Sadao, que havia coordenado três edições da JEE, entendeu que eram sinais dos novos tempos em termos do lugar ocupado pela Educação Especial no espaço acadêmico em algumas universidades, incluindo a Unesp. Os princípios da Educação Inclusiva, com a adesão um tanto eufórica dos educadores brasileiros à Declaração de Salamanca (Unesco, 1994), talvez compreendidos e praticados um pouco equivocadamente, podem ter contribuído para arrefecer um pouco os ânimos em relação à Educação Especial.

Entreato Kensaku: Sadao e a pesquisa

Assim que Sadao obteve seu doutorado em Psicologia em 1984, foi convidado pelo Programa de Mestrado em Educação Especial (PMEE) da

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, a 270 km de Marília, a ministrar a disciplina Família de Pessoas com Deficiência e se credenciar para orientar duas alunas de mestrado que estavam desenvolvendo pesquisas sobre questões relacionadas à família de pessoas com deficiência. Essas duas alunas estavam sendo orientadas por um professor que não possuía experiência profissional ou de pesquisa em questões relacionadas à família dos deficientes. Sadao aceitou prontamente o convite e iniciou uma nova etapa muito significativa de sua vida acadêmica.

Nos anos seguintes, Sadao ofereceu duas outras disciplinas no PMEE: Estigma e Identidade Social de Pessoas com Deficiência; e Tópicos de Pesquisa Especial em Educação Especial. Ele assumiu a orientação de outras três estudantes de mestrado. As pesquisas de duas delas também foram sobre a família dos deficientes.

Ele permaneceu vinculado à UFSCar por nove anos e por dois anos participou ativamente das atividades da PMEE, porque obteve a bolsa de pesquisador visitante do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para se dedicar totalmente a essas atividades. Nos outros sete anos, ele atuou como professor voluntário. No PMEE, ele supervisionou a pesquisa de cinco dissertações de mestrado, antes de se desvincular da UFSCar, em 1993. Até hoje, mantém um excelente vínculo com o Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar⁵⁸, sendo convidado a participar das bancas de avaliação de dissertações de mestrado e teses de doutorado e a ministrar palestras em eventos científicos da área de Educação Especial promovidos pela UFSCar.

Em 1988, o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) começou na Unesp, em Marília, ao qual Sadao estava vinculado desde o início. Ele até participou da comissão que elaborou o projeto do programa. Assim, por alguns anos, ele trabalhou em dois programas de pós-graduação. Devido a atividades muito intensas, ele deixou o PMEE em 1993 para se dedicar melhor ao PPGE.

No primeiro semestre do PPGE, da Unesp, Sadao ofereceu a disciplina Psicologia Social do Ensino. Nos semestres seguintes, ele propôs as disciplinas: Família e Incapacidade: Implicações para a Educação Especial; e Estigma e Incapacidade: Manipulação da Identidade Social dos Deficientes na Educação Especial. Essas três disciplinas foram ministradas continuamente durante todo esse tempo até a sua aposentadoria compulsória ocorrida em 2020. Ainda em 2021 ofereceu duas dessas disciplinas, na qualidade de Professor Voluntário, condição na qual ainda permanece até a conclusão do doutorado de três orientandas.

58 Com a criação do doutorado, o PMEE passou a se chamar Programa de Pós-Graduação em Educação Especial – PPGEEs.

O ensino de pós-graduação tem sido particularmente estimulante para Sadao, porque, embora as atividades da turma fossem baseadas em textos, o tema e o nível acadêmico dos alunos permitem que ele vá além dos textos, levantando questões que podem despertar curiosidade científica nos alunos. Assim, a mesma disciplina é ensinada de maneira um pouco diferente para cada turma, dependendo do interesse dos alunos. Para o espírito inquieto de Sadao, que sempre buscou novos desafios, essa flexibilidade nas aulas de pós-graduação foi extremamente importante para manter um alto nível de sua motivação e, conseqüentemente, a dos alunos. Embora durante esse período Sadao tenha ministrado aulas de várias disciplinas nos cursos de graduação em Pedagogia, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, a atividade de ensino mais estimulante foi nas aulas de pós-graduação.

Uma parte importante das atividades de pós-graduação é a orientação de pesquisa de estudantes de mestrado e doutorado. Essa orientação requer muito tempo durante todo o período de formação dos jovens pesquisadores. Quando um aluno é aprovado no processo de seleção do PPGE e inicia a pesquisa sob a orientação de algum professor, um longo período de trabalho conjunto começa. O aluno tem dois anos para obter o mestrado e quatro anos para o doutorado. Muitos estudantes, depois de concluir o mestrado, iniciam o doutorado e, nesse caso, têm pelo menos seis anos de convívio com seus orientadores discutindo questões acadêmicas, especialmente aquelas voltadas para suas próprias pesquisas.

Até agora, Sadao orientou mais de 40 dissertações de mestrado e teses de doutorado. Ele também orientou cinco pesquisas de pós-doutorado. Alguns de seus ex-alunos orientados organizaram seus próprios grupos de pesquisa nas universidades a que estavam vinculados. Sadao sempre interpretou essa iniciativa como uma evidência da maturidade acadêmica alcançada por esses ex-orientandos. Outros permaneceram vinculados ao grupo de pesquisa de Sadao, alguns participando presencialmente e outros a distância. Havia também alguns ex-orientandos que, tão logo obtiveram o título de doutor em Educação, não mais participaram de nenhum grupo de pesquisa.

Nesses quase 40 anos de experiência como professor orientador de estudantes de mestrado, doutorado e pós-doutorado, ele ajudou na condução de pesquisas sobre vários tópicos, destacando as atitudes sociais de professores e alunos em relação à inclusão, a concepção e percepção de professores e alunos sobre a deficiência e inclusão, treinamento de professores de Educação Especial e reações e percepções de familiares de pessoas com deficiência.

Outra atividade para a qual Sadao é solicitado constantemente é a participação em bancas de defesa de dissertações e teses, tanto na Unesp

quanto em outras universidades. Participou de mais de 250 bancas de mestrado e doutorado, nos programas de pós-graduação em Educação, Educação Especial e Psicologia. Participou também de várias bancas de livre-docência e de concurso de Professor Titular. Ele acha que deixou contribuições importantes por meio de reflexões levantadas com os candidatos ao título de mestre ou doutor. Além disso, é uma oportunidade privilegiada participar de um momento muito especial para o candidato. Geralmente, familiares e amigos estão presentes para assistir à apresentação e defesa de dissertação ou tese. É o momento de consagração do jovem pesquisador.

Além de ministrar aulas sobre assuntos de grande interesse e dedicar muito tempo à orientação de estudantes de mestrado e doutorado, Sadao começou a desenvolver outra atividade que lhe dava grande prazer: discussões acadêmicas sobre os mais variados aspectos da pesquisa e construção de conhecimento com os membros do grupo de pesquisa.

Esse grupo de pesquisa foi originalmente criado em 1995, já com o nome de Diferença, Desvio e Estigma, e destinado a todos os orientandos e outros estudantes e pesquisadores interessados no assunto.

17 DIFERENÇA, DESVIO E ESTIGMA

Líder: Sadao Omote



Figura 23 Placa da sala do Grupo de Pesquisa Diferença, Desvio e Estigma, alocada na Unesp-Marília.

Fonte: acervo do Grupo de Pesquisa Diferença, Desvio e Estigma.



Figura 24 Reunião do Grupo de Pesquisa: recepção de pesquisadora japonesa, em 2018.

Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



Figura 25 Confraternização do Grupo de Pesquisa Diferença, Desvio e Estigma e comemoração do aniversário do Prof. Sadao, em 2015.

Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.

A composição do grupo muda constantemente, porque muitos estudantes vêm de outras cidades e até de outros estados e, ao concluírem o doutorado, se dedicam inteiramente às atividades de sua instituição de origem. Alguns pesquisadores permanecem no grupo por muitos anos, participando de reuniões presencial ou virtualmente. Outros, embora não estejam presentes regularmente, estão disponíveis para participar de algumas atividades organizadas pelo grupo de pesquisa. Tais atividades se referem, por exemplo, a auxiliar na coleta de dados em sua cidade ou região e na divulgação e eventual participação em eventos organizados pelo grupo de pesquisa. Assim, o grupo tem membros que são professores em faculdades públicas nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Tocantins, Maranhão e em Brasília. Dois outros membros estão morando fora do país: Alemanha e Canadá.

Entreato *Sanji*

Ao longo de sua trajetória, Sadao recebeu diversas formas de reconhecimento acadêmico, científico e social: homenagens especiais de turmas de formandos de Pedagogia; convite para paraninfo e patrono de turmas de Pedagogia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional; instituição do prêmio “Sadao Omote” para os melhores trabalhos apresentados em Sessões de Comunicação Oral durante a Jornada de Educação Especial, a partir da 11ª edição ocorrida em 2012, acolhendo a sugestão da representante da Reitoria durante a cerimônia de abertura da 10ª JEE; comenda recebida da Associação Brasileira de Liderança; homenagem recebida da Reitoria da Unesp por ocasião da comemoração dos 40 anos de fundação; Pratas da Casa concedida pela FFC; vídeo com depoimento de amigos e ex-orientandos organizado pela Camila; homenagem do Leonardo por ocasião da primeira *live* da ABPEE sobre métodos de pesquisa em Educação Espe-



cial; homenagem no Memorial da Educação Especial do grupo de pesquisa Identidades, Deficiências, Educação e Acessibilidade, UFSCar, sob a liderança do Leonardo; acima de tudo, a Coleção Sadao Omote, na Série História da Educação Especial, da Edesp/UFSCar.



Figura 26 Celebração dos 40 anos da Unesp, em 2016, com honrarias a docentes.
Fonte: Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp (2016) ([link externo](#)).



Figura 27 Recebimento de Comenda, em 2016, em ocasião do Prêmio Excelência e Qualidade Brasil 2016.
Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



Figura 28 Pratas da Casa, Unesp, Marília, em 2017.
Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



8º Ato: *Wabi Sabi* – Rupturas, imperfeições, transitoriedades, recomeços e/ou meras continuidades

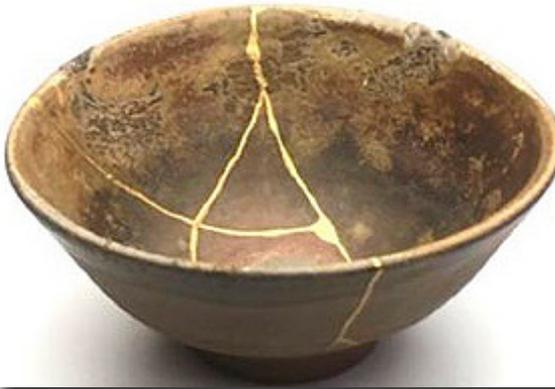


Figura 29 *Wabi-Sabi* (a beleza na imperfeição) representada em uma tigela antiga, emendada com ouro.
Fonte: Greff (2023).

Sadao já havia chegado a uma etapa da vida em que lhe parecia essencialmente estar continuando algumas das atividades – acadêmicas, sociais, familiares e de lazer – que já faziam parte do seu cotidiano há muito tempo. Entretanto, no decurso de 22 meses, entre março de 2020 e janeiro de 2022, sofreu três rupturas, uma prevista e, de certa forma, a qual estava preparado para enfrentar: a aposentadoria compulsória por idade ocorrida em dezembro de 2020.

As duas outras rupturas foram totalmente inesperadas e afetaram profundamente

a vida de Sadao: a pandemia de Covid-19, que, a partir de março de 2020, resultou no rigoroso isolamento social, referido por Sadao como privação social, e a mudança de residência para Londrina, ocorrida em janeiro de 2022. Adicionalmente, nesse período ocorreram também outros infortúnios: a cirurgia de catarata, que deveria ser muito simples, teve complicações, correndo o risco inclusive de perder a visão; dois meses após a cirurgia, com as incertezas da recuperação, entrou em colapso psicológico, o que o levou à consulta com uma psiquiatra, e, pela primeira vez na sua vida, passou a consumir medicamentos psiquiátricos, o que, se de um lado

ajudou a reduzir a ansiedade, de outro lado criou outras dificuldades com o tratamento que já vinha fazendo de longa data, incluindo hipotireoidismo, hipercolesterolemia, hiperglicemia, hipertensão arterial e arritmia cardíaca; o falecimento da sogra, sua segunda mãe, ocorrido em novembro de 2022; contraiu Covid-19, em dezembro de 2022, que deixou algumas sequelas de que padece até agora; e mais recentemente o falecimento completamente inesperado da sua irmã.

Entreato *Kyōsei taishoku*: Aposentadoria compulsória

A aposentadoria é um evento bastante esperado por parte de muitos trabalhadores. Sadao não tinha intenção de se aposentar na Unesp mesmo quando atingiu o tempo de contribuição para a aposentadoria. Continuou em atividade, beneficiando-se apenas da isenção no recolhimento da contribuição previdenciária. Como apareceu a oportunidade de, após a aposentadoria por tempo de contribuição, ser recontratado mediante novo concurso de ingresso, decidiu pedir aposentadoria. Quando lhe foi concedida a aposentadoria, pelo sistema previdenciário do estado de São Paulo, já havia prestado novo concurso de ingresso. Assim, trabalhou no último dia como servidor autárquico até a noite, em 2005, e no dia seguinte pela manhã continuou as mesmas atividades na Unesp, agora como servidor contratado em regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Passou apenas uma noite como aposentado sem nenhum contrato de trabalho.

Respirou tranquilo, porque havia mais dez anos à frente, antes da aposentadoria compulsória por idade, da qual não teria escapatória. Naquela oportunidade, a idade limite era de 70 anos, exceto para juízes, para os quais a idade limite era de 75 anos.

No dia 16 de dezembro de 2015, data em que estava completando 70 anos, estava na UFSCar participando de uma banca de concurso de Professor Titular. Antes de iniciar a arguição do candidato, comentou que aquela seria a primeira atividade que estaria desempenhando na qualidade de aposentado compulsoriamente.

No retorno a Marília, por alguns dias evitou passar perto do Departamento de Educação Especial e do setor de Recursos Humanos, com o receio de ser chamado para assinar a documentação da aposentadoria. Poucos dias depois, soube que o limite de 75 anos havia sido estendido a todos os servidores públicos por meio da Lei Complementar 152, de 3 de dezembro de 2015.

Eufórico, comentava com seus colegas de trabalho que havia sido “salvo pelo gongo”, o que parecia causar estranheza a alguns deles. Seriam mais cinco anos pela frente.

A aposentadoria compulsória por idade é outro “benefício” estranho (irracional?) no Brasil. Em algumas atividades laborais, como nas acadê-

micas, a experiência acumulada, ao longo de décadas de trabalho, pode constituir-se em uma fonte de eficiência e produtividade. Justamente quando esse trabalhador está no auge da sua maturidade, o Estado abre mão de seus préstimos e passa a arcar com os custos da sua subsistência por meio de um sistema previdenciário, por sinal deficitário.

Começou a preparar-se para, nos cinco anos adicionais com que foi agraciado, construir novos projetos de vida acadêmica, social e familiar para aproveitar da melhor maneira possível a vida sem deveres contratuais nem sempre aprazíveis. Ocorre que, com a pandemia da Covid-19 e consequente isolamento social, uma verdadeira privação social para Sadao, a sua rotina modificou-se completamente. Novos desafios, na forma de novas atividades, lhe apareceram, tomando progressivamente cada vez mais tempo com novos e novos compromissos. Pior ainda, com a mediação do computador, as relações tornaram-se muito impessoais.

Entreato *Shakaiteki hakudatsu*: a privação social

O isolamento social a que fomos todos condenados a partir de março de 2020 trouxe muitas consequências. A verdadeira privação social afetou paulatinamente o conforto psicossocial de Sadao, assim como seguramente da maioria das pessoas. Sair de uma tradição na qual a maioria das atividades sociais era realizada com a presença física de todos os partícipes para uma nova situação com a mediação da tela de computador ou celular requereu profundos ajustes, não tanto em termos de procedimentos, mas de relações interpessoais.

Não apenas no contexto social e ocupacional, como também no âmbito familiar, os contatos pessoais reduziram-se expressivamente, em vista das limitações nos deslocamentos. Esse período de isolamento, que deveria ter se encerrado, acabou por continuar em função da mudança de residência para Londrina.

Entreato *Hikkoshi*: A Mudança de Residência

Em setembro de 2021, Maurício, genro de Sadao, mudou de emprego com a condição de que precisaria se mudar para Londrina, em função da maior facilidade para viagens, uma vez que do aeroporto local há voos para vários destinos. Foi acordado que a mudança seria feita no início de 2022, tanto por conta dos compromissos escolares de Felipe e Henrique, netos de Sadao, quanto para dispor de tempo suficiente para encontrar a nova residência. Foram três meses de intensa preparação para a mudança.

A mudança para Londrina foi feita em dois dias. No dia 3 de janeiro, a primeira viagem de caminhão e, no dia seguinte, a família acompanhou

a segunda viagem do caminhão. Como não foi possível transportar toda a mudança em duas viagens, o restante foi transportado alguns dias depois, quando a empresa tinha uma viagem com pequena carga para uma cidade próxima a Londrina.

A casa alugada estava passando por uma grande reforma, com a promessa de que até o final de 2021 seria concluída. Entretanto, quando a primeira viagem de caminhão chegou ao local, a reforma ainda não havia sido concluída. A família ficou duas noites hospedada em um hotel, pois não havia condição nenhuma de ocupar os cômodos da casa. Toda a mudança havia sido amontoada em duas salas grandes no pavimento térreo, coberta com lona para proteger da poeira. No terceiro dia, a família começou a organizar parte da mudança, entre os pintores, eletricitas, encanadores e outros trabalhadores. Por mais vários dias, a família teve que conviver com esses trabalhadores durante o dia.

Sadao pretendia morar no mesmo condomínio no qual Maira, Maurício, Felipe e Henrique iriam morar. Assim, os meninos não teriam que sair à rua para visitá-lo. Em vez disso, acabou resolvendo morar junto deles, numa casa com três suítes e dois quartos, além de vários outros cômodos: sala de visita, sala de TV, sala de jantar, sala de almoço, cozinha, dispensa, apartamento para empregada, oficina... Acabou acomodando-se na maior suíte, inclusive com um pequeno escritório. Sadao sempre teve cuidado para não invadir a privacidade das famílias dos seus filhos. Agora, residindo na mesma casa, essa preocupação se aguçou ainda mais, permanecendo assim no seu pequeno apartamento a maior parte do tempo.

O condomínio é pequeno, praticamente todo construído, com pouco mais de 100 casas e cercado com muro alto em toda a volta. As áreas sociais e de lazer são muito limitadas, e não há nenhuma área verde. Assim, até no ambiente físico de vida cotidiana, houve mudança muito grande a causar desconforto a Sadao. O condomínio em Marília era cerca de quatro vezes maior, com amplas áreas verdes, sociais e de lazer. Localizava-se onde termina a cidade. A casa de Sadao ficava de frente para uma fazenda de búfalos. Os fundos do condomínio terminavam em uma Área de Preservação Permanente. Alguns trechos do muro, incluindo a frente da casa de Sadao, era de tela de arame grosso, o que lhe permitia até contemplar os búfalos pastando. A caminhada diária era feita dentro do próprio condomínio, vendo muitos pássaros diferentes e alguns animais como lebre, raposa e marmota. Uma volta inteira durava cerca de 50 minutos.

Já há alguns anos Sadao estava se desfazendo de parte de sua biblioteca. Em função da mudança, resolveu dispensar um volume maior de livros, dissertações, teses e outros documentos. Houve pouco interesse pelas obras, mesmo as raras, até por parte da biblioteca universitária.



O professor Leonardo interessou-se em levar um volume considerável de material bibliográfico. Em vista da necessidade de desocupar a sala na Unesp, Sadao pediu ao pessoal de Serviços Auxiliares da Unesp para encaminhar todo o material bibliográfico restante para a reciclagem, simplesmente como papel velho. Como sempre deu muito valor a livros, essa decisão foi uma das mais difíceis na sua vida profissional. Quando se mudou para Londrina, a sua biblioteca passou a compreender cerca de 1/5 do acervo anterior.

Havia também na sua sala na Unesp um grande volume de textos de sua autoria, datilografados ou manuscritos, datados do início da década de 1970, a respeito tanto do Ensino Superior, iniciado em 1970, quanto da Educação Especial, quando iniciou trabalho sistemático na área em 1974. Não eram textos visando à publicação. Eram resultados da tentativa de sistematizar muitas ideias efervescentes que habitavam a sua mente a cada nova experiência. Alguns deles tinham até um tom de desabafo. Havia também um volume considerável de textos mais recentes, já escritos no computador, visando a alguma publicação, que acabaram não vingando talvez por excesso de autocensura. E tudo isso foi também para reciclagem...

Nos primeiros meses em Londrina, os dias pareciam muito longos e a semana, interminável. Sadao já conhecia relativamente bem a cidade de Londrina, particularmente a região central, pois, desde 1984, viajava a Londrina com alguma frequência, para ministrar aulas em cursos de especialização em Educação Especial e para ministrar palestras ou participar de bancas. Apesar disso, sentia-se completamente isolado socialmente. Passado mais de um ano, ainda se sente muito solitário, com a diferença de que hoje os dias passam muito rapidamente e a semana, excessivamente efêmera.

Convencido de que é preciso construir em Londrina o seu espaço social e acadêmico, tem feito alguns contatos. Já visitou o Núcleo de Acessibilidade da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e também conversou com a Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, pensando na eventual possibilidade de desenvolver algum trabalho voluntário na área Educação Especial. Também tem procurado encontros ocasionais com algumas anti-



Figura 30 Livros do acervo Prof. Sadao Omote doados ao Prof. Leonardo Cabral (na foto, acompanhado de Bianca Yonemotu).
Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.

gas amigas de Londrina, todas já aposentadas, para tomar café em alguma doceria e bater papo. E, diga-se, Sadao sempre comenta que em Londrina não faltam boas docerias (japonesas, holandesas, alemãs...).

A vida em Londrina se iniciou com alguns desafios a serem enfrentados para construir uma rotina e dinâmica adequadas não só de ajustamento para a nova situação, como também para tirar o melhor proveito possível das novas oportunidades. Tendo já iniciado os ensaios de caminhadas possíveis, ocorreu o inesperado, que representa uma nova incitação difícil de acolher e corresponder. Na cirurgia de catarata, já prevista há algum tempo, ocorreu um imprevisto, que mudou completamente a previsão inicial. Tudo indicava que a recuperação total iria levar um bom tempo. Soube mais tarde que estava correndo risco de perder a visão. Foram três meses e alguns dias até receber a alta total. Ainda, ficou com grave sequela: passou a enxergar tudo duplicado, necessitando agora de óculos para corrigir a visão dupla, além de não conseguir ler letras pequenas, obrigando-o a usar lupa para ampliar as letras de texto impresso. Durante esse tempo, muitas das atividades do cotidiano ficaram prejudicadas. E recusar ou atrasar os compromissos é muito difícil para Sadao. Passou a primeira semana após a cirurgia sem enxergar quase nada e sem fazer absolutamente atividade nenhuma. Foi desesperador. Sem fazer nada é pior que ter excesso de atividades.

Sobre as rupturas...

As implicações decorrentes das três rupturas descritas não significam unicamente circunstâncias negativas. O enfrentamento de muitas dificuldades, que resultaram dessas rupturas, também pode ser tratado como desafios a demandarem a construção de novos padrões de ações, que podem emprestar novas dimensões à rotina e a crenças aparentemente consolidadas. Nesse sentido, as rupturas não significam necessariamente interrupções, mas continuidade. Continuidade para não se acomodar na monotonia da mesmice. Continuidade, porque, “enquanto estiver vivo, a vida continua”. Podem ser novos encontros com Godot... (narração de Sadao Omote aos autores).



9º Ato: *Yume wo jitsugen shite:* Materializando Sonhos



Figura 31 Castelo de Himeji, considerado o mais bonito do Japão, é um dos patrimônios da humanidade, presente na cidade de mesmo nome, na província de Hyogo.
Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.

Sadao confia-nos suas percepções para além dos aspectos profissionais, ao nos relatar como ele acompanhou seus filhos crescendo, iniciando a vida estudantil na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e finalmente no Ensino Superior. Ele nos conta que se formaram psicóloga e veterinário. Maíra começou a exercer a profissão, na área clínica, em consultório particular. Nessa época, ela havia iniciado o namoro com um engenheiro agrônomo, Maurício, com quem veio a se casar. Com ele, mudou-se para Linhares-ES, por determinação da empresa na qual ele trabalhava. Com isso, Maíra interrompeu as atividades no consultório. Um ano



depois, Maurício pôde ser transferido para Araçatuba, onde Maíra retomou as atividades de atendimento clínico em consultório particular. Aí vieram os filhos, Felipe e Henrique, hoje com 13 e 11 anos, o que novamente a le-

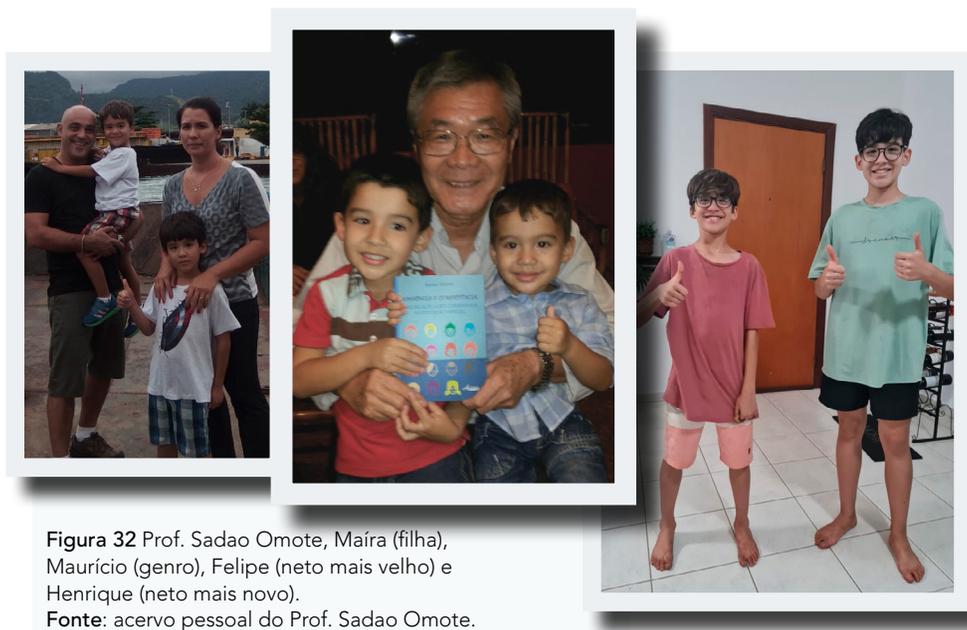


Figura 32 Prof. Sadao Omote, Maíra (filha), Maurício (genro), Felipe (neto mais velho) e Henrique (neto mais novo).
Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.

vou à interrupção nas atividades profissionais.

Felipe e Henrique estudam na parte da manhã e treinam tênis de mesa todos os dias da semana no período da tarde, além de algumas atividades concorrentes, como provas e aulas de reposição ou de reforço na escola no período vespertino. Com certa frequência, têm viajado nos finais de semana para participar de torneios e campeonatos de tênis de mesa, principalmente nas cidades paranaenses. Nos horários livres, Maíra tem se dedicado a artesanatos, inclusive com grife própria, atividade que lhe dá muito prazer, embora não possa contar muito em termos financeiros.

Hélio, que na época da graduação havia frequentado uma semana de evento científico na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), de São Carlos, dizia que havia encontrado o lugar onde iria trabalhar quando se formasse. Cerca de três anos após a formatura, a Embrapa abriu concurso público para a contratação de um único veterinário para a unidade de São Carlos. “Essa vaga é minha”, assim dizia o Hélio, e começou a se preparar para o concurso, estudando desde manhã cedo até tarde da noite, todos os dias. Havia mais de 70 candidatos para uma única vaga, mas isso não o abalou, porque sabia que o resultado dependeria apenas

dele. O concurso foi realizado em São Paulo, e, quando chegou ao local da prova, encontrou alguns dos ex-professores da faculdade. A sua convicção ficou um tanto estremeçada. Qual não foi a surpresa de todos quando saiu o resultado das provas: havia sido aprovado em primeiro lugar. Havia conquistado a “vaga dele”. Passou a morar em São Carlos e retornava a Marília todo final de semana, tanto pela família quanto porque, na oportunidade, namorava uma moça de Pompéia, chamada Danielle, com quem veio a se casar e ter dois filhos, Gael e Lívia, hoje com 8 e 6 anos, respectivamente.



Figura 33 Danielle (nora), Hélio (filho), Gael e Lívia (netos).

Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.

Gael e Lívia, por sua vez, dedicam-se, além dos estudos, ao hipismo, juntamente do pai. Têm participado de torneios e campeonatos, principalmente em São Carlos e Ribeirão Preto. Hélio, desde muito pequeno, sempre gostou de animais de grande porte, especialmente o equino e o bovino. Quando adolescente, treinou hipismo rural por alguns anos.

Com Gael e Lívia, Sadao não mantém contato muito frequente, visto que eles moram em São Carlos. A distância a percorrer, que era de 260 km entre Marília e São Carlos, passou para 430 km entre Londrina e São Carlos, com trechos de pista simples. Ainda que um tanto a distância, Sadao curte muito a condição de avô. Diz ele que é uma experiência completamente diferente da de ser pai. Às vezes precisa manter distância e se conter, pois, no seu entendimento, o papel dos avós inclui ficar em *stand by* para ajudar os netos ou filhos, quando for solicitado. Do contrário, pode caracterizar-se como uma invasão da privacidade da família deles.



Figura 34 Na foto à esquerda, Deise com os quatro netos, Gael, Felipe, Henrique e Lívia, em 2022. Na foto à direita, Mauricio, Maíra, Felipe, Sadao, Deise e Henrique num almoço em Londrina.

Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.

Como Deise está residindo agora em São Carlos, Gael e Lívia têm contato quase diário com a avó paterna. Ela viaja ocasionalmente a Londrina para, por alguns dias, conviver com Felipe e Henrique.

Sadao também tem as famílias constituídas por seus irmãos e uma vez por ano se encontra com alguns deles. A irmã Tieko, residente em São Paulo, tem organizado todo ano um almoço especial para reunir os irmãos e alguns sobrinhos. Todos os irmãos estão na casa dos 70 e 80 anos de idade, razão pela qual tal encontro tem tido um significado especial. Sadao sempre defendeu a importância de os parentes consanguíneos manterem relacionamento, mesmo que cada um resida em diferentes cidades e tenha seus próprios compromissos familiares e profissionais.

Quando Sadao e a família da Maíra moravam em um condomínio, em casas próprias, em Marília, foi possível reunir todos os irmãos, que passaram alguns dias juntos. Sadao ficou especialmente feliz, por ter conseguido reunir todos os irmãos, mesmo sendo a cidade de Marília de acesso não tão fácil para alguns, como o seria para São Paulo. Eles viajaram de São Paulo, Mairinque, Monte Aprazível, Franca, Batatais e Pereira Barreto.

Figura 35 Professor Sadao Omote com sua irmandade completa. Da esquerda para a direita, em pé: Noriyasu, Satie, Kazue, Tieko e Sadao. Sentados estão Emília, Paulo (caçula) e Helena.

Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



Entreato *Karera to tomoni yume o kanaeru*: “com eles, sonhos a realizar”

Sadao sempre gostou de viajar a locais desconhecidos. Ao longo da vida, algumas viagens marcantes, a maioria com a esposa ou com a família toda, foram os passeios com destino a Fernando de Noronha, Jericoacoara, Gramado, Lençóis Maranhenses, Ilha Grande, região das serras catarinenses e gaúchas, dentre outros lugares brasileiros.



Figura 36 Prof. Sadao realizando mergulho com cilindro em Fernando de Noronha.
Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



Algumas viagens internacionais foram muito marcantes, em particular duas vezes ao Japão, cinco vezes ao Canadá e uma vez a Malta.

Nas duas viagens ao Japão, visitou muitos locais sobre os quais, na infância, costumava ler nas revistas publicadas pelo Ministério da Educação japonês. Incluíram-se cidades grandes como Tokyo, Kyoto e Osaka, bem como outras cidades menores com significado especial para Sadao, como Hiroshima, Nagasaki, Kobe e Nagoya. Na segunda viagem, incluiu no roteiro locais pequenos, históricos e preservados até os dias atuais. Visitou também as regiões de Okinawa e Hokkaido, que têm características diferentes do resto do Japão.

Essas duas viagens representaram um simbólico, mas extremamente significativo retorno ao passado. Sadao costumava dizer que a viagem ao Japão tinha um nome: “viagem em busca das minhas raízes”. Parece tê-las encontrado.



Figura 37 Prof. Sadao em Tokyo, no Japão, em um jantar sendo servido por uma gueixa, em 2013.
Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



Figura 38 Prof. Sadao no Canadá – Niagara Falls (lado canadense, foto à esquerda) e em um zoológico, junto da família que o hospedou (à direita), em 2015.
Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.



Há muitos anos, Sadao tinha certo interesse pelo Canadá. Visitou o país pela primeira vez em 2011, ainda junto de Deíse. Gostou tanto que voltou outras vezes: duas vezes com estadia de três semanas e duas vezes com estadia de poucos dias, agora sozinho. Também visitou uma boa parte das cidades representativas, como Toronto, Ottawa, Montreal, Quebec, Calgary e Vancouver, e outras cidades turísticas menores.

Sadao alimenta também a ideia de algum dia poder viajar com toda a família para o Canadá mais uma vez. Tem expectativa secreta de que seus netos venham a se interessar em estudar no Canadá ou fazer estágio, talvez até mestrado e/ou doutorado; talvez fiquem encantados o suficiente para quererem residir e eventualmente constituir suas famílias no Canadá... é apenas um desejo secreto de um avô que quer vê-los felizes em um ambiente civilizado.

Outra viagem significativa foi a Malta, um pequeno país constituído por três ilhas, Malta, Gozo e Comino, com população de pouco menos de 500.000 pessoas, localizadas no Mar Mediterrâneo, próximo ao extremo sul da Itália. Com a permanência de três semanas, Sadao conheceu bem a ilha de Malta, fez dois dias de *tour* pela ilha de Gozo e uma breve passagem pela ilha de Comino, muito pequena, com apenas 3,5 km², mas com grande interesse turístico devido às atrações oferecidas: praia, pesca, náutica, mergulho...

Dentre as experiências que teve em Malta, Sadao destaca principalmente dois fatos. O *Azure Window*, uma formação rochosa centenária muito procurada por turistas, que, um ano após a visita



Figura 39 Prof. Sadao Omote e Azure Window, em Malta, em 2016 (foto a cima), que desmoronou em 2017, e Prof. Sadao Omote em um jantar com amigos em Malta (foto à direita): seis pessoas de seis países diferentes (no sentido horário, Alemanha, Brasil, Polônia, Hungria, Suécia e Japão) e três continentes diferentes (Europa, Ásia e América do Sul).

Fonte: acervo pessoal do Prof. Sadao Omote.

de Sadao, se desmoronou durante uma tempestade. O outro fato interessante ocorreu num passeio organizado para passar o final da tarde e início da noite em uma das cidades muito procuradas por turistas. À noite, na hora do jantar, os grupos se organizaram um tanto aleatoriamente, uma vez que a maior parte não se conhecia mutuamente. Sadao sentou-se com outras cinco pessoas numa mesa, e, enquanto aguardavam os pratos encomendados, uma colega exclamou: “olha, gente, estamos em seis pessoas, de seis países diferentes (Alemanha, Brasil, Polônia, Hungria, Suécia e Japão), de três continentes: Europa, Ásia e América do Sul. Do grupo, já conhecia a polonesa e a japonesa de outros passeios.

Essas viagens foram, por diferentes motivos, decisivas para dar sentido a uma série de fatos da história de vida de Sadao. Um desses é o fato de que essas viagens internacionais passaram a ocorrer após o divórcio com Deíse, ocorrido por iniciativa dela. E as viagens ao Japão tinham um propósito muito especial, além do turístico: eram viagens “em busca das minhas raízes”.

Um grande projeto de viagem que, devido à pandemia da Covid-19, precisou ser adiado foi “retornar” ao Japão mais uma vez, desta feita com toda a família: filhos, netos e agregados. Ele acredita que, em alguma extensão, para os filhos e netos, a viagem pode também ser um pouco “em busca de raízes”.

Os netos demonstram muita curiosidade e interesse por coisas do Japão. Depois das duas viagens ao Japão, em 2013 e 2017, está convencido da importância de os filhos e netos também buscarem suas raízes. Essa viagem estava sendo planejada para 2022, porque Lívia, a mais nova, estaria com 5 anos e, portanto, em condições de aproveitar bem a viagem e não dar muito trabalho aos pais. Mas aí a pandemia da Covid-19 chegou e “bagunçou o coreto”.

A pandemia fez Sadao perder três viagens planejadas: em 2020 para Austrália e Nova Zelândia, em 2021 para alguns países da Europa e em 2022 para o Japão com toda a família. Na sua idade, sente-se lesado sem ter a quem acusar ou fazer queixa. A viagem ao Japão deverá ocorrer no mês de julho. Julho é verão no Japão, com calor muito úmido. Período interessante para visitar o Japão é na primavera ou no outono, mas coincidem com o período letivo das escolas brasileiras. No período de dezembro e janeiro, as escolas brasileiras estão em férias, mas no Japão é inverno rigoroso, com o qual os habitantes de países tropicais não estão acostumados.



10º Ato: Epílogo

Sadao Omote



Figura 40 Árvore (*bonsai*) brota em um toco seco em meio a um lago.
Fonte: Nieuwenhuis-Worth (2011).

A Coleção Sadao Omote foi concebida para reconstituir a trajetória que percorri durante as últimas quatro décadas e pouco na produção acadêmica, disponibilizada por meio de textos. O itinerário que os organizadores convidam os leitores a percorrerem não é cronologicamente linear, revelando vicissitudes típicas de uma caminhada, cuja meta, embora orientada pela história de vida do autor, vai se revelando no labirinto de uma diversidade de ocorrências, algumas relativamente previsíveis e até propositadas, e outras um tanto perversamente fortuitas.

Nem sempre os marcos desse itinerário estão claramente visíveis. A Introdução de cada volume explícita, de um modo um tanto ambíguo, os contornos das trilhas abertas e percorridas, deixando a critério da interpretação de cada leitor as possíveis razões da escolha dos textos para cada volume e da sequência deles em cada volume.

De um modo ainda mais ambíguo, aparecem quatro outros indicadores, que podem auxiliar o leitor a buscar o significado que o conjunto de textos de cada volume e de toda a coleção pode comportar: as imagens da capa, sendo uma comum aos dez volumes e outra específica para cada volume; a frase da contracapa; a música cujo link de acesso aparece logo

abaixo dessa frase; e a indicação do número do volume por meio de móbile de origami de tsuru.

Pode também ser um exercício particularmente implicative sobre as eventuais razões pelas quais alguns textos submetidos a periódicos e até escritos sob encomenda não foram publicados. Pode ser importante levar em consideração o contexto acadêmico da Educação Especial da época. Tais textos, alguns deles ora publicados nesta coleção, podem até sugerir serem atuais, ainda que a terminologia possa ser considerada obsoleta por leitores. Pode estar aí outra mensagem a ser decifrada numa gama de interpretações que a coleção pode oferecer.

Parece uma decorrência natural que o Volume 10, que encerra a coleção com tal característica, seja dedicado à explicitação, na forma de biografia, dos fatos relevantes que traçaram a trajetória percorrida pelo autor. Coube essa responsabilidade à Professora Camila Mugnai Vieira, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e ao Professor Leonardo Santos Amâncio Cabral, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Os textos que compõem os Volumes 1 a 9, embora sejam rigorosamente acadêmicos, exceto alguns do Volume 9, apresentam, no seu conjunto, ainda que indiretamente e de modo pouco visível, algumas profundas marcas pessoais do autor. Em sintonia com essa característica, os Prefácios estão repletos de expressão de afeto dos prefaciadores. Nessas condições, parece ter seguido um curso natural a sugestão daqueles professores para que os meus filhos escrevessem o Prefácio do Volume 10, como também a de que eu mesmo escrevesse o Epílogo. Sinto-me particularmente homenageado com tais decisões. Trata-se de Epílogo de uma biografia escrito pelo próprio biografado. Assim, sinto-me mais confortável em escrever em tom um tanto pessoal, o que pode até estar em consonância com algumas significações não explicitadas de toda a coleção e sua organização.

Fui aposentado compulsoriamente por idade em dezembro de 2020, depois de 42 anos e meio na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Embora continue como Professor Voluntário junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, no campus de Marília, a relação com a instituição mudou totalmente. As relações com as boas amizades que havia construído ao longo desse período já haviam sido prejudicadas com a pandemia de Covid-19, que nos obrigou ao isolamento social (o que, para mim, representou uma verdadeira privação social). Somado a tudo isso, ocorreu a mudança de residência para a cidade de Londrina-PR, em janeiro de 2022, por motivos familiares. Com 43 anos e meio de residência, havia construído na cidade de Marília-SP sólidas condições para concluir ali todo o ciclo de minhas contribuições acadêmicas, sociais e familiares. Assim, no prazo de 22 meses, houve três rupturas bastante significativas.

A nova e inesperada conjuntura passou a demandar o enfrentamento de novos desafios e a retomada possível da velha rotina sob novas circunstâncias. É preciso construir o meu espaço acadêmico e social na nova cidade anfitriã com peculiaridades próprias. No momento em que escrevo este Epílogo, já tive contato com o Núcleo de Acessibilidade e com a Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina. Já fiquei sócio do Country Club de Londrina para retomar a natação e a sagrada sauna sabática. Acabei de retomar a musculação na academia do condomínio, sob a supervisão de um *personal trainer*. A musculação e a sauna estavam totalmente suspensas desde março de 2020.

Particularmente promissor promete ser o contato recentemente estabelecido com um grupo de atletas do *park golf*, uma modalidade de *golf* adaptado no Japão para pessoas de idade. A atividade esportiva em si ainda não me cativou, mas o convívio com o grupo tem sido muito prazeroso, proporcionando-me inéditas e preciosas oportunidades de contato com pessoas, cujo perfil concorre para exercitar algumas atividades caras. O grupo é constituído, na maioria, por pessoas na casa dos 70 e 80 anos, e algumas até com mais de 90 anos. Elas têm histórias de vida muito parecidas com a minha. Tenho a rara oportunidade de conversar em japonês assuntos de interesse comum e típicos da primeira geração nascida no Brasil, cujos pais emigraram para o Brasil antes da Segunda Guerra Mundial. Percebi que nas últimas décadas estava convivendo somente com pessoas de gerações mais novas que a minha. Se, de um lado, isso é muito positivo para me manter atualizado em relação a novidades e preservar um pouco a mente jovem, de outro lado, implica a privação de oportunidades interacionais com pessoas que comungam alguns valores fortemente enraizados, em função do estilo de vida semelhante vivido na infância e na juventude.

O contato com esse grupo de coetâneos parece ter alterado um pouco a minha identidade social. Embora sempre estivesse bem consciente da idade cronológica que tenho e de suas implicações, parece que eu não tenho percebido a minha condição psicossocial senescente. Creio estar vivendo uma fase de redefinição da minha identidade social. Algumas dificuldades, por exemplo, com a memória, que já vinha percebendo, parecem ter adquirido uma nova significação.

As três rupturas que me ocorreram nesse curto período de tempo – privação social, aposentadoria compulsória e mudança de residência – afetaram profundamente o meu bem-estar psicológico. Mas, ao mesmo tempo, representam oportunidade de enfrentamento de novos desafios, alguns jamais imaginados, o que me atualizou claramente o que deveria ser óbvio: enquanto estiver vivo, a vida continua. Assim, novos projetos de trabalho estão a caminho, novos padrões de interação familiar no cotidiano se es-

tabeleceram, novos modos de viver as amizades consolidadas precisam ser instaurados, novas amizades estão sendo construídas... podem ser oportunidades para outros encontros possíveis com Godot.

Os eventuais novos encontros podem também ser difíceis. Na tentativa de construir efetivamente os ambientes social e acadêmico, que ensejem a oportunidade para esses novos encontros, submeti-me à cirurgia de catarata, que o meu oftalmologista de Marília já havia recomendado. Houve complicações na cirurgia, inclusive com o risco de perder a visão. Quatro meses após a cirurgia, finalmente recebi alta médica, ainda com dificuldade para enxergar letras pequenas (o que não se constitui em especial problema com o uso de lupa para enxergar os detalhes de pequenos estímulos visuais). O problema maior foi a visão dupla que se instalou após a cirurgia. Parece permanente a necessidade de usar óculos especiais para fazer a correção.

As decorrências da cirurgia me fizeram sentir que havia passado por uma pequena “reforma”, lembrando-me da longínqua experiência de vida na lavoura, na minha infância e adolescência, em Pereira Barreto. Pequenas engenhocas, muitas delas criadas e aperfeiçoadas no uso cotidiano, eram importantes ferramentas para a execução eficiente de algumas atividades. Em função do desgaste devido ao uso intenso, algumas dessas engenhocas requeriam pequenas reformas ocasionalmente. Nem sempre essas reformas conseguiam devolver à ferramenta a sua funcionalidade e eficiência originais, requerendo remodelações mais radicais e às vezes até o seu descarte.

Em função das condições climáticas e de atividades em Pereira Barreto, a leitura de livros era constante nos horários de folga, razão por que toda a família cuidava particularmente da visão, fazendo uso diário de colírio caseiro para a hidratação, limpeza e assepsia. Cresci aprendendo a cuidar especialmente da visão. Nessas condições, a complicação na cirurgia de catarata criou uma situação especialmente estressante. Ao final de um mês nessa incerteza com relação à recuperação da visão, entrei em colapso psicológico, com ansiedade e muita dificuldade para dormir.

Esse estado, aparentemente incontrolável, levou-me à consulta psiquiátrica, na qual foram prescritos ansiolíticos e antidepressivos. O uso desses medicamentos devolveu-me a tranquilidade, passando a dormir melhor. Mas, como se diz, “nem tudo são flores”. Alguns efeitos colaterais apareceram: pressão sanguínea baixa, moleza, vertigem e tontura, dores musculares e articulares, confusão mental e esquecimento. Isso requereu ajuste no uso de outros medicamentos de uso contínuo.

Finalmente, parecia a minha vida estar encaminhando-se à normalidade. Ledo engano: faleceu a minha sogra, a minha segunda mãe, em novembro de 2022; na sequência, em dezembro, contraí a Covid-19. A doença em

si não foi grave, mas deixou sequelas: a confusão mental e o esquecimento pioraram muito, além de se intensificarem as dores musculares e articulares.

Em meio a tanta incitação pela mudança nos rumos, é preciso dar início a um projeto bibliográfico cuja concretização me é cara, e pretendia começar a executar tão logo dispusesse de mais tempo após a aposentadoria compulsória. Talvez em função do contexto das implicações sociais da pandemia de Covid-19, a aposentadoria não resultou em tempo ocioso. Compromissos de diferentes naturezas – acadêmicos, sociais e familiares – foram se avolumando. Preciso disciplinar melhor essas demandas, para que seja possível começar a executar esse projeto bibliográfico, antes que as chamadas da inquietação se esmaçam.

Há tempo que algumas questões de natureza ética e metodológica vêm me incomodando, porém sem me sentir confortável para tratá-las abertamente em textos acadêmicos, embora não tivesse resistido à tentação de, ainda que de modo tangencial e superficial, fazer referência a algumas delas em textos recentes. Agora, sem vinculação formal com instituição acadêmica, talvez me sinta mais à vontade para explicitar essas ideias, na expectativa de que pode ser mais que uma mera desobstrução de comportas que estão represando pensamentos presumidamente em desarmonia com a lógica rigorosa requerida em manifestações científicas. As dissonâncias podem criar oportunidades para reflexões e até algumas revisões por parte de eventuais leitores, ainda que sem nenhum compromisso de mudança de pensamento. Talvez, dessa maneira, possa deixar contribuição maior que textos que tratam de meus pontos de vista já bem conhecidos ou de relatos de novas pesquisas. Pretendo fazê-lo sem nenhuma censura, sendo fiel apenas às minhas inquietações.

Conforta-me a segurança, talvez até ilusória, de que as contribuições acadêmicas não se limitam estritamente a produções que se enquadram rigorosamente nos limites da lógica que presumidamente orienta o pensamento científico. A sensibilidade para interpretar a realidade e a criatividade na busca de respostas às indagações podem ser parceiras importantes para a produção academicamente significativa. Como tenho dito nos últimos tempos, uma boa interrogação pode ser mais implicativamente produtiva que uma exclamação convincente. Nesse sentido, de longa data tenho me orientado pela convicção de que uma boa teoria é aquela que sobrevive às tentativas da sua rejeição e de que as pesquisas precisam ser planejadas e executadas para rejeitar a hipótese, e não para confirmá-la. Orientado por pensamentos dessa natureza, pretendo explorar algumas questões metodológicas que me têm inquietado.

Ao lado de certo inconformismo em relação a algumas questões metodológicas, tenho também dificuldade em aceitar e endossar algumas

práticas em relação a questões éticas em pesquisa, desde a concepção do projeto até a disseminação dos resultados. É outro assunto de que pretendo me ocupar na sequência, com a convicção de que a ética em pesquisa vai muito além do que pode ser normatizado; depende essencialmente do foro íntimo de cada pesquisador, em vez de julgamentos por colegiados constituídos para esse fim.

Naturalmente, de diferentes maneiras, pretendo continuar contribuindo para a formação de novos pesquisadores, como também para a produção acadêmica coletiva, sobretudo por intermédio das atividades do grupo de pesquisa, cuja liderança já passei para frente. As contribuições representadas por produção bibliográfica podem ser efêmeras nos tempos em que a historicidade da construção do conhecimento parece perder o seu espaço, à medida que novos pensamentos emergem constantemente, reivindicando a condição de novas propostas, ainda que sejam uma mera substituição de palavras que os compõem. Nessas condições, muito facilmente a atualidade temática e a cronológica podem se fundir (não deveria apenas se confundir?). Mas não há como um texto ser intrinsecamente atual para seus leitores independentemente da data da sua produção. Essa atualidade depende da leitura que cada leitor realiza.

Nesse sentido, uma contribuição duradoura, para não dizer definitiva, pode ser a formação de novos pesquisadores, com a mentalidade capaz de fazer tal leitura sem serem subjugados pela ditadura da cronologia. Essa nova geração de pesquisadores, por sua vez, precisa também se alimentar de pensamentos dessa natureza para garantir a formação de novas e novas gerações de pensadores críticos, isentos de obediência aos modismos. O *Zeitgeist* precisa representar muito mais do que o “politicamente correto” de cada época.

Ao lado desse projeto academicamente um tanto marginal, pretendo também retomar e levar adiante alguns planos pessoais e familiares, em especial as viagens. A principal, que havia planejado para o mês de julho de 2022, não pode ser realizada devido à pandemia de Covid-19. Trata-se da viagem ao Japão, desta feita com os filhos, netos, genro e nora. Os netos, embora tenham apenas $\frac{1}{4}$ de ascendência japonesa, demonstram muito interesse pelos objetos e assuntos relacionados ao Japão. Nesse sentido, creio que também para eles poderia ser uma viagem em busca de raízes.

Tenho também desejo de viajar com toda a família para o Canadá, permitindo-me fantasiar a possibilidade de os meus netos virem a vislumbrar a possibilidade de estudar num país desenvolvido e eventualmente até a construir suas famílias em um ambiente civilizado e promissor. Talvez seja totalmente ilusório, mas me permito alimentar a fantasia de que ainda há países que não sucumbiram à crise ética e moral que nos sufoca nos últimos tempos. Permito-me acreditar na possibilidade de o que fragiliza uns pode

fortalecer outros, como talvez fosse dizer Nietzsche. A minha intenção é apenas a de possibilitar a eles condições para esse vislumbre eventual.

Se as condições permitirem, pretendo também realizar outras viagens para atender a algumas das outras fantasias minhas, tanto no Brasil quanto no exterior. Conhecer culturas e pessoas diferentes, além da aventura gastronômica, é particularmente instigante e evita que a minha identidade social se acomode no conforto das fronteiras claramente definidas. A solução do quebra-cabeça identitário pode não ser o ponto de chegada.

Percebo hoje a primeira fase da minha vida, passada em Pereira Barreto e relativamente ignorada durante um longo período de tempo, talvez por ser excessivamente díspar em relação às etapas subsequentes da minha vida, como um período basilar da minha formação. A oportunidade de levantar subsídios para a biografia permitiu restaurar a memória daquele período com um olhar muito diferente, um tanto contemplativo e, ao mesmo tempo, com muito senso de ressignificação.

Voltar, ainda que apenas na memória, ao distante passado vivido e encontrar fatos significativos e ressignificá-los no contexto de toda a história passada desde então pode ser um exercício muito rico para qualquer pessoa.

Junho de 2023.

Referências

ANZOLA, F. *Copan Building*. 2008. 1 fotografia.

ARAÚJO, C. B. C. de et al. *Previsão Sazonal de Vazões para a Bacia do Orós (Ceará, Brasil): Utilizando Redes Neurais e a Técnica de Reamostragem dos K-vizinhos*. Revista Brasileira de Meteorologia, v. 35, n. 2, p. 197-207, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-7786351015>. Acesso em: 12 out. 2023.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA DA UNESP. Unesp celebra 40 anos com honras a docente, egresso e servidor. *Unesp: Faculdade de Filosofia e Ciências – câmpus de Marília*, 29 ago. 2016. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/#!/noticia/1690/unesp-celebra-40-anos-com-honras-a-docente-egresso-e-servidor/>. Acesso em: 12 out. 2023.

ASSOCIATED PRESS. *Correspondente jornalístico em meio aos destroços causados pela bomba atômica lançada sobre Hiroshima, Japão, em 1945*. 1945.

CYTRYNOWICZ, R.; CYTRYNOWICZ, M. M. *Retratos da Infância na Imigração Japonesa ao Brasil*. São Paulo: Narrativa Um, 2017.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS. *Site*. 2023. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/>. Acesso em: 12 out. 2023.

FÁBIO, A. C. O que diz a lei sobre filmar professor em sala de aula. *Nexo*, 31 out. 2018.

GREFF, M. *Kintugi*. 2023. 1 fotografia. Disponível em: <https://hemainteriors.com/blog/tecnicas-wabi-sabi-kintsugi-como-se-complementan/>. Acesso em: 20 out. 2023.

MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. *Site*. 2023. Disponível em: <https://www.bunkyo.org.br/br/museu-historico/>. Acesso em: 12 out. 2023.

NIEUWENHUIS-WORTH, I. *A Place of Enchantment*. 2011. 1 fotografia. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/ireena_1/6349891801/. Acesso em: 20 out. 2023.

O MOVIMENTO estudantil na História do Brasil. *Rio Claro Online*, 5 mar. 2015.

PEREIRA BARRETO. *Nossa História*. Disponível em: <https://pereirabarreto.sp.gov.br/nossa-historia>. Acesso em: 10 out. 2023.

RODRIGUES, I. W. [Selo postal comemorativo dos 80 anos da imigração japonesa]. [1988?]. Disponível em: <https://www.dreamstime.com/postage-stamp-printed-brazil-devoted-to-years-japanese-imigration-serie-circa-moscow-russia-december-postage-stamp-printed-image206018011>. Acesso em: 10 out. 2023.

TRINDADE, C. Alguns registros importantes sobre a história de Guarapari. *Imprensa Capixaba*, 19 set. 2020. Disponível em: <https://imprensacapixaba.com.br/2020/09/19/alguns-registros-importantes-sobre-a-historia-de-guarapari/>. Acesso em: 12 out. 2023.

U. S. NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION. *Atomic Cloud Rises Over Nagasaki, Japan*. 1945. 1 fotografia.

UNE: Uma página perdida na história. *Centro de Memória Sindical*, 27 maio 2019. Disponível em: <https://memoriasindical.com.br/formacao-e-debate/une-uma-pagina-perdida-da-historia/>. Acesso em: 12 out. 2023.

UNESCO. Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: Unesco, 1994. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394?posInSet=1&queryId=N-EXPLORE-b11e2006-066b-4c93-9ff6-dcd2ce9c00cc>. Acesso em: 10 out. 2023.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORY MUSEUM. *Introduction to the Holocaust*. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/introduction-to-the-holocaust>. Acesso em: 10 out. 2023.

USP. *IP 50 anos*. 2023. Disponível em: <https://50anos.ip.usp.br/timeline/>. Acesso em: 10 out. 2023.

Biógrafos

Camila Mugnai Vieira



É Psicóloga e doutora em Educação. Atua como docente do Departamento de Educação e Desenvolvimento Humano, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp)/Marília e do Mestrado Profissional Ensino em Saúde da Faculdade de Medicina de Marília (Famema). É Líder do Grupo de Pesquisa do CNPQ Diferença, Desvio e Estigma (Dide) e Fundadora do Coletivo de Mulheres Marília. É uma mulher cisgênero, branca, com cabelos escuros ondulados até os ombros. Sorri para a foto, na qual usa blusa e batom vermelhos e um colar de miçangas vermelhas e pretas. É Mãe da Alice.

Leonardo Santos Amâncio Cabral



É Formado em Educação Física e doutor em Educação Especial. Atua como docente do Curso de Licenciatura em Educação Especial e do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. É Líder do Grupo de Pesquisa Identidades, Deficiências, Educação e Acessibilidade (GP-IDEA). É um homem cisgênero, branco, com cabelos escuros curtos e usa barba. Sorri para a foto, na qual usa uma camiseta listrada em branco e preto.



Professor Sadao Omote é reconhecido como uma das maiores referências da Educação Especial no Brasil. Ao final da década de 1970, iniciou sua carreira acadêmica e vasta produção bibliográfica, que seguem até os dias atuais, contribuindo ativamente para transformações de paradigmas e práticas na área. Suas obras são marcadas por inovações conceituais e rigor ético e metodológico. Esta Coleção resgata, com a curadoria do próprio autor, materiais preciosos e históricos, alguns nunca publicados oficialmente. Trata-se de oportunidade valiosa para os leitores se aprofundarem em temas relacionados às deficiências e seu entorno social, como família, atratividade física, atitudes sociais, formação de professores e outros.

表
貞
夫

Camila Mugnai Vieira

Membro do Grupo de Pesquisa
Diferença, Desvio e Estigma
(Unesp/Marília)



Grupo de Pesquisa
Diferença, Desvio e Estigma
(Unesp/Marília)



Grupo de Pesquisa
Identities, Deficiencies,
Education and Accessibility
UFSCar/São Carlos